Por uma pedagogia do desenvolvimento humano

Organização:
Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares
Evanilda de Brito Lopes
Valdete Batista do Nascimentoo

editora FAMEN

Por uma Pedagogia do Desenvolvimento Humano

ORGANIZADORAS:

ANDREZZA MARIA BATISTA DO NASCIMENTO TAVARES

EVANILDA DE BRITO LOPES

VALDETE BATISTA DO NASCIMENTO

editora FAMEN

Copyright © 2023 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À FACULDADE METROPOLITANA NORTE RIOGRANDENSE – FAMEN. De acordo com a Lei n. 9.610, de 19/2/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informações ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do detentor dos direitos autorais. O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

DOI: https://doi.org/10.36470/famen.2023l2

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

P832 Por uma pedagogia do desenvolvimento humano / Organização de Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, Evanilda de Brito Lopes e Valdete Batista do Nascimento. – Natal, RN: Editora FAMEN, 2023.

5,01 Mb ; PDF

ISBN: 978-65-87028-18-7
DOI: https://doi.org/10.36470/famen.2023l2

1. Educação infantil. 2. Desenvolvimento humano. I. Tavares, Andrezza Batista do Nascimento (Org.). II. Lopes, Evanilda de Brito. III. Nascimento, Valdete Batista do (Org.). III. Título.

CDD: 370
CDU: 37

Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira CRB – 15/925

Índice para Catálogo Sistemático:
1. Educação – 370
2. Educação – 37

editora FAMEN

Rua São Severino, n. 18, Bairro Bom Pastor, Natal/RN, CEP: 59060-040 CNPJ: 23.552.793/0001-57, Inscrição Estadual: 204392322, Inscrição Municipal: 2142633, editora@famen.edu.br e telefone: (84) 3653-6770.

CONSELHO EDITORIAL

Editora-Chefe: Doutora Andrezza M. B. do N. Tavares, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.
Editor Adjunto: Doutor Fábio Alexandre Araújo dos Santos, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.
Diagramação e Projeto Gráfico: Eddean Riquemberg C. Xavier
Normalização: Miqueias Alex de Souza Pereira
Revisão de Textos: Professor Doutor Dayvyd Lavaniery Marques de Medeiros
Arte e Capa: Eddean Riquemberg C. Xavier

CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL

Presidente: Doutor Manuel Tavares (Universidade Nove de Julho – Brasil)
Doutor Bento Duarte da Silva (Universidade do Minho – Portugal)
Doutor Dionísio Luís Tumbo (Universidade Pedagógica de Maputo – Moçambique)
Doutor Gabriel Linari (Universidade de Buenos Aires – Argentina)
Doutora Cristina Rafaela Riccí (Universidade Nacional de Lomas de Zamora – Argentina)
Mestre Gustavo Adólfo Fernández Díaz (Centro de Formación Técnica de la Pontificia Universidad Catolica de Valparaiso – Chile)
Mestre Manuel Teixeira (Instituto Superior de Ciência de Educação – Angola)
Doutora Antonia Dalva França Carvalho (Universidade Federal do Piauí – Brasil)
Doutora Elda Silva do Nascimento Melo (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil)
Doutora Karla Cristina Silva Sousa (Universidade Federal do Maranhão – Brasil)
Doutora Márcia Adelino da Silva Dias (Universidade do Estado da Paraíba – Brasil)
Doutor Adir Luiz Ferreira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil)
Doutora Giovana Carla Cardoso Amorim (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Brasil)
Doutora Lucila Maria Pesce de Oliveira (Universidade Federal de São Paulo – Brasil)

COMITÊ CIENTÍFICO DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Presidente: Doutora Juliana Alencar de Souza (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN -Psicologia)
Doutor Júlio Ribeiro Soares (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN - Educação)
Doutora Leila Salim Leal (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN - Comunicação Social)
Doutora Christiane M. T. de M. Gameleira (Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA - Engenharia Civil)
Doutor José R. L. de P. Cavalcanti (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UFRN - Psicobiologia)
Doutora Kadydja K. N. Chagas (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - Educação Física)
Doutor Avelino de Lima Neto (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - Filosofia)
Doutor Sérgio L. a Trindade (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - História)
Doutor Eduardo Henrique Cunha de Farias (Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNIRN - Biologia)
Doutor Bruno Lustosa de Moura (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - Física)
Doutora Maria da C. M. Cavalcanti (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB - Administração)
Doutor José M. B. N. da Silva (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - Matemática)
Doutora Francinaide de L. S. Nascimento (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN -Educação)
Doutor José Paulino Filho (Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP - Matemática)
Doutor Marcos Torres Carneiro (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Educação)
Doutor José Flávio da Paz (Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Estudos Linguísticos)
Doutora Laércia Maria Bertulino de Medeiros (Universidade Estadual da Paraíba- UEPB – Educação)
Doutora Maria das G. de Almeida Baptista (Universidade Federal da Paraíba – UFPB - Educação)
Mestre Maria Judivanda da Cunha (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Biologia)
Mestre João Maria de Lima (Escola da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte – Linguística)
Mestre Eric Mateus Soares Dias (Escola da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte - Gestão Ambiental)
Mestre Adriel Felipe de Araújo Bezerra (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense –

FAMEN – Antropologia)
Mestre Luiz A. da Silva dos Santos (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Educação Informática)
Mestre Rayssa Cyntia Baracho Lopes Souza (Faculdade do Maciço do Baturité – FMB - Educação)
Mestre Valdete Batista do Nascimento (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Direito)
Mestre Bernardino Galdino de Sena Neto (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - História)
Mestre Wendella Sara Costa da Silva (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Geografia)
Mestre Rylanneive L. Pontes Teixeira (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Políticas Públicas).

SOBRE OS ORGANIZADORES

ANDREZZA MARIA BATISTA DO NASCIMENTO TAVARES

É pós-doutora pela Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI. Doutorado e mestrado em Ciências da Educação pela UFRN. Pedagoga, Psicopedagoga e Jornalista pela UFRN. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), onde realiza atividades de ensino, pesquisa, extensão e internacionalização. No IFRN, atua como Professora do Programa de Pós-Graduação Acadêmica (PPGEP/IFRN), do Mestrado Profissional em Ensino de Física (MNPEF/IFRN) e dos Cursos Superiores de Graduação. Coordenadora Institucional do Programa Pibid/IFRN, financiado pela agência de fomento CAPES, no período de 2013 até 2018. Coordenadora Institucional do Programa de Residência Pedagógica/IFRN, financiado pela agência CAPES, de 2018 até o ano corrente. Coordenadora do Projeto de Extensão "Diálogos sobre Capital Cultural e Práxis do IFRN" desde 2017. Membro dos Grupos de Pesquisa vinculados ao CNPQ: "Escola Contemporânea e Olhar Sociológico" (ECOS), da UFRN e "Observatório da Diversidade" (ObDiversidade), do IFRN. No Jornalismo, integra a equipe de redação e de reportagem dos veículos de comunicação "Potiguar Notícias" (jornal eletrônico) e "PNTV" (TV digital). As atividades profissionais realçam proximidade com os objetos de pesquisa: Formação Profissional de professores, Educação Profissional, Ensino Superior, Processos Cognitivos, Teorias da Aprendizagem, Teorias da Comunicação, Educação Escolar e Não-Escolar.
E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

EVANILDA DE BRITO LOPES

Possui graduação em PEDAGOGIA pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem Experiência na Área de Educação, com ênfase em Gestão Escolar e Formão Docente. Especialista em Gestão Escolar, Políticas Públicas e Psicopedagogia Institucional e Clinica. Mestre em Ciências da Educação pela Lusofona/PORTUGAL. Cursando atualmente

Doutorado em Ciências da Educação. Atuando como investigadora da LINHA DE PESQUISA: ESTADO, POLÍTICAS EDUCATIVAS, FORMAÇÃO DO PROFESSOR E MUDANÇAS SOCIAIS. Atualmente professora das Licenciaturas e Especializações Lato Sensu, atuando principalmente nos seguintes temas Currículo, Formação Docente, Políticas Educacionais e Metodologia de Ensino. e Professora aposentada da rede Estadual e Municipal do RN/Brasil. É pesquisadora junto ao CNPq na área de GESTÃO ESCOLAR E FORMAÇÃO DOCENTE desde os anos 90, se insere nas políticas de valorização do Ensino, desenvolvendo estudos e pesquisas na educação, atuando principalmente na Formação Inicial do Professor com foco no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID): tendo como principal articulação a Formação Docente do IFRN: o PIBID e o Estágio Docente?

VALDETE BASTISTA DO NASCIMENTO

Graduada em Direito pela Faculdade Maurício de Nassau - Natal (2012) e Graduada em Filosofia pelo Instituto Superior de Educação de Pesqueira (ISEP). Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional e Clinica (ISEP). Mestra em Ciências da Educação, área de especialização em Educação de Adultos, pela UMINHO-PT e Diretora Geral da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

E-mail: valdetenascimento2060@gmail.com.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetividade – 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 43, 45, 46, 80, 116, 160, 161, 173, 197.

Ambiente hospitalar – 39, 40, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 51.

Aprendizagem – 21, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 39, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 51, 53, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 75, 78, 80, 82, 85, 86, 87, 88, 97, 98, 101, 104, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 120, 121, 123, 125, 126, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 166, 170, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 194, 195, 197, 202.

Autismo – 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 69, 71.

B

Brincadeiras – 45, 46, 52, 53, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 132, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 143, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 172, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 199.

Brinquedoteca – 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 53.

C

Cognição – 29, 36, 43, 76.

Contação de histórias – 75, 77, 78, 79, 80, 84, 85, 87, 119.

Criança – 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 40, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 60, 161, 162, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198.

D

Desenvolvimento humano – 11, 13, 16, 153.

E

Educação infantil – 22, 40, 59, 66, 75, 77, 80, 82, 83, 85, 87, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 102, 103, 105, 106, 107, 111, 113, 114, 116, 118, 119, 122, 123, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 161, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 193, 195, 196, 198,

Ensino

Ensino regular – 57, 61, 62, 67, 69, 71.

I

Inclusão – 57, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 135, 137.

Instrumento de aprendizagem – 12, 75.

J

Jogos – 44, 45, 92, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 121, 134, 135, 148, 149, 150, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 186, 190, 191, 193, 194, 195.

L

Lúdico – 39, 40, 41, 46, 53, 78, 79, 86, 96, 97, 116, 118, 120, 131, 134, 135, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 161, 185, 194, 195.

M

Música – 75, 83, 95, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125.

P

Parceria entre família e escola – 166.

Pedagogia – 28, 41, 48, 49, 50, 51, 53, 119.

S

Socialização – 43, 47, 51, 59, 76, 93, 118, 123, 137, 143, 159, 178, 180.

editora FAMEN

Apresentação

APRESENTAÇÃO

O manuscrito eletrônico intitulado "Por uma Pedagogia do Desenvolvimento Humano", vinculado ao curso de Pedagogia da Faculdade do Maciço de Baturité (FMB), por meio da Educação a Distância (EaD), na cidade de Ielmo Marinho no estado do Rio Grande do Norte (RN). O livro *online* tem como foco contribuir para a divulgação de resultados de pesquisas científicas na área das ciências da educação.

Sistematizado para socializar pesquisas realizadas no intervalo entres 2021 e 2022, possui caráter interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, ao receber contribuições de diversas áreas e campos de saberes. O manuscrito disponibiliza por meio de versão eletrônica acesso internacional e gratuito para as ideias relacionadas ao campo da educação. O livro "Por uma Pedagogia do Desenvolvimento Humano" possui 10 (dez) capítulos que abordam diversos temas em torno da Pedagogia.

O livro inicia com o capítulo intitulado "A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem", de autoria de Érica Fernandes de Lima, Evanilda Brito de Lopes e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares. As autoras destacam a importância da afetividade para o desenvolvimento e a aprendizagem através da pesquisa de cunho exploratório.

No segundo capítulo, "As contribuições da brinquedoteca no ambiente hospitalar como facilitador de aprendizagem", as autoras Joana D'arc Araújo de Lira, Evanilda de Brito Lopes e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares trazem contribuições sobre os contributos da brinquedoteca no ambiente hospitalar como facilitador da aprendizagem para a reabilitação global de crianças em tratamento de longa duração.

O terceiro texto "A inclusão de alunos com autismo no ensino regular", escrito por Joselita Kaline Gonçalves Carlos da Silva, Evanilda de Brito Lopes e Valdete Batista do Nascimento trata sobre conhecer o transtorno do espectro do autismo que reuni desordem no desenvolvimento neurológico, apresentando dificuldades em se comunicar, dificuldades na linguagem verbal, na comunicação social e na reciprocidade sócio emocional. A pessoa com autismo apresenta padrões restritos e repetitivos de comportamentos, expressando movimentos contínuos, interesses fixos e hipersensibilidades a estímulos sensoriais.

O quarto capítulo "A importância da contação de histórias como instrumento de aprendizagem na educação infantil", de Jucielly Nunes Gonçalves, Evanilda de Brito Lopes e Valdete Batista do Nascimento propõe uma reflexão sobre como promover o desenvolvimento da aprendizagem das crianças na educação infantil a partir da participação das mesmas nos momentos de contação de histórias. Principalmente tratando-se da etapa da educação infantil em que as crianças buscam entender o mundo de uma maneira muito particular e própria típico da idade. A contação de histórias dentro da proposta pedagógica surge como uma importante ferramenta no processo cognitivo da criança.

As autoras Lucitânia Salustriano de Lima e Evanilda de Brito Lopes escrevem o quinto capítulo intitulado "Jogos e brincadeiras na educação infantil: uma forma lúdica de aprender". Tem como objetivo identificar a contribuição dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento cognitivo da criança na educação infantil. O capítulo busca resposta para a seguinte problemática: Como os jogos e brincadeiras no espaço escolar contribuem no desenvolvimento cognitivo da criança na educação infantil?

O sexto capítulo, intitulado "A importância da música na educação infantil: um olhar do pedagogo", escrito por Maria Aparecida da Silva Lima

e Evanilda de Brito Lopes trata sobre a importância do acesso e da aquisição musical na educação infantil. O capítulo toma como objetivo geral analisar as contribuições que o ensino da música proporciona no desenvolvimento das crianças na educação infantil a partir da forma como é mediada pelos educadores.

Escrito por Maria Rosilene Barbosa da Silva e Evanilda de Brito Lopes, o capítulo sete "O brincar como ferramenta de aprendizagens na educação infantil" tem como objetivo identificar o brincar como ferramenta de aprendizagens na educação infantil. A pesquisa conclui que o ato de brincar na infância promove o desenvolvimento social sendo, por isso, considerado uma atividade central na oferta curricular da educação infantil.

Neuma Correia de Siqueira, Evanilda de Brito Lopes e Valdete Batista do Nascimento, no capítulo oito "O brincar como ferramenta de aprendizagem na educação infantil" analisa as contribuições dos jogos e brincadeiras como processo de ensino-aprendizagem na educação infantil e evidencia as contribuições da utilização destes dos recursos pedagógicos lúdicos.

No nono capítulo Patrícia Alves do Nascimento e Evanilda de Brito Lopes, "A importância da parceria entre família e escola como ferramenta de aprendizagem" discute sobre o tema da sociologia da educação. O capítulo reflete sobre os papeis que a família e a escola devem desempenhar no crescimento e no desenvolvimento dos estudantes.

Por fim, o décimo capítulo "A importância das brincadeiras na educação infantil: uma forma lúdica de aprendizagem", de autoria de Rozangela Souza de Lima e Evanilda de Brito Lopes. O capítulo objetiva sensibilizar que o brincar é uma ferramenta que contribui para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança, haja vista que,

quando as crianças estão mais preparadas para atuar com a brincadeira na educação infantil o seu desenvolvimento é bem mais satisfatório.

Este e-book se constitui em oportunidade de compartilhamento de saberes, reflexões, questões teóricas e práticas de professores pesquisadores que atuam na área da infantil com domínio teórico nos campos epistêmicos assinalados e com autoria de conhecimento para responder aos desafios colocados para a formação de cidadãos e profissionais da Pedagogia críticos e transformadores.

Que o manuscrito favoreça uma leitura prazerosa e proporcione bons debates!!!

Prefácio

Profa. Dra. Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares
Chefe da Editora FAMEN

PREFÁCIO

A temática do *e-book* pertence ao importante campo da Pedagogia enquanto ciência da educação. O livro digital intitulado "Por uma Pedagogia do Desenvolvimento Humano" apresenta ricos relatos de experiências acadêmicas de egressos do curso de Pedagogia da Faculdade do Maciço de Baturité (FMB), realizados em diferentes contextos formativos que foram *locus* de imersão na travessia do curso de licenciatura vivenciada no formato de Educação à Distância (EAD).

O Programa de graduação em licenciatura da Faculdade FMB é uma das ações que integram a Política de Formação de Professores da Instituição de Ensino Superior. A oferta de licenciatura em Pedagogia tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática dos profissionais da educação, inclusive com o estudo sobre a atuação do pedagogo em áreas correlatas à educação, por meio da imersão de acadêmicos em laboratórios de aprendizagens teóricas e práticas, conforme orienta o Ministério da Educação (MEC).

Com o intuito de ressaltar a importância que a graduação em Pedagogia possui para os trabalhadores da educação no Brasil, o presente *e-book* registra as impressões de pesquisadores da Faculdade FMB em nível de graduação. O livro possibilita conhecer melhor o importante Programa de formação inicial de professores da Faculdade FMB tão necessário para o desenvolvimento do Brasil. Ademais, o *e-book* é também um rico instrumento de avaliação da oportunidade formativa proporcionada pela oferta de cursos EaD da Faculdade FMB no Rio Grande do Norte.

O *e-book* contempla, entre outras atividades: 1) regência de sala de aula, 2) intervenção pedagógica em escolas, 3) socialização de experiência na área de ensino e 4) orientação de docentes da Instituição Formadora

FMB. A qualificada imersão na pesquisa possibilitou aos autores dos capítulos desenvolverem habilidades e competências que lhes possibilitam condições de desenvolvimento profissional sintonizada com qualidade de práticas em diversos contextos educativos.

Ao prestigiar este livro, o leitor perceberá a preocupação de seus organizadores em valorizar as experiências relatadas pelos autores e pesquisadores dando ênfase à superação de dificuldades e aos obstáculos encontrados nas experiências pedagógicas formativas.

É fascinante compreender e valorizar o Programa de Graduação da Faculdade FMB a partir dos desafios enfrentados pelos seus acadêmicos de Pedagogia que se esforçaram para estudar e desenvolver metodologias de ensino mediadoras de aulas criativas e transformadoras no Rio Grande do Norte.

Para quem se interessa pela temática da educação, em particular, pelo campo da Pedagogia, este *e-book* é leitura recomendada e indispensável.

Boa leitura!

Profa. Dra. Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

Chefe da Editora FAMEN (2019-atual)

SUMÁRIO

1. A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM
Autoria: Érica Fernandes de Lima / Evanilda de Brito Lopes / Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

2. AS CONTRIBUIÇÕES DA BRINQUEDOTECA NO AMBIENTE HOSPITALAR COMO FACILITADOR DE APRENDIZAGEM
Autoria: Joana D'arc Araújo de Lira / Evanilda de Brito Lopes / Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

3. A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NO ENSINO REGULAR
Autoria: Joselita Kaline Gonçalves Carlos da Silva / Evanilda de Brito Lopes / Valdete Batista do Nascimento

4. A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Autoria: Jucielly Nunes Gonçalves / Evanilda de Brito Lopes / Valdete Batista do Nascimento

5. JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA FORMA LÚDICA DE APRENDER
Autoria: Lucitânia Salustriano de Lima / Evanilda de Brito Lopes

6. A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR DO PEDAGOGO
Autoria: Maria Aparecida da Silva Lima / Evanilda de Brito Lopes

7. O BRINCAR COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Autoria: Maria Rosilene Barbosa da Silva / Evanilda de Brito Lopes

8. A CONTRIBUIÇÃO DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Autoria: Neuma Correia de Siqueira / Evanilda de Brito Lopes / Valdete Batista do Nascimento

9. A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ENTRE FAMILIA E ESCOLA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM
Autoria: Patrícia Alves do Nascimento / Evanilda de Brito Lopes

10. A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA FORMA LÚDICA DE APRENDIZAGEM

Autoria: Rozangela Souza da Silva / Evanilda de Brito Lopes

editora FAMEN

Capítulo 1

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

Érica Fernandes de Lima
Evanilda de Brito Lopes
Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

1

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

Érica Fernandes de Lima[1] **// Evanilda de Brito Lopes**[2] **//**

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares[3]

INTRODUÇÃO

Em meio a tantas mudanças na sociedade, a afetividade torna-se cada vez mais importante para auxiliar na aprendizagem, e também na relação entre professor, aluno e família. O professor tem por dever ensinar conteúdos aos seus alunos, mas também devido a atual demanda educativa, deve ensiná-los a conseguir, respostas para as indagações que por muitas vezes são persistentes, e por isso ter uma relação afetiva com eles, ajuda a conhecê-los melhor, conhecer a sua realidade, suas tradições.

Assim como é de grande importância, as metodologias de ensino que são usadas no cotidiano escolar, o afeto também é muito importante para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Os profissionais da educação precisam compreender cada criança, suas carências, pois cada cabeça de uma criança é um universo a ser conhecido e cuidado, tornando-as cada vez mais seguras, confiantes e amadas.

[1] Aluna Érica Fernandes de Lima. Curso de Pedagogia pela Faculdade FMB. E-mail: ericafernandez@gmail.com.

[2] Orientadora: Mestre em Ciências da Educação pela /ULHT, Especialização em Políticas Públicas /FIP, Gestão Escolar e Psicopedagogia Institucional e Clinica. Graduada em PEDAGOGIA pela UFRN. Professora da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense/FAMEN. E-mail: evanilda@famen.edu.br.

[3] Pós-doutora pela Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI, e-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

A afetividade no âmbito da família e a escola assumem o papel da educação formal. E se a educação familiar for embasada no afeto e no respeito e a educação formal seguir a mesma linha de equilíbrio e afetividade, "a constituição da estrutura da afetividade, contribuem de forma significativa as diferentes modalidades de descarga do tônus, as relações interpessoais e a afirmação de si mesmo, possibilitada pelas atividades de relação" (WALLON, 1989, p. 14).

A criança quando se sente amada, tem um melhor desenvolvimento, tanto em sala de aula, como em meio a sociedade. É muito importante que os professores da educação infantil tenham consciência que a afetividade ocorra de forma bem sensível mais que predomine no cotidiano das crianças, possibilitando seu aprendizado sem desvincular do ser criança, com suas necessidades e interesses de cada uma.

Para fundamentar essa pesquisa, foram utilizados estudos de pesquisas bibliográficas em artigos via Internet, trabalhos científicos e autores que falam sobre o tema. O referido estudo elegeu como principais teóricos Antunes (2008), Wallon (1989), Medeiros (2010) entre outros.

Entende-se que toda a relação quer sejam profissionais ou pessoais, devem ser permeadas pela afetividade, e esta pode ser legitimada por todos, em qualquer faixa etária e em qualquer nível social e cultural

Portanto, nos dias atuais as relações interpessoais estão cada vez mais ficando comprometidas, e com isso o espaço construído dentro da etapa da educação infantil está se tornando um espaço essencial na construção do desenvolvimento, tanto afetivo como social do sujeito.

Em várias pesquisas acadêmicas, verifica-se que deve sim haver um consenso entre a família e a escola para se fazer parte de todas as práticas educacionais para a formação do sujeito, neste trabalho fala-se sobre o que

é afetividade, qual sua importância na aprendizagem, e qual a importância do educador na vida do educando.

> O principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, e não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram, homens que sejam criativos, inovadores e descobridores. O segundo objetivo da educação é formar mentes que possam ser críticas, possam verificar e não aceitar tudo que lhes é oferecido (PIAGET, 1982, p. 5).

O professor que toma posse dos estudos acerca do uso da afetividade enquanto ferramenta que possibilita uma aprendizagem significativa, de certo verá uma grande diferença dentro do ambiente criado em sala de aula e que se estende por todo espaço escolar. Trata-se de enxergar o aluno em sua completude, seus anseios, seus interesses e assim descobrir a melhor forma de ensinar os conteúdos que precisa.

O motivo do qual os docentes veem a afetividade na aprendizagem, como a afetividade pode ser tão importante para o desenvolvimento cognitivo na infância. Os principais objetivos desse artigo cientifico é entender a importância e o valor do afeto para o desenvolvimento da criança, podendo assim identificar características que contribuem de forma negativa ou positiva na formação do indivíduo.

Para educar um aluno, primeiro é preciso estabelecer com ele uma relação pedagógica pautada no afeto, atenção e respeito, pois desta maneira ele terá orgulho do professor e vai ouvi-lo com atenção e simpatia. esta conquista envolve um enorme investimento de energia afetiva, canalizada para a relação estabelecida entre aluno e professor.

Neste sentido, Codo (2009, p. 50) comenta: "O professor precisa de que os alunos estejam do seu lado se estiverem contra ele, funcionarão como obstáculo a qualquer conteúdo a ser assimilado". Portanto, não se

pode esquecer-se da importância de um professor motivado a ensinar e de alunos participativos que buscam realmente aprender, no entanto compreender que na realidade isso nem sempre acontece então é aqui que entra o carisma que o professor precisa ter para conquistar o aluno pois é de grande necessidade o envolvimento do mesmo dentro da atividade escolar para que se fixe melhor o conteúdo, contribuindo assim com o processo de aprendizagem e crescimento intelectual.

O referido artigo cientifico está dividido em introdução, revisão da literatura, também discute sobre a importância da afetividade na aprendizagem. Afetividade e confiança da criança no contesto escola. A afetividade no ambiente escolar como facilitador da aprendizagem, metodologia e resultados e discussões, por fim as considerações e referências.

REVISÃO DE LITERATURA

A importância da afetividade na aprendizagem

Sentir-se bem, acolhido e incluso em um ambiente, é de suma importância para que possamos agir de forma natural e assim conseguir desenvolver adequadamente as atividades que nos forem propostas. Falar de aprendizagem é falar de estar inserido em situações que nos permitam aprender, mas também é falar das relações sociais que construímos dentro do ambiente escolar.

A aprendizagem encontra-se alicerçada nas muitas formas de relação que desenvolvemos relação conosco, com as pessoas que nos ensinam, com os colegas de turma e com a nossa família que é onde

recebemos os primeiros estímulos e onde também as primeiras aprendizagens acontecem.

> A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem a geografia, mas também que a sintam. [...] as reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo (VYGOTSKY, 2003, p. 121).

As questões afetivas estão presentes no processo de aprendizagem de modo a proporcionar confiança naquele que aprende para com aquele que está ensinando. É através da afetividade, dos laços que construímos na convivência que nós abrimos a ouvir as pessoas, a confiar nelas e aceitar que nos ajudem, nos ensinem. Um ambiente que nos transmite afeto e segurança é também um ambiente onde nos sentimos confortáveis para estar, para ser e para arriscar na tentativa de novas coisas e novos conhecimentos.

De acordo com Antunes (2008, p. 1),

> A origem biológica da afetividade, como se percebe, destaca a significação do "cuidar". O amor entre humanos surgiu porque sua fragilidade inspirava e requeria cuidados e a forma como esse cuidar se manifesta é sempre acompanhada da impressão de dor ou prazer, agrado ou desagrado, alegria e tristeza. Percebe-se, portanto, que afetividade é uma dinâmica relacional que se inicia a partir do momento em que um sujeito se liga a outro por amor e essa ligação embute um outro sentimento não menos complexo e profundo. A afetividade, ao longo da história, está relacionada com a preocupação e o bem-estar do outro; a solidariedade não apareceu na história humana como sentimento altruísta, mas como mecanismo fundamental de sua sobrevivência.

A relação com o outro diz muito sobre a forma como nos relacionamos consigo mesmos e a forma com que lidamos com nossas próprias questões. A afetividade é a chave para as questões relacionais. Quando temos um bloqueio em relação a uma determinada pessoa, consequentemente não conseguiremos aprender aquilo que ela está nos ensinando pois não há uma relação de segurança e até mesmo de cumplicidade onde nos sintamos à-vontade para acertar e errar no processo de aprender.

Wallon (1972) conclui que,

> [...] contribui ao iluminar com outro foco como se dão as passagens de um momento a outro do processo de desenvolvimento: a criança passará por diferentes fases, cuja superação se dará por meio da vivência de uma ruptura, ou, nas palavras do autor, de uma crise. Nesse sentido, esse momento de ruptura é de fundamental importância e deve ser valorizado, uma vez que, tendo acumulado experiências envolvidas outros recursos, em determinado momento o sujeito necessita haver-se com essas coisas para garantir seu processo de individuação e auto nomeação (WALLON, 1972, p. 40).

Nesse contexto, a afetividade está presente no processo educacional de um sujeito, mas não se encerra neste processo nem tão pouco é exclusivo dele. A afetividade é algo muito maior, é próprio da natureza humana dentro de uma perspectiva do cuidar, do relacionar-se consigo mesmo e com o outro. Uma afetividade bem desenvolvida permite a criança acreditar nas suas capacidades e habilidades e assim crescer e desenvolver-se de forma natural e equilibrada.

De acordo com Taille, Oliveira e Dantas (1992, p. 65),

> Quando se trata de analisar o domínio dos afetos nada parece haver de muito misterioso: a afetividade é comumente interpretada como uma energia; portanto, como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite sem dúvida que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está a seu serviço.

É a afetividade que impulsiona a ação e assim podemos dizer também que é a afetividade que impulsiona a aprendizagem, pois o desenvolvimento da inteligência está ligado a afetividade assim como a motivação está ligada ao aprender. A criança busca aprender aquilo que de alguma forma lhe desperta interesse e partindo disto abre-se um canal para novas aprendizagens que vão surgindo a partir de objetos de conhecimento. Podemos dizer então que a afetividade surge como peça fundamental na constituição da inteligência.

Afetividade e confiança da criança no contesto escolar

Se tomarmos como exemplo uma criança no contexto escolar e está sendo ensinada a andar de bicicleta, percebemos que os responsáveis colocam rodinhas na bicicleta para evitar que a criança sofra uma queda, no entanto a criança só encontra segurança quando percebe que o adulto está atrás a dar suporte segurando a bicicleta. No entanto essa segurança só existe porque a criança confia naquele adulto, porque existe um vínculo afetivo que possibilita tal confiança.

> (...) A estabilidade do mundo começa no coração da criança. Por isso, na LBV aplicamos há tantos anos, a

> Pedagogia do Afeto e a Pedagogia do Cidadão Ecumênico. E mais: (...) O afeto que inspira a nossa pedagogia, tomado em seu sentido supino, é, além de um sentimento de alma elevada, índole, mas exaltada, em consonância com a Justiça Social, como uma estratégia de uma estratégia política, igualmente compreendida na sua sobrevivência para o indivíduo, povos e nações. Os seres humanos, portanto, os cidadãos, entre eles os esperançosos jovens são muito mais do que um saco de carne, ossos, músculos, nervos, sangue. Amam e sofrem. Sonham, desejam, constroem, frustram-se e, apesar de tudo, prosseguem, vão em frente... Merecem, além de leis, respeito para que elas jamais constituam obscuros privilégios, e possam ser cumpridas em benefício de todos (...) (PERIOTTO, 2009, p. 22).

Ao pensar no aprendizado de uma criança devemos considerar o sujeito de forma global, como um todo. Não apenas fisicamente, mas emocionalmente, visto que o emocional está ligado ao cognitivo. Pensar que a criança tem uma vida, uma família, anseios, frustrações, medos, incertezas, alegrias, sonhos e também planos é pensar no sujeito que aprende e que pra isso precisa estar bem, sentir-se bem.

A confiança da criança no adulto que se encontra no ambiente escolar, somada a vontade de aprender faz com que o aprendizado aconteça e a criança comece a dar as primeiras pedaladas. Em um determinado momento o adulto vai soltar a bicicleta e permitir que a criança pedale sozinha. Isso deve ser informado a criança respeitando seu tempo de aprender e de sentir-se pronta para pedalar sozinha. É nisto que consiste a afetividade, apoiar, estimular, dar segurança e construir junto um ambiente onde a aprendizagem possa acontecer.

> Os sentimentos e as operações intelectuais não constituem duas realidades separadas e sim dois aspectos complementares de toda a realidade psíquica,

> pois o pensamento é sempre acompanhado de uma tonalidade e significado afetivo, portanto, a afetividade e a cognição são indissociáveis na sua origem e evolução, constituindo os dois aspectos complementares de qualquer conduta humana, já que em toda atividade há um aspecto afetivo e um aspecto cognitivo ou inteligente (PIAGET, 1983, p. 234).

Quando a família constrói e desenvolve uma boa relação junto a criança no processo de aprendizagem, a criança busca aprender cada vez mais e melhor pois quer ouvir coisas positivas de seus pais ou responsáveis. Ir as reuniões do colégio, participar dos eventos e datas comemorativas, acompanharem o desempenho e desenvolvimento da criança, ajudar nas tarefas de casa, tudo isso colabora para uma aprendizagem significativa e consequentemente mais eficaz. A criança percebe que não está sozinha no processo de aprender.

> A família é, indiscutivelmente, a principal responsável pelos primeiros ensinamentos cuidados com as crianças e jovens. Consciente ou inconscientemente, ela prepara os filhos para conviver com a sociedade, imprimindo pensamentos e ações acordam com sua cultura; posteriormente, surge a escola, como objetivo, de ensinar conteúdos, mas também imprimindo regras e normas de convivência muito explicitas, sendo que os alunos são cobrados por cumpri-las nas relações que estabelecem dentro desse ambiente tão heterogênico (BERALDI, 1992, p. 88).

A formação da personalidade e a resposta aos estímulos do ambiente, estão interligados aos aspectos emocionais e por assim dizer afetivos do sujeito. Relações construídas com base no respeito e confiança são pautadas em um desenvolvimento cognitivo, emocional e pessoal saudável, no entanto, a ausência do afeto pode resultar num comportamento antissocial, onde a criança desenvolva traumas. Em alguns

casos se faz necessário um acompanhamento psicoterapêutico para auxiliar no restabelecimento das autoestimas na identificação junto a sua própria história.

Quando os motivos que provocam os estados de bem estar e mal estar, já não são limitados às sensibilidades inteiro próprio e externo, mas já envolvem a chamada sensibilidade ao outro, a afetividade passa para outro patamar, já que de base fortemente social. Assim a "afetividade evolui para uma ordem moral e seus motivos são originados das relações indivíduo outrem, sejam relações pessoais ou sociais" (WALLON, 1968, p. 53).

Entendeu-se que a afetividade está ligada as inteligências de modo a proporcionar melhores condições no aprender podem afirmar que a carência afetiva, influencia diretamente no desenvolvimento e mesmo na construção da personalidade e identidade. Desenvolver a autoestimas da criança é dar condições para a criança se reconhecer enquanto autor da própria história.

A afetividade no ambiente escolar como facilitador da aprendizagem

O educador por sua vez, possuí a missão de mediar o processo junto ao conhecimento, estimular a criança junto a família pois sem a parceria família e escola haverá muitas dificuldades e entraves neste processo. Cabe ao educador proporcionar um encantar-se por parte do aluno, preparar o ambiente para acolhê-lo, estimular a criança a construir sua aprendizagem sentindo-se parte importante no processo de conhecimento.

> A relação professor-aluno deve ser construída primeiramente com base no diálogo. É através deste que podem ser detectados opiniões e problemas comuns a praticamente todo ser humano e estabelecido o companheirismo entre ambos, traduzindo-se assim,

> numa melhor prática educativa e numa sólida aprendizagem (MEDEIROS, 2010, p. 05).

Ajudar quando errar, parabenizar quando fizer o correto, contar histórias que lhe façam refletir, são inúmeras as possibilidades para uma aprendizagem assertiva tendo a afetividade como ferramenta de auxilio em sala de aula. A carga emocional que a criança colocará em tudo que lhe é apresentado, irá fazer com que aquele que foi aprendido não seja esquecido pois foi aprendido de forma significativa.

Falar de afetividade no ambiente escolar é reconhecer que o afeto pode e deve ser visto como um grande recurso na prática pedagógica do professor. Quando aluno e professor constroem um vínculo afetivo no cotidiano escolar, é provável que o aluno comece a agir de forma mais participativa em sala de aula e nos projetos e atividades que serão desenvolvidos.

> Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais o pensamento, devemos fazer com que as atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm mostrado que um fato impregnado de emoção é recordado mais sólido, firme e prolongado que um feito indiferente. Cada vez que comunicarem algo ao aluno tente afetar seu sentimento. A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento (VYGOTSKY, 2003, p. 121).

Nas interações que aconteceram neste ambiente afetivo, poderá ser observado que o diálogo ocorrerá de forma mais natural e com mais fluidez. Será possível conhecer melhor o aluno e identificar quais as suas relações com a aprendizagem, de que forma aquele aluno aprenderá melhor.

Partindo deste processo de conhecer o aluno, o professor terá então uma importante ferramenta que o ajudara a pensar e repensar sua pratica

dentro das possibilidades que podem proporcionar uma aprendizagem mais significativa que atenderá as particularidades do aluno de modo particular e também inserido dentro contexto de grupo em sala de aula.

> [...] Como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educados e à prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educados, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre "seriedade docente" e "afetividade". Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar (FREIRE, 1996, p. 159).

O professor que conhece seu aluno, é capaz de pensar estratégias voltadas para suas necessidades educacionais e cognitivas em geral, o aluno que confia no professor, não terá receio em tirar dúvidas, pois reconhece no educador a figura de alguém que está ali para ajudá-lo a conquistar o saber.

A afetividade está relacionada diretamente com a autoestimas e um aluno que se sente bem consigo mesmo e com os outros terá muitas oportunidades de aprender e de se expressar dentro e fora do ambiente escolar. Mas se os nossos alunos não se sentem bem, certamente não irá se expressar ou ao menos não da forma adequada e conseguintemente sua aprendizagem estará completamente comprometida.

Segundo Freire (1996, p. 96):

> O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu

> pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996, p. 96).

Trabalhar a afetividade no ambiente escolar é entender que nem todos os dias o aluno estará bem e pronto para aprender. É perceber que o sentimento e o emocional interferem diretamente no processo de aprendizagem e por isso requer cuidado. É cuidar da inteligência emocional de nossas crianças junto a família. É estimular nosso aluno para que ele perceba que há muito conhecer, mas que aquilo que ele já conhece também conta muito.

Portanto afeto do professor é uma coisa estimulante tanto no aspecto extraclasse quanto dentro da instituição escolar, pois apesar dos diferentes caminhos e dos mais impactantes elos que vem promovendo as melhores condições de desenvolvimento da pessoa como um todo, vendo que sem esse fio de ligação a coisa se torna um pouco desarmônica.

METODOLOGIA

Para a produção deste artigo foram utilizados os métodos de pesquisa descritiva e revisão bibliográfica. A pesquisa descritiva permitiu a reunião dos dados nos qual se baseia este artigo partindo assim de um estudo acerca da importância da afetividade no processo de aprendizagem, tendo como base ainda o senso comum, a experiência de estágio e principalmente alicerçado na revisão bibliográfica composta pelo estudo dos principais autores e pensadores da área da educação e principalmente os que abordam a afetividade dentro do processo educacional.

Para isso, as pesquisas e metodologia deste artigo estão baseadas em estudos pensadores que contribuíram com seus trabalhos e estudos pertinentes ao tema abordado. Partindo deste estudo, pretende-se evidenciar a importância da afetividade dentro do processo de ensino e contemplada como ferramenta importante na prática pedagógica no desenvolvimento da criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vale salientar a importância do professor/mediador no processo de construção deste saber, que viabiliza o conhecimento do aluno de forma integral, principalmente nos aspectos, cognitivo e emocional. Pois através é que ocorre a união entre um ser que aprende e outro que ensina. O professor afetivo tem como papel ser controlador e ao mesmo tempo modificador dos conceitos a serem repassados e se for preciso fazer mudanças.

Assim percebesse que na conexão entre professor e aluno deve haver afeto absoluto, até mesmo para que se obtenha uma boa produção no trabalho, atingindo assim os objetivos esperados. Já que o cume principal é o aprendizado do aluno e para que isso aconteça muitos fatores são necessários, como por exemplo: capacidades intelectuais desejam de aprender e conhecer, um professor com conhecimento aprofundado sobre os conteúdos

A autoestimas e a afetividade junta irá refletir de forma positiva no comportamento, nas ações e na tomada de decisões da criança. Do contrário uma criança com autoestimas baixa irá se isolar no convívio com outras pessoas ou irá procurar chamar atenção querendo a atenção para si, sentindo-se inferior na maioria das vezes.

Muitos julgam que a educação está cada vez mais complexa, por isso o aluno deve vir sempre em primeiro lugar junto com seus conceitos próprios que jamais devem ser deixados de lado, pois seu progresso depende disso. O que os alunos trazem para o ambiente escolar deve ser colocado em evidencia: duas características individuais que são algo muito peculiar podem ser exploradas nesta sociedade educativa.

O aluno é o sujeito auto construtivo de seu processo de aprendizagem, precisando então de seus orientadores que o conduzirão aos caminhos de seu desenvolvimento pessoal. Se o professor não gosta do educando, um exemplo, deixando-se ser percebido pode até atrapalhar o aprendizado, pois boa convivência é importante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que o afeto é muito importante para que o professor e os alunos possam experimentar um ambiente escolar considerado eficiente frente as demandas atuais. É muito importante para o aluno sentir-se importante, valorizado, compreendida para que assim possa abrir-se a aprender, a errar e a acertar neste processo. O professor deve conhecer os alunos, a comunidade, analisar a escola onde trabalha, assim como reconhecer tudo o que se apresenta como problema

Portanto, o afeto tem que estar presente em todos os momentos, qualquer que seja a profissão e o ambiente em que esteja inserido, ter afeto com as crianças é fazer com que se tornem mais seguras, para que tenham um bom desenvolvimento, tanto nos aspectos cognitivos e também no aspecto emocional.

Concluímos que o afeto permeia os relacionamentos construídos dentro e fora do ambiente escolar, por isso, é necessário que os professores

se questionem, a fim de tomarem consciência da importância desse afeto, para buscar recursos de melhoria nesse sentido.

Uma educação significativa é uma educação que prepara o aluno para agir enquanto sujeito responsável. Escola e família juntos conseguem acompanhar, mediar e contribuir para o crescimento e desenvolvimento desse sujeito. A afetividade é por tanto uma ferramenta a disposição da educação, da formação e da construção do caráter e cognição das crianças que nos comprometemos a educar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Como ensinar com afetividade**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

BERALDI, E. de M. **A importância da afetividade no processo ensino aprendizagem nos finais do ensino fundamental**. São Paulo: Atlas, 1992.

CODO, W. **Educação**: Carinho e Trabalho. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MEDEIROS, M. F. **O papel da afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 2010.

PERIOTTO, S. **Manual da Pedagogia do Afeto e Pedagogia do Cidadão Ecumênico**. São Paulo: Editora Elevação, 2009.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PIAGET, J. Problemas de Psicologia Genética. *In*: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole,1986.

WALLON, H. **As origens do pensamento da criança**. São Paulo: Manole, 1989.

editora FAMEN

Capítulo 2

AS CONTRIBUIÇÕES DA BRINQUEDOTECA NO AMBIENTE HOSPITALAR COMO FACILITADOR DE APRENDIZAGEM

Joana D'arc Araújo de Lira
Evanilda de Brito Lopes
Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

2

AS CONTRIBUIÇÕES DA BRINQUEDOTECA NO AMBIENTE HOSPITALAR COMO FACILITADOR DE APRENDIZAGEM

Joana D'arc Araújo de Lira[4] **// Evanilda de Brito Lopes**[5] **//**

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares[6]

INTRODUÇÃO

Com o intuito de amenizar o ambiente hostil e estranho da instituição hospitalar, cada vez mais são pensadas estratégias para que a criança se sinta confortável e não tenha seu desenvolvimento, aprendizagem ou mesmo rendimento escolar comprometido. Além de ocupar a cabeça da criança para que não pense somente na doença ou no tratamento, o lúdico e o fazer pedagógico surgem entanto ferramenta que auxiliam no processo de recuperação, visto que melhoram a autoestima da criança e fazendo por vezes a mesma esquecer o local onde se encontra.

Do ponto de vista teórico, Viegas (2008) comenta que a brinquedoteca melhora o desenvolvimento da inteligência da criança uma vez que busca oferecer às crianças a oportunidade de brincar de acordo com os interesses da criança, sendo separados em locais específicos denominados de cantos.

[4] Formanda Joana D'arc Araújo de Lira. Curso de Pedagogia pela Faculdade FMB. E-mail: joanadarc.overtech@gmail.com.

[5] Orientadora: Mestre em Ciências da Educação pela /ULHT, Especialização em Políticas Públicas /FIP, Gestão Escolar e Psicopedagogia Institucional e Clinica. Graduada em PEDAGOGIA pela UFRN. Professora da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense/FAMEN. E-mail: evanilda@famen.edu.br.

[6] Pós-doutora pela Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI, e-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

Assim, a implantação das brinquedotecas nos hospitais da rede privada e também da rede pública já é uma realidade possível em nosso país. No entanto, não todos os hospitais que contam com este espaço lúdico e de grande significado na vida das crianças que se encontram hospitalizado.

A referida pesquisa é de cunha bibliográfica com abordagem qualitativa, fundamentada em autores que referem aos temas. a criança, o brincar e a brinquedoteca hospitalar. O estudo elegeu como principais teóricos Cunha, (2007), Fonseca (2010), Veigas, (2008) Kishimoto, (1998) Entre outros, ambiente é pensado para as famílias como um todo, desde a pintura, os brinquedos e a pessoa que fica responsável de conduzir as atividades pedagógicas e recreativas no setor.

O ato de brincar na sociedade atual está sendo cada vez mais valorizado e reconhecido, da mesma forma constatam um aumento crescente de estudos sobre o brincar, quer como meio de expressão, quer como condição de desenvolvimento saudável da criança, ressaltando sua automutilação. A literatura referente às pesquisas sobre o brincar em hospitais vem ganhando espaço com o trabalho do pedagogo hospitalar.

O trabalho do pedagogo através da brinquedoteca nos hospitais auxiliará na percepção relativa a medos, preocupações e expectativas relacionadas ao tempo de permanência no âmbito hospitalar.

Nessa perspectiva, a intervenção pedagógica pode ser uma das alternativas de melhoria de qualidade de vida, não especificamente do ponto de vista clínico, mas do ponto de vista subjetivo e emocional, nesse sentido, a atuação do pedagogo poderá agir na prevenção de alguns desses conflitos. Não sabem ao certo como irão ser tratadas e as situações que vão enfrentar no ambiente hospitalar. Nesse sentido, a educação infantil no

hospital representa acolhimento, divertimento e também um espaço para ensinamentos.

Portanto, o que há de ressaltar é que nos hospitais, muitas vezes chegam crianças seriamente comprometidas em relação a sua saúde e a funções essenciais como sua própria respiração, por exemplo, essas crianças e adolescentes tem muita dificuldade de frequentar uma escola regular e normalmente passam anos nos hospitais.

Portanto, a pedagogia hospitalar poderá atuar nas unidades de internação ou na sala de recreação do hospital. Permitindo a criança por sua vez ter o direito de usufruir da educação durante o período de internação. Esta nova prática pedagógica ameniza o sofrimento da criança internada no hospital, o paciente se envolve em atividades direcionadas por profissionais voltados a área da educação, desta forma, ele retorna mais confiante no seu regresso na sociedade.

O referido artigo cientifico está dividido em introdução revisão de literatura discutindo sobre a infância e a brinquedoteca como um espaço para o desenvolvimento do aluno, brinquedoteca e o lúdico como fator de aprendizagem, importância da pedagogia no âmbito hospitalar, também falamos sobre a metodologia bibliográfica, os resultados e resultados e discussão, por fim as considerações e referências usadas nessa pesquisa.

REVISÃO DE LITERATURA

Contextos histórico de infância

A infância faz parte do crescimento do ser humano, é uma das etapas no qual requer mais cuidados, pois a criança está no início de seu desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e físico como um tudo. Aos

poucos, a criança vai recebendo os primeiros estímulos e a partir das relações dentro do seio família ela pode ir aos poucos explorando seus limites, conhecendo o ambiente, crescendo e construindo o conhecimento sobre si e sobre os outros ao seu redor.

> Brincar é essencial à saúde física, emocional e intelectual do ser humano. Brincar é coisa séria, também porque na brincadeira não há trapaças, há sinceridade, engajamento voluntário e doação. Brincando nos reequilibramos, reciclamos nossas ações e nossa necessidade de conhecer e reinventar. E tudo isso desenvolvendo tenção, concentração e muitas outras habilidades (CUNHA, 1998, p. 39).

Para que possa se desenvolver de forma global alcançando assim o desenvolvimento pleno de suas habilidades, a criança precisa gozar de saúde no sentido mais amplo da palavra, bem estar físico e emocional. Ao pensar em uma criança, normalmente imaginamos muita energia para gastar, muito barulho e muitas aventuras que a esperam. O aprendizado de uma criança é sempre cheio de muitos movimentos e sons, no entanto algumas crianças não dispõem deste tipo de situações de aprendizagem, ao menos, não sempre.

O adoecimento e/ou hospitalização na infância são situações não esperadas para esta fase da vida, pois como citado acima, a criança é enérgica e cheia de saúde. O processo de hospitalização é sem dúvida muito marcante na vida de uma criança, ela se vê frágil e impossibilitada de pôr em pratica sua rotina diária, em alguns casos a mesma não entende o que de fato está acontecendo.

> As consequências psicológicas de uma hospitalização são múltiplas: problemas de sono, de comportamento, de apetite e dificuldades escolares. A criança doente

> continua sendo criança e, para garantir seu equilíbrio emocional e intelectual, o jogo é essencial. A criança impossibilitada de brincar tem seu desenvolvimento comprometido e seu equilíbrio emocional perturbado (KISHIMOTO apud FRIEDMANN, 1998, p. 59).

O comum para uma criança é frequentar a escola já o ambiente hospitalar é um ambiente desconhecido para a mesma. A rotina em um hospital possui regras e normas próprias a serem seguidas pela família e pela criança. Além de ser afastada do seu convívio natural, a criança ainda terá que se adaptarem com horários, cardápios de refeições, uma cama diferente, roupas diferentes, banheiro compartilhado e até mesmo a falta de privacidade. No entanto, criar um espaço onde a criança possa se sentir à vontade é uma das maiores ferramentas que se pode utilizar, sobre isto Cunha (2007, p. 02) afirma que: "Estes espaços, além de tornarem o ambiente hospitalar mais acolhedor também oportunizam situações de socialização e desenvolvimento das habilidades dos pacientes como: atenção, concentração, afetividade, cognição, dentre outras"

Tanta mudança no cotidiano de um ser que está no início de sua vida e numa etapa onde quer aprender e conhecer sobre tudo que é possível, pode dificultar o enfrentamento da doença e causar ainda mudanças a personalidade da criança. Todo esse processo pode modificar o comportamento da criança que pode não entender que precisará passar uns dias naquele local e por fim podendo causar um impacto durante ou mesmo após o período de internação da criança.

A brinquedoteca como um espaço para o desenvolvimento do aluno

O momento na brinquedoteca pode parecer simples, mas é uma poderosa ferramenta no enfretamento a doença por parte das crianças, ali

é possível o contato com a família fortalecendo assim as relações familiares e proporcionando prazer e alegria as crianças e seus pais ou responsáveis. Quando brinca, a criança se expressa de forma natural e espontânea, na brincadeira a criança enfrenta suas frustrações, se fantasia de piloto, medico e todo o mais que ela queira ser.

> [...] a brinquedoteca é o espaço ideal para que seja cultivada uma forma de convivência espontânea democrática, calçada no respeito mútuo e renovada pela postura criativa de seus participantes. Seus dirigentes devem estimular a liderança das crianças e o respeito às normas estabelecidas. Para isso pode-se sugerir a elas que criem as lideranças que julgarem necessárias ou divertidas [...] (CUNHA, 1998, p. 43).

No intuído de proporcionar um desenvolvimento saudável para as crianças e suas famílias, foi criado a brinquedoteca hospitalar, dando importância ao brincar e valorizando os aspectos básicos desta etapa da vida da criança. Na lei nº 11.104 de 21 de março de 2005, contemplamos a obrigatoriedade da instalação de brinquedotecas nas unidades hospitalares que oferecem atendimentos pediátricos em regime de internação. Para os efeitos dessa lei, o ambiente deve ser provido de brinquedos e jogos educativos, objetivando estimular as crianças e seus acompanhantes ao brincar.

> Com a aprovação da Lei Federal nº 11,104/2005, que obriga todos os hospitais que atendem a terem Brinquedotecas, passou a haver maior interesse na formação e na concentração de Brinquedistas hospitalares, mas esta nova profissão não está ainda adequadamente valorizada, regulamentada nem existem cursos de formação suficiente para provê-la (CUNHA, 2007, p. 75).

Embora garantida em lei, a existência de brinquedotecas em unidades hospitalares ainda está em fase de expansão, aos poucos as instituições estão se adequando às necessidades impostas pela legislação, para que o espaço científico destinado para o brincar nos hospitais se torne efetivo. Trata-se de explorar todas as diversas possibilidades e caminhos de afetividade e expressão dentro da possibilidade lúdica na sua dimensão terapêutica. Sobre a função ou missão primeira de uma brinquedoteca,

Viegas (2008) afirma que:

> Um espaço no hospital, provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular o desenvolvimento das crianças, os adolescentes e seus acompanhantes a brincar no sentido mais amplo possível e conseguir sua recuperação com aprendizagem e uma melhor qualidade de vida (VIEGAS, 2008, p. 11).

Dentre os muitos benefícios, a brinquedoteca no ambiente hospitalar proporciona a criança momentos felizes, esquecendo assim por alguns instantes a tristeza e o sofrimento vivido no momento. A presença da família nas brincadeiras faz a criança esquecer-se das dores, dos medicamentos, do ambiente em si.

Para evitar maiores danos à criança durante sua hospitalização, a humanização dos hospitais é de extrema importância, pois se tratando de saúde não é suficiente pensar apenas na recuperação física, é preciso levar em consideração também os fatores psicológicos, cognitivos e sociais da criança.

Quanto a questões cognitivas e de escolaridade, o papel do brinquedoteca hospitalar é de extrema importância para auxiliar alunos que por questões de saúde não conseguem participar das aulas regularmente. Para isso, se faz necessário que o profissional responsável pela

brinquedoteca se capacite para atender com excelência as crianças buscando sempre as receber com carinho e respeito tornando aquele espaço e aquele momento um momento de alegria.

A brinquedoteca e o lúdico como fator de aprendizagem

A utilização de brinquedos e brincadeiras no espaço escolar já foi visto muitas vezes apenas como passa tempo, em um ambiente hospitalar então, até certo tempo não era possível imaginar um espaço destino para os brinquedos e as brincadeiras. No entanto, após estudos foi sendo observado que a utilização de brinquedos e brincadeiras poderia não apenas amenizar a tenção do clima hospitalar, mas também auxiliar na recuperação das crianças em tratamento.

Ao utilizar-se da brincadeira ou do brinquedo é possível amenizar os traumas psicológicos que podem ocorrer na hospitalização e assim ajudar a criança a ter garantido seu direito de brincar como lhe é próprio. Para isto, as brinquedotecas devem estar prontas para atender as crianças dentro de suas particularidades, crianças mais sociáveis, crianças mais tímidas, crianças com necessidades educacionais especiais sejam elas físicas ou cognitivas.

> O professor da escola hospitalar é, antes de tudo, um mediador das interações da criança com o ambiente hospitalar. Por isso não lhe deve faltar noções sobre as técnicas e terapêuticas que fazem parte da rotina da enfermaria, sobre as doenças que acometem seus alunos e os problemas (até mesmo emocionais) delas decorrentes para as crianças e também para os familiares e para as perspectivas de vida fora do hospital (FONSECA, 2003, p. 25).

A necessidade primeira que deu origem as brinquedotecas em ambientes hospitalares, se deu a partir da necessidade de humanizar a estadia das crianças nos hospitais, contribuindo assim para a socialização e ferramenta de apoio no enfrentamento da doença não só para a criança, mas para a família que a acompanha também.

Para que a brinquedoteca tenha de fato seu objetivo alcançado junto a criança, é importante que o profissional responsável pela sala tenha a formação adequada para a realização das atividades, desde o acolhimento até o contato com as famílias presentes. Não se pode perder de vista que a brincadeira ou brinquedo disponível na brinquedoteca não estão ali apenas para distrair a criança e ocupar o tempo dela. É uma atividade recreativa, mas também é uma atividade pedagógica.

> A construção da prática pedagógica, para atuação em ambiente hospitalar não pode esbarrar nas fronteiras do tradicional, as dificuldades, muitas vezes, persistem porque não se consegue ver a oportunidade de uma atuação diferenciada, pois os valores e as percepções de condutas e ações estão ainda muito enraizados nas formações reducionistas. Essa prática, portanto, deve transpor as barreiras do tradicional e as dificuldades da visão cartesiana. A ação pedagógica em ambiente e condições diferenciadas, como é o hospital representa um universo de possibilidades para o desenvolvimento e ampliação da habilidade do pedagogo/ educador. Desenvolver tais habilidades requer uma visão oposta a contemplada pelo reducionismo, ou seja, ela deve sim, contemplar o todo (MATOS; MUGIATTI, 2014, p. 115).

O tempo na brinquedoteca hospitalar deve ser aproveitado com qualidade proporcionando o desenvolvimento das habilidades, melhora na afetividade, interatividade com a família e até outras crianças entre outros benefícios. As crianças quando são hospitalizadas são retiradas de sua

rotina e isto pode ocasionar mudanças no comportamento, autoestimas, pois as mesmas se veem longe de sua casa, amigos e familiares em geral.

A importância da pedagogia no âmbito hospitalar

A pedagogia hospitalar é um modo de ensino da Educação Especial que visa a ação do educador no ambiente hospitalar, no qual atende crianças ou adolescentes com necessidades educativas especiais transitórias, ou seja, crianças que por motivo de doença precisam de atendimento escolar diferenciado e especializado. Cabe ao hospital buscar alternativas e métodos qualificados que possibilitem aos pacientes usufruírem de abordagens educativas por um determinado espaço de tempo.

No atendimento Pedagógico a criança/adolescente vê a oportunidade de continuar desenvolvendo-se cognitivamente como fazia em seu âmbito escolar de origem.

Para Barros, (2007, p. 259):

> A classe hospitalar surge como uma modalidade destinada à criança e adolescente internados e parte do conhecimento que esses pacientes, uma vez distanciados da rotina acadêmica e privados da convivência em comunidade, vivem sob risco de fracasso escolar e de possíveis rupturas ao desenvolvimento está incluída na educação especial, pois contempla crianças que mesmo que temporariamente, estão em situação de risco de fracasso escolar e de possíveis transtornos ao desenvolvimento.

Com essa visão, aquelas crianças que necessitam dar continuidade ao processo de ensino aprendizagem a Pedagogia Hospitalar é a ponte entre a escola e o aluno facilitando o seu desenvolvimento escolar e

possibilitando com que a criança hospitalizada não perca seu ano letivo e o estímulo em dar continuidade aos seus estudos e assim permitindo a criança a ter a acessibilidade no ambiente hospitalar durante sua internação.

A Base legal da Pedagogia Hospitalar no Brasil, a legislação reconheceu através do estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado, através da Resolução nº. 41 de outubro e 1995, no item 9, o "Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar".

A proposta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,9.393/96 é a de que toda criança disponha de todas as oportunidades possíveis para que os processos de desenvolvimento e aprendizagem não sejam suspensos.

Um fator a ser levado em conta é que o termo Pedagogia Hospitalar não está explícito na Legislação Brasileira, o que normalmente se encontra é o termo Classe Hospitalar, porém segundo autores como Fontes (2005, p. 121) e Schilke (2008, p. 17) o termo Classe Hospitalar é muito delimitado para a modalidade da Educação Especial, pois não abrange todos os projetos existentes em um Hospital, o que então, se torna mais propício a Pedagogia Hospitalar. Quanto ao envolvimento dos pedagogos no conhecimento das leis.

Cruz (2009, p. 4) relata que:

> [...] todos os cidadãos são iguais e tem seus direitos e deveres assistidos nas leis dentro da nossa sociedade. Leis essa que são de suma importância para nós pedagogos, conhecermos, discutirmos e criticarmos (quando for o caso) com o intuito de que elas melhorem

> e de fato se façam valer, principalmente na educação, a qual queremos ao alcance de todos.

Sobre a regulamentação da Pedagogia em âmbito Hospitalar, Schike (2008, p. 16) afirma que: Apenas em 2002 o Ministério da Educação, por meio da Secretaria da Educação Especial, regulamenta esse tipo de trabalho com a publicação do documento intitulado "Classe Hospitalar e Atendimentos pedagógicos domiciliar; estratégias e orientações." Que tinha por objetivo estruturar ações políticas de organização do sistema de atendimento educacional em ambientes hospitalares e domiciliares.

Ao tratarmos de educação e saúde podemos referenciá-los como elementos fundamentais de transformações sociais onde permiti visar o desenvolvimento do mundo em que se vivi. São as leis que permite dispor sobre os direitos e deveres de cada pessoa.

A criança ou adolescente que se encontra privada de seu ambiente escolar pode adoecer e consecutivamente estar hospitalizada, faz valer seus direitos legais contidos na legislação vigente que assegura o direito à educação e saúde, continuando a ter um acompanhamento escolar.

METODOLOGIA

Para que haja resultados positivos no processo de ensino aprendizagem no qual a brinquedoteca hospitalar se faz presente, entendemos sua utilidade cognitiva. Como alternativa de pesquisa usamos a metodológica bibliográfica e qualitativa, de acordo com Gil (2002, p. 3), "A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos". Nesses termos foram pesquisados em livros, revistas, jornais, artigos entre outras fontes cogente

para o pesquisador, diante do tema em questão, a fim de que possamos alcançar os resultados.

No sentido real de sua natureza, entende-se a brinquedoteca é um espaço interativo no ambiente hospitalar onde o brincar, nesta fase tão importante da vida do ser humano que é a infância. Como em todo espaço educativo, a brinquedoteca é ambiente onde se tem muito a ensinar e muito a aprender, para a criança, a família e o profissional responsável pelo setor.

A brinquedoteca hospitalar é um espaço dinâmico onde compartilha brinquedos, histórias, emoções, alegrias e tristezas sobre a condição de hospitalização, além de desenvolverem aspectos de socialização e cidadania. As atividades lúdicas também auxiliam na compreensão e elaboração da situação de exceção que a criança vive no hospital no processo de aprendizagem.

A Pedagogia Hospitalar é o conjunto de ações pedagógicas que beneficiam o aprendizado do aluno/paciente, ou seja, uma modalidade está na outra. Colaborando para o significado da Pedagogia Hospitalar, bem inserida como suas especificidades.

Para Schilke (2008 p. 17) explica que: Essa modalidade busca uma ação diferenciada do Professor no hospital e apesar de trazer uma perspectiva transformadora intrínseca na sua atuação, é de difícil realização e pode ser banalizada. Desta forma podemos concluir que a pedagogia hospitalar busca transmitir novos conhecimentos a criança hospitalizada, permitindo que o professor possa contribuir para o bem estar do aluno enfermo e lhe propondo todos os direitos assegurados.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Não basta o brinquedista hospitalar apresentar os brinquedos, ensinar como eles funcionam e como devem brincar. Ele também precisa ser uma pessoa alegre que motive e traga conforto ao interno. Algumas brinquedotecas hospitalares tem estetoscópio, luvas, seringas, máscaras, jalecos e ataduras como brinquedos imaginários. Estes acessórios também estimulam a criança a interagir com os profissionais, o ambiente, os procedimentos invasivos tornando a internação mais aceitável

Para Dietz e Barros (2008, p. 185), normalmente os brinquedos dentro das instituições hospitalares, comuns em brinquedotecas, são de uso compartilhado, oferecendo, para as crianças que os manuseiam, risco de infecção.

Neste sentido, entende-se que a brinquedoteca hospitalar é um espaço diferenciado, que desperta a imaginação da criança através do brincar, une os familiares uma vez que favorece a aproximação de pais e filhos nos momentos das brincadeiras e, sobretudo, ajuda a criança a compreender e aceitar a condição anormal em que se encontra, fazendo-a sentir-se segura e confiante, pois, à medida que expressa seus sentimentos e emoções, alivia suas tensões, medo e ansiedade

A infecção hospitalar é o agravo de causa infecciosa adquirido pelo paciente após admissão no hospital, que pode manifestar-se durante a internação ou após a alta, desde que relacionada à internação, de anteviu tico terapia, situações essas que podem gerar o surgimento de germes resistentes (DIETZ; BARROS, 2008, p. 188).

Por isso, é necessário cuidado na hora em que for pegar um brinquedo, livro ou revista na brinquedoteca. Especialistas alertam que os livros e revistas presentes na brinquedoteca hospitalar. Por fim, vale refletir

e afirmar que a pedagogia hospitalar é o conjunto de ações pedagógicas que beneficiam o aprendizado do aluno e paciente, ou seja, uma modalidade que auxiliar não apenas no aprendizado e desenvolvimento da criança, mas também na sua recuperação física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esse estudo, constatamos que a brinquedoteca é um espaço de aprendizagem, lazer, construção de conhecimento e envolvimento com o lúdico. Assim, a brinquedoteca no hospital configura-se como um espaço preparado para estimular a criança a brincar, é nesse espaço que ela aprenderá a enfrentar as dificuldades trazidas pela condição de hospitalização.

Paralelo a isso a brinquedoteca promoverá interação e envolvimento com o todo de forma natural estabelecendo laços afetivos e resgatando a autoestima por meio das brincadeiras no processo de recuperação.

Entretanto, uma ação pedagógica de sucesso nessa área, que é a pedagogia hospitalar, demanda uma formação abrangente do profissional, desde o curso de formação inicial. Eis, um ponto de discussão interessante e produtivo a ser redimensionado nas grades dos cursos de pedagogia, que pouca ênfase vem dando a formação para atuar em contextos diferenciados e não-formais.

REFERÊNCIAS

BARROS. A. S. S. **Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares. Educação da criança hospitalizada**: As várias faces da pedagogia no contexto hospitalar. São Paulo. CEDES, 2007.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96. Brasília: **Diário oficial da União,** 20 de dezembro de 1996.

_____. **Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.

_____. Direitos da criança e do adolescente hospitalizados. **Diário Oficial,** Brasília, 17 out. 1995. Sessão 1, pp. 319-320.

CUNHA, N. H. S. Brinquedista Hospitalar. *In*: VIEGAS, D. (org.). **Brinquedoteca Hospitalar**: isto é humanização. Rio de Janeiro: WAP, 2007.

CUNHA, N. H. S. Brinquedoteca: Definição, Histórico no Brasil eno Mundo. *In*: FRIEDMANN, A. (org.). **O Direito de Brincar**: a brinquedoteca. São Paulo: Edições Sociais, 1998.

CNDCA. Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995, Direitos da criança e adolescente hospitalizados.

CRUZ, J. J. **A pedagogia e a sociedade,** Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

DIETZ, K. G. O; BARROS, D. V. **Brinquedotecas hospitalares, sua análise em função de critérios de qualidade**. São Paulo. Universidade Metodista de São Paulo: Bol. Acad. Paul. Psicol, 2008

FONSECA, E. S. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.

FONTES, R. S. O desafio da educação no hospital. **Presença Pedagógica,** Belo Horizonte, v. 11, n. 64, p. 21-29, 2005.

KISHIMOTO, T. M. Diferentes Tipos de Brinquedoteca**.** *In*: FRIEDMANN, A. (org.). **O Direito de Brincar**: a brinquedoteca. São Paulo: Edições Sociais, 1998.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia Hospitalar**: a humanização integrando educação e saúde. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCHILKE, A. L. (org.) **A escola no Hospital**: espaço de experiências emancipadoras. RJ: FME/Wak, 2008.

VIEGAS, D. (Org). **Brinquedoteca hospitalar**: isto é humanização. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak. 2008.

editora FAMEN

Capítulo 3

A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NO ENSINO REGULAR

Joselita Kaline Gonçalves Carlos da Silva
Evanilda de Brito Lopes
Valdete Batista do Nascimento

3
A INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NO ENSINO REGULAR

Joselita Kaline Gonçalves Carlos da Silva[7] // **Evanilda de Brito Lopes**[8]

Valdete Batista do Nascimento[9]

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), ou simplesmente autismo é uma síndrome comportamental que apresenta sintomas básicos como dificuldade de interação social, déficit de comunicação. O estudo proposto tem como objetivo conhecer o transtorno de espectro autismo, reuni desordem nos desenvolvimentos neurológicos, apresentando dificuldades em se comunicar dificuldades na linguagem verbal, na comunicação social e reciprocidade sócio emocional, padrões restritos e repetitivos de comportamentos e com movimentos contínuos, interesses fixos e hipersensibilidades a estímulos sensoriais.

As causas do TEA não são totalmente conhecidas, e as pesquisas científicas sempre concentrou esforços no estudo da predisposição genética, analisando mutações espontâneas que podem ocorrer no desenvolvimento do feto e a herança genética passada de pais para filhos. No entanto, já há evidências de que as causas hereditárias explicariam

[7] Formanda Joselita Kaline G.Carlos da Silva. Curso de Pedagogia pela Faculdade FMB. E-mail: joselitakaline123@gmail.com.
[8] Orientadora: Mestre em Ciências da Educação pela /ULHT, Especialização em Políticas Públicas /FIP, Gestão Escolar e Psicopedagogia Institucional e Clinica. Graduada em PEDAGOGIA pela UFRN. Professora da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense/FAMEN. E-mail: evanilda@famen.edu.br.
[9] Mestra em Ciências da Educação, área de especialização em Educação de Adultos, pela UMINHOPT. E-mail: valdetenascimento2060@gmail.com.

apenas metade do risco de desenvolver TEA. Alunos com autista apresentam comprometimento na comunicação, interação social e um padrão repetitivo de atitudes que interferem e acarretam prejuízo ao desempenho escolar do mesmo.

Dessa forma, pode-se perceber que uma das características mais notáveis em crianças com autismo é a incompreensão e assimilação de metáforas campo da imaginação, assim como apresentam as mais amplas dificuldades na comunicação, o que dificulta o trabalho dos educadores com esses alunos. O desafio nos tempos atuais está sendo a elaboração de uma educação, proporcionada para todas as necessidades especíais.

Assim, a referida pesquisa foi de cunho bibliográficoe qualitativa, fez uso de teóricos renomeados tais como: Aranha (2007), Cunha (2013), Martins (2012), entre outros pesquisadores.

Fatores ambientais que impactam o afeto, como estresse, infecções, exposição a substâncias tóxicas, complicações durante a gravidez e desequilíbrios metabólicos teriam o mesmo peso na possibilidade de aparecimento do distúrbio.

Os autistas apresentam essas dificuldades, porém em intensidades diferentes, situações particulares. o (TEA), não tem uma causa definida, mas estudos relatam uma predisposição genética, deixando transparecer uma mutação espontânea que ocorre no desenvolvimento do feto, e a herança genética passada dos pais para filhos.

Evidenciando causas hereditárias, fatores ambientais que impactam o feto, como estresse, infecções, exposições a substâncias tóxicas, e complicações durante a gravides e desequilíbrio metabólicos. No qual pode vim acompanhado de outros problemas tipo: depressão, epilepsia, e hiperatividade com graus variados, desde o mais severo em que o indivíduo não fala, não olham, não tem interesse pelo outro; e o mais leve quando o

indivíduo fala, são capazes de acompanhar estudo normalmente se desenvolve em uma profissão, e até cria vínculo com o outro.

O autismo não tem causa definido é um transtorno que causa atraso no desenvolvimento infantil comprometendo a socialização, comunicação e imaginação. Daí a importância da minha pesquisa, a angustia por não termos uma preparação para lidar com esse aluno autista. Pois é! Nossa educação está com uma deficiência muito grande, não disponibiliza cursos preparatório para os profissionais da instituição onde esses alunos são inseridos.

Conheço bem a instituição onde trabalho e acompanho dois irmãos em turmas diferentes, todos dois são da educação infantil, um apresenta o autismo nível leve, socializa, compreende do jeito dele, no mundo dele o que se fala e é por sinal muito inteligente.

A irmã dele já apresenta autismo nível grave, não socializa, não senta, não faz atividades, ela apenas fica na escola, a professora e a sua auxiliar ficam angustiadas por não saberem o que fazer com essa criança, já que ela foi diagnosticada com esse transtorno, é seus pais foram orientados a matricular essa criança em uma escola para que ela possa desenvolver pelo menos a socialização.

Falta um apoio dos profissionais que lidam com essa criança, que acompanham essas crianças, o fonoaudiólogo, o terapeuta e o psicólogo, faltam interagirem passarem mais informações, falta a parceria saúde e educação, onde deveria pelo menos ter um acompanhamento na escola por parte desses profissionais, pois o único elo que ela tem é justamente a família que sofrem as mesmas angustias.

Onde fica o direito que a lei dá para esses alunos, um acompanhamento na escola, com um apoio para desenvolver essa criança, passando mais informações e observando o comportamento dela, e para

amenizar as angustias desses envolvidos o que realmente está sendo feito por parte das autoridades responsáveis por esse setor? Será que somos obrigados a aceitar que a nossa inclusão seja apenas colocá-las, inseri-las em uma sala de aula, mais que o principal não é feito, dá direito a que realmente tem esse direito?

A procura de um ensino realmente inclusivo, e de qualidade, onde toda a sociedade seja conhecedora de uma educação com qualidade, sucesso, compromisso por parte de todos os profissionais, cada um fazendo a sua parte.

É necessária a formação continuada para os docentes, para melhor trabalhar o atendimento do aluno autista, e terem visitas de profissionais que realmente os auxiliem para um suporte, e se desenvolverem juntos com confiança e dando direito aos autistas que é de lei. (lei 12.767/12), que a política nacional de proteção da pessoa com transtorno de espectro autista, dispõe sobre diretrizes (art. 3º) das pessoas autistas.

Ela considerou para todos os efeitos legais, autistas pessoas com deficiência. O ingresso de uma criança diagnosticada com transtorno do espectro autismo (TEA) na escola regular é um direito garantido por lei, conforme o capítulo v da lei de diretrizes e base da educação nacional (LDB), que aborda a educação especial.

REVISÃO DE LITERATURA

A inclusão de autistas está sendo um dos maiores desafios desde o início do processo de inclusão já que existe uma grande polêmica em torno, uma vez que as pessoas com TEA eram excluídas do convívio social e educacional.

Assim, a lei de diretrizes e base da educação nacional (1996) orienta aos sistemas de ensino, que garanta aos alunos: currículos, métodos, recursos e organização próprios para dotar suas necessidades.

De acordo com a declaração de Salamanca (1994), todos os alunos devem ter acesso ao ensino regular, ainda que apresente alguma deficiência sensorial, mental e cognitiva ou algum transtorno severo de comportamento. É dever da escola focar no acolhimento da educação inclusiva para um ensino qualificado, oferecendo aos alunos autistas um bom relacionamento

Mantoan (2001) nos diz: "uma criança autista é uma experiência que leva o professor a rever e questionar suas ideias sobre o desenvolvimento, educação, normalidade e competência profissional". As escolas insistem em afirmar que os alunos são diferentes quando se matriculam em uma escolar, mas o objetivo escolar, no final desse período letivo, é que eles se igualem em conhecimentos a um padrão que é estabelecido para aquele ano, caso contrário serão excluídos por repetência (MANTOAN, 2001, p. 38).

A inclusão escolar deve ocorrer através de movimentos sociais, e de forma mais esclarecedora, principalmente onde são ditas escolas com ensino regular, pensando no desenvolvimento de cada aluno, mesmo sendo conhecedor que: o portador de autismo, mesmo que consiga uma boa evolução do quadro, adquirindo independência e produtividade, carregará por toda a vida características mais ou menos marcante desta patologia.

Políticas Públicas e Práticas Pedagógicas voltada para a inclusão escolar de alunos com deficiências ou autismo

Pensar a inclusão de pessoas com deficiência no âmbito escolar sempre foi um dos maiores desafios do sistema de educação brasileiro. Por muitos séculos, as pessoas que apresentavam sintomas de deficiências neurológicas ou físicas, foram vetados do seu direito de experiência o ensino e a aprendizagem de modo coletivo, mas essa situação começa a mudar depois dos anos 1990, com a formulação das primeiras Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), em 1961, após o fim da ditadura militar no Brasil, promulgada no governo de Getúlio Vargas, que visava uma democratização do ensino

Em 2016, entrou em vigor a lei brasileira de inclusão (LBI), com inovação como multa e reclusão de gestores que se negassem ou dificultassem o acesso de alunos com deficiências e autismo ao direito de se matricularem e de permanência nas instituições de ensino regular, e que esta inclusão dos alunos especiais esteja muito além de ser só apenas uma presença na sala de aula, e que ele receba sobre tudo aprendizagem de qualidade, desenvolvimento das habilidades e potencialidades, superando as dificuldades, e possa aprender a socializar, interagir com todos da turma e que tenha direito ao ensino aprendizagem.

Nesse sentido, uma sala de aula onde predomina somente uma cor ou cores múltiplas, pode causar incômodo para o aluno, facilitando sua dispersão. Por isso, estabelecer uma conversa com os pais é fundamental para reconhecer, de início, os aspectos importantes das suas dificuldades e o que pode interferir na sua aprendizagem.

Ao se tratar do pedagogo, conquistar o laço de confiança em uma criança com autismo é um desafio, mas é possível. O processo consiste no

preparo que o educador tem, além dos relatos dos pais do estudante. Comece de forma sutil, mostre que você está ali para ajudá-lo em todos os desafios.

Chote, (2013, p. 32) em seus resultados revela:

> [...] o difícil desafio que se transformou a ação da coordenação pedagógica na atualidade. Atuar em uma sociedade marcada pela desigualdade, buscar auxiliar na construção de relações democráticas na escola, convivendo num cenário que ainda permanece o controle a fiscalização, mesmo que sob uma nova roupagem, tem sido um dos enfrentamentos vividos pelos educadores que atuam na coordenação pedagógica das escolas.

Com isso, tem sido um grande desafio quando se trata da inclusão das crianças com autismo na escola regular, precisa de atenção de todos os envolvidos como citado anteriormente, dessa maneira, para que a escola possa promover a inclusão do autista é necessário que os profissionais que nela atuam tenham uma formação especializada, que lhes permita conhecer as características e as possibilidades de atuação destas crianças.

Assim, o desenvolvimento do autista se dará em vários sentidos, cheio de altos e baixos. Eles precisam de acomodação, como nos diz piaget: a aprendizagem e o desenvolvimento são concebidos como processos resultantes da formação contínua de esquemas, que são produzidos pela adaptação-assimilação e acomodação. Isso quer dizer que sua aprendizagem é mais lenta, mais demorada que das outras.

Segundo Aranha (2004), aconselha que a capacitação de educadores especializados deve ser prioritária visando o trabalho em diversos contextos. Dessa forma é primordial que o educador, para desenvolver o trabalho especializado, deve capacita-se, mantendo uma postura especial e diferente para alunos especiais em suas necessidades.

Martins (2012, p. 43) nos atenta que:

> Haverá momentos em que o profissional terá impressão que seu trabalho não está surtindo efeito, porém é necessário sair da programação didática, e construir estratégias e meios que possibilitem a criança Autista a desenvolver sua capacidade mental, intelectual, proporcionando carinho, simpatia, segurança e acima de tudo respeitando seu ritmo, dessa forma estará formando um vínculo que será muito importante no seu processo acadêmico.

Diante da opinião do autor acima, quando o professor sentir seu trabalho com pouco efeito, é preciso que ele quebre a rotina diária didática e busque novas formas que de algum modo possa contribuir para que a criança Autista desenvolva suas habilidades mentais e intelectuais, oferecendo ao mesmo segurança, carinho e agindo com maior paciência possível de acordo comas suas possibilidades ritmais e ao mesmo tempo estará adquirindo uma experiência proveitosa e positiva em seu processo de capacitação.

Para Mantoan, (2001, p. 24):

> O importante é que os professores entendam que existem diferenças individuais entre quaisquer crianças, existem preferências e ritmos de aprendizagem, e tudo isto deve ser levado em consideração e ser respeitado no momento da organização de ações educativas. Estas precisam estar ajustadas às suas necessidades educacionais dos alunos, sem que os conteúdos acadêmicos sejam prejudicados.

Nesse sentido, é necessário apoiar de forma especifica os alunos com necessidades especiais, objetivando levar a sociedade a refletir sobre certas atitudes e preconceitos.

Desafios da inclusão no contexto educacional

O professor precisa de apoio de todos os profissionais tanto da instituição escolar quanto dos profissionais que lidam com a criança com autismo, tipo: médicos; psicólogo; fonoaudiólogo. E a participação da família que precisa estar envolvida e comprometida no processo de inclusão para colaborar com as informações, conhecimentos sobre a criança.

Para que assim possam ser planejados conteúdos inclusivos adequado para as habilidades necessárias. Quando a sala de aula é organizada de forma diversificada, torna-se um ponto positivo que estará ajudando os alunos com variados tipos de habilidades.

Segundo orientação de Cunha (2009) a criança com deficiência sente-se bem ao ser acolhido como participante, envolvida com outras crianças. É necessário que o professor assuma a responsabilidade de organizar suas aulas de forma especifica, juntamente com outros educadores que compõem o quadro educativo da escola, assim também junto com os pais, pois inclusão também significa estar unido ao desenvolvimento da aprendizagem.

Montessori (apud CUNHA, 2009, p. 31):

> Descobrimos assim que a educação não é aquilo que o professor dá, mas um processo natural que se desenvolve espontaneamente no indivíduo humano com bastante capacidade de aprendizagem; que não se adquire ouvindo palavras, mas em virtude de experiência efetuadas no ambiente.

É importante que o psicopedagogo consiga enxergar no autista, não só o sujeito que só está para receber, ele pode também ensinar.

Todos trazem consigo algum conhecimento que deve ser reconhecido, pois quando se tem um olhar sensível e respeitoso diante da história e das limitações desse indivíduo, o professor também pode aprender com ele.

Assim, o educador precisa capacitar-se para que possa acolher as crianças com necessidades especiais, ser estrategista, fazer a utilização de recursos e parcerias com demais profissionais.

Atualmente, na educação infantil, não existe uma diretriz clara de como trabalhar com crianças autistas na educação, afinal, cada sujeito expressa o transtorno de forma diferente e deve ser olhado na sua subjetividade e na relação com os outros. Justamente por isso, duas crianças com o mesmo diagnóstico podem responder de maneiras distintas para a mesma atividade pedagógica, trazendo mais desafios para os professores e coordenadores.

Cada criança é diferente, independentemente se carrega consigo um diagnóstico ou não. Por isso, identificar as necessidades de cada aluno é fundamental para estabelecer um processo de ensino-aprendizagem de qualidade, estimulando o desenvolvimento de competências e habilidades favoráveis e auxiliando no seu processo de adaptação. Muitas pessoas, ao escutarem a palavra autismo, ficam apreensivas.

Essa reação se dá pela falta de informação e que gera desconhecimento. É preciso saber que o autista pode e deve estudar; e que ele pode ter uma vida estudantil muito proveitosa, inclusa. O receio não está somente entre aqueles que não trabalham no contato com crianças, pois é muito comum que profissionais da área da educação também se vejam apreensivos diante de um aluno autista.

Na visão de Carvalho (2008, p. 45):

> Portanto, devemos realçar que, ainda hoje, ninguém sabe dizer ao certo e de forma indiscutível, o que é o Autismo. Assim, não podemos nos afastar da recomendação de Leo Kanner em relação à adoção de uma postura de humildade, cautela diante do tema, já que compreender o Autismo exige uma constante aprendizagem, uma revisão contínua das nossas crenças, valores e dos nossos conhecimentos sobre o mundo e, sobretudo sobre nós mesmos.

Assim, muitas vezes, as escolas procuram informações científicas para sustentar suas atividades. Embora seja uma prática importante, não se pode deixar de lado o conhecimento do aluno sobre o seu processo de aprendizagem. Devemos sempre estabelecer um contato ativo e aberto com o aluno, possibilitando um espaço de fala para que ele se sinta confortável em expor, seja por meio da fala, de desenhos ou de representações, a melhor forma que ele adquire conhecimento, para que, então, a escola possa desenvolver estratégias inclusivas que englobem as necessidades daquele aluno.

Luta dos autistas matriculados no ensino regular

O professor necessita de formação continuada que se constitui em cursos de extinção, formação pedagógica para colaborar de forma positiva com os conhecimentos necessários. No que abrange as características da pessoa com (TEA). A declaração de Salamanca (1994), afirma que a chave para o sucesso de escolas inclusivas é que todos os educadores tenham preparação apropriada.

Além disso, recomenda-se que os professores na formação recebam orientação para atender o processo de inclusão, adquirindo a capacidade de avaliar as necessidades especiais, adaptação dos conteúdos curriculares,

capacidade de recorrer às tecnologias, individualização de procedimentos pedagógicos e trabalhar em conjunto com especialistas e pais.

Pensar na inclusão é compreender que qualquer cidadão poderá desfrutar dos benefícios de ensino que a comunidade escolar oferece, além disso, é dar atenção a parcela da população que possui alguma deficiência e que por muito tempo foram excluídos da sociedade como um todo.

Ainda sobre isso Fink (2016, p. 11) relata:

> A inclusão no Brasil passou de um foco excludente para uma visão inclusiva de todos. Em outras palavras, são visíveis na história as práticas de exclusão daqueles que eram ignorados pelo poder público e sociedade. Partindo, do século XVIII, período que se caracterizou por movimentos de exclusão, as pessoas com deficiência foram retiradas do convívio social porque não tinham direitos, nem a sociedade os aceitava, portanto, necessitavam viver reclusos. Relegando-os a uma reclusão de confinamento em tempo integral.

A inclusão é antes uma prática social, cultura, educacional, e se detém da população que precisa ser assistida e atendida de modo especifico.

METODOLOGIA

Diante do exposto a metodologia empregada para a elaboração a pesquisa bibliográfica de ordem qualitativa, passa a analisar estudos e reflexões capazes de assessorarem os professores e equipes escolares, visando o discernimento nos anos iniciais, já que os estereótipos de um autista manifestam precocemente.

Para realizar esse artigo utilizei pesquisas em trabalhos já elaborados constituídos de artigos científicos, pesquisas bibliográficas e

qualitativa, através de leituras, buscando teóricos que respondam e esclarecem e ampliem as respostas para a busca de informações da problemática "inclusão do autismo no ensino regular".

Tendo em vista que no momento não foi possível fazer uma pesquisa mais avançada, de observação em campo e entrevistas, analisar o que os estudos propõem a respeito da inclusão em caminho possível para compreender os enfrentamentos e estratégias que possam servir para inclusão de pessoas com autismo em sala de aula e a partir deles cunhar esta reflexão.

Aranha (2004), aconselha que a capacitação de educadores especializados deve ser prioritária visando o trabalho em diversos contextos. Dessa forma é primordial que o educador, para desenvolver o trabalho especializado, deve capacita-se, mantendo uma postura especial e diferente para alunos especiais em suas necessidades.

Grinker (2010, p. 43) nos atenta que:

> Haverá momentos em que o profissional terá impressão que seu trabalho não está surtindo efeito, porém é necessário sair da programação didática, e construir estratégias e meios que possibilitem a criança Autista a desenvolver sua capacidade mental, intelectual, proporcionando carinho, simpatia, segurança e acima de tudo respeitando seu ritmo, dessa forma estará formando um vínculo que será muito importante no seu processo acadêmico.

Diante da opinião do autor acima, quando o professor sentir seu trabalho com pouco efeito, é preciso que ele quebre a rotina diária didática e busque novas formas que de algum modo possa contribuir para que a criança Autista desenvolva suas habilidades mentais e intelectuais, oferecendo ao mesmo segurança, carinho e agindo com maior paciência possível de acordo comas suas possibilidades ritmais e ao mesmo tempo

estará adquirindo uma experiência proveitosa e positiva em seu processo de capacitação.

Para Mantoan, (2001, p. 24):

> O importante é que os professores entendam que existem diferenças individuais entre quaisquer crianças, existem preferências e ritmos de aprendizagem, e tudo isto deve ser levado em consideração e ser respeitado no momento da organização de ações educativas. Estas precisam estar ajustadas às suas necessidades educacionais dos alunos, sem que os conteúdos acadêmicos sejam prejudicados.

É necessário apoiar de forma especifica os alunos com necessidades especiais, objetivando levar a sociedade a refletir sobre certas atitudes e preconceitos. O profissional que lida com a criança especial deve criar laços de afinidade, dedicação e antes de tudo, ama-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consoante à análise da pesquisa no ambiente escolar, foi possível constatar que os processos de escolarização para estudantes com TEA no *lócus* da pesquisa acontecia de forma incipiente. Havia esforço por parte da comunidade escolar para que houvesse a efetivação desse processo, embora houvesse a necessidade da aquisição de maiores conhecimentos sobre a Educação Especial e sobre como lecionar aos estudantes com o transtorno.

Este artigo tem por objetivo de pesquisar a inclusão da criança no ensino regular. Nesse sentido, destaca-se a escola como um dos espaços que favorece o desenvolvimento pelo importante papel do professor, cuja

mediação favorece a aquisição de diferentes habilidades nas crianças de acordo com o contexto escolar oportuniza contatos sociais, favorecendo o desenvolvimento da criança autista, assim como o das demais crianças, na medida em que convivem e aprendem com as diferenças.

Martins (2012) afirma que os demais alunos irão se enriquecer com essa mistura, pode ser proporcionado com que as crianças mais capazes atuem como mediadores no processo de aprendizagem. Percebendo-se ainda que a idade certa de alfabetizar crianças autistas não deve ser baseada pela idade dela, mas sim nas habilidades que ela já possui e no que ela ainda precisa aprender. As escolas de ensino regular ainda não estão preparadas para receber e lidar com essas crianças. Lembrando que o autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, definido de um ponto de vista comportamental, com etiologias múltiplas.

Para isso é importante que haja a interação entre família e escola, para que ambos saibam como está acontecendo o processo de ensino e aprendizagem e assim entender as diversas peculiaridades da criança autista, além de melhor incluir. Percebemos que a educação de uma criança autista é algo que inclui muitas habilidades sociais, visuais, comportamentais e da rotina. Para que a criança autista cresça no cognitivo e social, é preciso usar de todas as estratégias, além de elevar o bem está psicologicamente da criança e da família.

Concluímos que, é fundamental que ocorra sempre a inclusão escolar para crianças com autista possam ter direito a uma educação. Pois, a escola deve ser um ambiente inclusivo e menos restritivo possível para as crianças com TEA e, ao mesmo tempo, manter os seus níveis instrucionais.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F. **Educação Inclusiva**: A Escola. Brasilia: ed-MAC, 2004.

ARANHA, M. S. F. **Declaração de Salamanca**: recomendações para a construção de uma escola inclusiva. Brasília: ed-MAC, 2007.

BRASIL. **Resolução nº 2 de 2001**. **Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (CNE/CEB), 2001.

_____. Ministério da Educação**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,** LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Imprensa Oficial, 1996.

CARVALHO, E. G. A. de; CUZIN, M. I. (Orgs.). **Psicopedagogia institucional e sua atuação no mercado de trabalho**. Campinas/SP: FE/UNICAMP, 2008.

CHIOTE, F. A. B. I**nclusão da criança com autismo na educação infantil**: trabalhando a mediação pedagógica. Rio de Janeiro: Wak editora, 2013.

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wark, 2009.

CUNHA, E. **Autismo na escola**: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar-ideias e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Wak ed, 2013.

FINK, I. C. **Autismo e educação**: possibilidades e estratégias de inclusão. Trabalho de conclusão de curso, Licenciatura em Pedagogia – Universidade do Vale do Taquari, (Univates). Lajeado, 2016.

FONSECA, M. **Das Políticas de Inclusão Escolar à atuação do profissional de apoio/monitor**. 2016. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação) – 65f. Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

GRINKER, R. R. **Autismo**: um mundo obscuro e conturbado. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.

MARTINS, C. P. **Face a face com o Autismo será a Inclusão um mito ou uma realidade?**. 255 f. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, 2012.

MANTOAN, M. T. E. **Caminhos pedagógicos da Inclusão**: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas Escolas Brasileiras. São Paulo: Memnon, 2001.

PEREIRA, M. de F. S. C. **O professor inclusivo:** uma invenção contemporânea. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

editora FAMEN

Capítulo 4

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jucielly Nunes Gonçalves
Evanilda de Brito Lopes
Valdete Batista do Nascimento

4
A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jucielly Nunes Gonçalves[10] // Evanilda de Brito Lopes[11]

Valdete Batista do Nascimento[12]

INTRODUÇÃO

Narrar histórias é um fato cotidiano, presente na vida das pessoas das mais diferentes classes sociais. A arte de contar história é uma das mais antigas formas de expressão, comunicação e imersão cultural do ser humano, a parte da qual é possível expressar sentimentos, experiências , além de ser uma forma de transmitir culturas através das gerações.

Desde a infância escutamos histórias que, de certa forma ficaram marcadas em nossa memória ao ouvi-las, contos, rimas, parlendas, versos, músicas, a criança vivencia o imaginário impossível e assim, tendo acesso a profundas emoções. Isso significa que em nosso subconsciente ficam registradas milhões de coisas e as que aprendemos nas histórias possuem um valor muito significativo.

A contação de histórias deve ser exposta às crianças em uma linguagem clara e de forma dinâmica para uma compreensão satisfatória.

[10] Formanda Jucielly Nunes Gonçalves, Curso de Pedagogia pela Faculdade FMB. E-mail juciellynunes44@gmail.com

[11] Orientadora: Mestre em Ciências da Educação pela /ULHT, Especialização em Políticas Públicas /FIP, Gestão Escolar e Psicopedagogia Institucional e Clinica. Graduada em PEDAGOGIA pela UFRN. Professora da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense/FAMEN. E-mail: evanilda@famen.edu.br.

[12] Mestra em Ciências da Educação, área de especialização em Educação de Adultos, pela UMINHOPT. E-mail: valdetenascimento2060@gmail.com.

De nada adianta contar uma história e não envolver as pessoas que a ouvem. A linguegem utilizada, a forma de contar, a expressão corporal, tudo isso é importante e reflete na compreensão por parte de quem ouve.

> A literatura infantil promove a criança em seu processo de desenvolvimento e socialização, sendo que nessa fase os interesses da criança dizem a respeito, sobretudo ao som, ao ritmo, às cenas individualizadas, os livros com poucos textos, muitas gravuras e rimas, tratando de animais e objetos conhecidos e cenas familiares ao mundo infantil. Sendo que nesse processo literário encontra se o espaço privilegiado para estimular o sujeito como gerador das hipóteses mágicas, como afirma (ZILBERMAN; LAJOLO, 1985, p. 25).

As crianças costumam imitar os adultos e até mesmo se interessar pelas coisas que os adultos fazem, ao contar histórias para uma criança temos a oportunidade de despertarnela o interesse pela leitura. O primeiro contato que o aluno vai ter com o livroé normalmente com o livro de sua história preferida. É em casa que normalmente acontece o primeiro contato das crianças com a leitura.

Normalmente, no seio familiar os pais ou responsáveis contam histórias para as crianças antes de dormir ou quando querem lhes ensinar algo. Contos de fada, lendas, histórias com uma moral a ser aprendida e refletida pelos pequenos que escutam atentamente.A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza (CANDIDO, 1995, p. 10).

Portanto, trabalhar o gênero narrativo e contar histórias é uma maneira de se ensinar valores, convivências e trabalhar a criatividade e a cognição do aluno, independentemente do nível escolar: seja na educação

infantil, ,foram utilizados estudos de pesquisas bibliográficas de artigos via Internet. A referida pesquisa teve como base, trabalhos científicos e autores que falam sobre este tema, além de elegermos alguns teóricos como Busatto (2006), Matos (2009), Coelho, (2002), Zilberman (2014) entre outros.

Portanto, interessante como ao ler um conto para um aluno, logo de imediato ele responde a esse estimulo, não apenas com os valores que são exemplificados por trás das histórias.Um dos primeiros modelos para se trabalhar a contação de história, em especial as fábulas, é que fazemos representações para eles do que são os diálogos, modulamos a voz, e ajudamos a criança a criar um mundo completamente novo.

As histórias passadas respeitavam os costumes de uma determinada comunidade. Busatto (2006, p. 25), diz que: "A contação de história ou narração oral ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com outras dimensões de seu ser e de sua realidade que os cerca".

Por meio das histórias as crianças podem começar a desenvolver a imaginação, a criatividade, o gosto pela leitura e pela linguagem, criando empatia com os personagens e identificando situações semelhantes em suas rotinas. Contar histórias é mais do que ler para uma criança, é despertar nela o interesse em ler tambem e assim desenvolver-se.

REVISÃO DE LITERATURA

O professor e a contação de histórias na educação infantil

Leitura e escrita são as bases para uma gama de aprendizagens na vida escolar de uma criança. Quando lê ou ouve uma história, a criança é transportada para um lugar completamente novo, além da razão e dentro

dos campos da imaginação. A leitura é por assim dizer, um dos melhores caminhos para transmitir o conhecimento às crianças e assim estimular sua imaginação.

A contação de histórias como parte de uma rotina estabelecida em sala de aula, surge como uma ferramenta acessível, também, na prática da leitura e escrita. Nessa perspectiva, professores e alunos se encontram em uma situação de aprendizagem prazerosa e dinâmica onde o lúdico e a fantasia preparam o ambiente para uma aprendizagem significativa. Coelho (2002, p. 14) afirma que:

> A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactante leite deteriorado ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreia e prejuízo à saúde. Feijão é excelente fonte de ferro, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial (COELHO, 2002, p. 14).

É necessário que o professor, ao promover o momento de contação de histórias tenha em mente as particularidades ou mesmo o contexto de vida dos alunos que irão ouvi-las, para que assim, possa selecionar com atenção a história que será usada e a intenção pedagógica para a qual irá utilizar, somente após essa reflexão será possível alcançar os objetivos.

A escolha da leitura a ser trabalhada em sala de aula é de suma importância pois a leitura deve estar de acordo com os objetivos que se espera alcançar. Ao trabalhar uma temática especifica, pode-se utilizar de

textos que abordem a mesma temática, histórias que tenham canções e imagens e assim envolver o aluno de diversas formas.

Boas partes dos professores não possuem uma formação especifica em contação de histórias e por isso apenas com a experiência e alguns estudos vão entendendo questões básicas como o uso da expressão corporal, a expressão facial ou a modulação na voz durante as diferentes falas dos personagens. Atualmente, em sala de aula os educadores possuem como maior aliado o livro didático, no entanto mesmo não sendo formados em contação de história, percebe-se que existe uma preocupação sobre o que ler e como ler. Em seguida a preocupação é como a história será recebida pelos alunos e quais interesses ou conhecimentos serão despertados a partir dali.

> O contador é, antes de tudo, um leitor privilegiado, que cumpre um papel ativo: faz leituras prévias, seleciona textos, informa-se sobre o autor, observa a ilustração do livro, memoriza o texto, interpreta suas intenções para transformá-las em modulações de voz e gestos. Comparado ao contador, o ouvinte, neste processo, tem um papel mais passivo, o de receber a história que lhe chega pela voz de outro leitor (SILVA, 2009, p. 35).

Sabendo que as crianças costumam observar os adultos e imitar seus costumes, nada melhor para despertar o interesse de uma criança pela leitura do que ler para uma criança. A contação de histórias é um canal que transmite conhecimento de forma prazerosa através do estimulo da imaginação. Na ação é possível pedir que a criança feche os olhos e imagine a situação ou mesmo dar detalhes sobre a cena e pedir que a criança imagine.

Ao contar uma história, o professor apresenta o personagem, e naquele instante não é mais o professor que ali está, é o próprio

personagem com seu jeito e voz próprios. Uma toalha pode virar a capa de um super herói, uma régua pode virar a espada de um guerreiro e uma sala de aula pode se tornar um reino encantado cheio de príncipes e princesas.

Assim como cada pessoa aprende em um ritmo e tempo diferente, também nas histórias, cada criança entenderá e assimilará de forma, ritmo e tempo diferente. Para alguns, a história irá lembrar algo que passaram, para outros algo que estão passando e outros ainda irão lembrar lá mais a frente em uma outra situação do cotidiano.

Como contar histórias para facilitar a aprendizagem da criança?

O habito de contar e ouvir histórias é uma prática interessante para ser usada nas escolas, principalmente na educação infantil, no entanto não deve se encerrar nesta etapa de ensino. A leitura estimula e incentiva a criatividade possibilitando assim, diversas formas de expressão e interação entre as crianças. Uma criança que costuma exercitar a leitura, certamente ampliará seu vocabulário e consequentemente poderá escrever melhor visto que terá um acervo maior de palavras conhecidas em suas leituras.

Visto que a contação de histórias auxilia no desenvolvimento da oralidade, da comunicação e da escrita, preparar o ambiente propício para isto, facilitará ainda mais o fazer pedagógico e aguçará a imaginação dos pequenos. A sala de aula é o ambiente cotidiano na escola, poder transformar este espaço atribuir um novo significado a ele é uma oportunidade de explorar as muitas ferramentas do lúdico e ajudar os alunos a enxergarem as diversas possibilidades que podem encontrar no espaço escolar.

Matos (2009, p. 39) enfatiza a importância de se preparar para o momento:

> Temos que visualizar mentalmente cada coisa que vai sendo contada. Sermos capazes de recontá-la de memória sem que tenha sido preciso decorá-la. Selecionamos os gestos e as vozes que serão utilizados como continuadores da palavra, um contador de histórias é também uma gente de sua língua. Por isso a correção, a clareza, a eliminação de vícios de linguagem e a preservação da literalidade do texto, mesmo numa fala cotidiana, devem fazer parte de suas preocupações.

Para que a criança goste da história e acredite naquela fantasia, é necessário que seja o educador o primeiro a encantar-se por ela. Quando falamos do que conhecemos e gostamos, aquilo parece mais atrativo para as outras pessoas. Se nos sentimos envolvidos por um filme, falamos tão bem dele e com tantos detalhes que outras pessoas irão querer assistir, com a história não é diferente. É a forma de contar que desperta o interesse e o desejo de conhecer. Tão importante quanto uma boa história, é a forma como ela será contada.

Mudar a organização das cadeiras, decorarem o ambiente de acordo com o tema da história, vestir-se de forma atrativa ou mesmo a utilização de outros sons, e elementos pode tornar a experiência ainda mais significativa, empolgante e interessante. Quando ouve uma história, a criança é convidada a conhecer aqueles personagens, a entender as escolhas deles, vibrar com eles e até mesmo se colocar no lugar deles. Isto desenvolve empatia, afetividade e a motivação por conhecer e ler outras novas histórias.

Através da leitura, as crianças por muitas vezes associam as histórias com situações vivenciadas por eles no dia-a-dia. Assim, é possível estimar o raciocínio frente as situações. Conhecer a história dos personagens ajuda as crianças a entenderem melhor seus próprios sentimentos, frustrações e emoções. Partindo das histórias ouvidas, as crianças podem sentir o desejo

de contar suas próprias histórias, reviver os momentos que passaram estimulando a memória e até mesmo fantasiando um pouco sobre os detalhes daquilo que contam.

> A literatura pode servir como "remédio para a alma", ou seja, atuar como elemento desencadeador do processo catártico e terapêutico, fazendo com que através dos contos infantis, a criança se reconheça na história e vivencie, por meio do personagem, os problemas e as soluções apresentados no livro. Isso ajuda a criança a se distanciar um pouco da própria dor e a expressar os seus sentimentos, ajudando-o a enfrentar com mais tranquilidade as situações adversas (SANTOS, 2009, p. 59).

Na leitura as crianças podem imaginar o mundo da forma que elas quiserem, podem criar reinos e derrotar dragões ou até mesmo voar neles, pode pegar um elemento da vida real e transformar em um desafio daquele personagem da história. São inúmeras as possibilidades e por isso, cabe ao professor explorar da melhor maneira possível esta importante ferramenta em sala de aula.

Dentre os muitos benefícios da leitura, falar da atividade leitora voltada para a educação infantil é contemplar a fundo a gama de oportunidades de aprendizagem que o ato de ler e ouvir histórias pode proporcionar. Na educação infantil, as crianças estão ampliando seu vocabulário e desenvolvendo inúmeras habilidades dentro e fora do espaço escolar.

Portanto a história bem contada pode causar num ouvinte principalmente quando se trata de criança onde a mente é pura, inocente e sempre conceito ainda não formados, um impacto profundo de grande emoção levando a criança a se sentir também que começa a abrir na sua mente, as gavetinhas do seu inconsciente, aonde ela vai

guardando essas novas informações para quando um dia for precisar delas, irão servir para essa criança como fonte de informações e de conhecimentos no seu aprendizado

Os benefícios das histórias da vida real na educação infantil

Ao ouvir uma história, as crianças imaginam o enredo dela, o final da história e até mesmo se posicionam quanto as escolhas feitas pelos personagens, opinando criticamente. O "era uma vez" dos contos de fada é o início de uma história que provavelmente vai nos convidar a aprender, a aventurar-se e a fazer escolhas em diversos momentos. E o "felizes para sempre" nos faz acreditar que a partir dali nada de mal pode acontecer. É algo que se aprende desde a infância e se leva pra vida.

> É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) ... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) ...e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas (ABRAMOVICH, 2007, p. 17).

Há muitas crianças em uma sala de aula e assim como cada uma delas entende, enxerga e sente o mundo a sua maneira, assim também o professor ou professora deve buscar alcançar estas crianças de forma singular e também como partes de um grupo. São muitos os meios que podem ser usados para isto, imagens, modulação de voz, bonecos, fantoche, músicas entre outros.

O hábito de contar histórias para ensinar algo não é uma novidade, ao contrário, é uma pratica antiga na sociedade. Os mais velhos contavam histórias para repassar o conhecimento, a cultura e os ensinamentos para os mais jovens. As mães e pais contam histórias para pôr seus filhos para dormir. Independente da intenção, a contação de histórias vem acompanhando o crescimento e desenvolvimento da sociedade e contribuindo para a formação de aprendizagens significativas.

> É imprescindível que estas, efetivamente, consigam não somente distinguir a natureza das linguagens, mas também desenvolver o gosto pelo literário, pelo uso estético da linguagem, pelos efeitos estéticos da linguagem, pelos efeitos que ela produz na construção e no enriquecimento da interioridade de cada leitor (ROSING, 2009, p. 134).

Mais do que uma forma lúdica e agradável de transmissão de conhecimento, as histórias são um poderoso estimulo para a imaginação. Usar a contação de histórias como ferramenta no processo educacional é ter em mãos uma poderosa ferramenta que possibilita melhoras no desenvolvimento sócio emocional, cognitivo e até mesmo físico das crianças. Mais do que a transmissão de valores no uso social e pedagógico, a contação auxilia na construção da identidade de quem ouve, enquanto pessoa.

> Acreditamos que o livro para crianças e jovens como produto cultural não pode deixar de refletir a sociedade onde está inserido, com suas influencias [...] quando é resultado de criação artística, ou quando trata de informação científica de maneira criteriosa, sem estereótipos ou sem preconceitos, transforma-se em importante instrumento de formação intelectual e afetiva de nossas crianças, na direção de uma educação libertadora (SERRA, 1998, p. 89-90).

Ler para uma criança é um ato de amor e solidariedade. É trazer o sujeito para um universo de palavras e experiências que as mesmas podem proporcionar. Ler para informar, para distrair, para provocar o pensamento ou para aguçar a imaginação. A leitura será sempre um instrumento de formação e libertação para quem lê e para quem ouve.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os benefícios das histórias da vida real na educação infantil não há dúvidas de que qualquer atividade desenvolvida através da contação de história é bastante animada, divertida e prazerosa e que transforma o espaço da sala de aula bem divertida. No entanto, o âmbito educativo também deve ser ressaltado, uma vez que favorece o desenvolvimento cognitivo, das crianças, melhorando a qualidade do ensino.

Portanto, é fundamental que o professor e a contação de histórias na educação infantil observação de que o estímulo a imaginação possibilita construir um jeito diferente de promover aprendizagem. Isso é possível por meio de atividades significativas, como a contação de histórias, tendo como lugar ideal para essa vivência o ambiente escolar, isso sem contar que a contação de histórias na educação infantil é uma maneira muito eficaz de ajudar as crianças a se apaixonarem pelos livros. Além disso, as histórias, que ganham vida a partir da voz do educador que desempenha sua função educativa e permitem enriquecer a imaginação das crianças.

O educador, enquanto mediador dessa prática tem a necessidade de pesquisar sobre as histórias a serem contadas, utilizando-se de estratégias importantes, pois de acordo com Hammen (2005, p. 97) "é preciso conhecer

e planejar bem a história, mostrando naturalidade e entusiasmo ao contá-la, olhando para os ouvintes e sem interrompê-la".

Essa ideia nos leva a compreender que atividades envolvendo a literatura infantil não podem ser utilizadas apenas como forma de mascarar a ausência de planejamento, não sendo interessante realizá-la sem um objetivo definido contar histórias para facilitar a aprendizagem da criança.

Ao final da história, também deve-se usar uma expressão de fechamento, terminando de um jeito especial, como "quem quiser que conte outra", "fim" ou outro jeito combinado entre o narrador e a criança.

Abramovich (2007, p. 96.) considera tão importante o modo de contar a história, a entonação da voz, as pausas que diz ser preciso, "respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais".

Compreende-se, então que, ao contar uma história utilizando uma abordagem instigadora, uma linguagem simples e clara e um desfecho emocionante, é possível proporcionar um momento único para a criança, mesmo que esta ouça a mesma história outras vezes, contada de outro modo e por outras pessoas, pois terá sido o jeito particular de contar do professor que provocou o primeiro encantamento. É importante considerar que mudam os tempos, mas podem permanecer os conceitos e valores que as histórias podem repassar para os que as ouvem.

Histórias são atemporais, elas não têm prazo de validade e não perdem o encanto. Chapeuzinho vermelho, os três porquinhos, cinderela são histórias que atravessam os tempos e continuam ajudando muitas crianças no mundo inteiro a sonharem e acreditarem. As histórias possuem um poder criativo sem limites, pode trazer este poder para dentro do

espaço escolar é uma oportunidade incrível e que muito agregará ao processo educacional.

Todas as vezes que ouvimos uma história, somos transportados para aquele mundo que a história nos traz, trazemos o aprendizado adquirido para a realidade e utilizamos inclusive soluções vistas nas histórias em nosso dia-a-dia. Crescemos ouvindo que toda história tem um final feliz e assim vamos buscando o nosso final feliz na vida real, lutando pôr um mundo melhor, por uma educação cada vez mais inclusive e pela formação de sujeitos que pensem de forma responsável e assim transformem o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos entendendo que a contação de histórias na educação infantil, ao contrário de muitas percepções equivocadas, não está em desuso, ela está viva e forte na sociedade, embora seu reconhecimento ainda não tenha alcançado a plenitude almejada de acordo com seu verdadeiro valor na formação do caráter e desenvolvimento do sujeito.

Espera-se com este artigo, proporcionar uma reflexão e assim envolver novos olhares para este tema tão relevante, subsidiando novas pesquisas e indagações que irão enaltecer e ampliar as reflexões acerca da produção do conhecimento na educação infantil dobre a contação de história.

É responsabilidade de a família estimular a criança, proporcionar-lhe as primeiras situações de aprendizagem e o professor por usa vez, deve ajudar a criança a desenvolver o gosto pela leitura através dos momentos de contação de histórias através do lúdico.

Todo educador tem um lado compositor, improvisador e por assim dizer, um pouco de artista. Assim como um artista se transforma ao subir

no palco, o educador se transforma ao estar em sala de aula. É a habilidade de fazer de cada momento uma situação de aprendizagem, cada história um mundo diferente, cada mundo uma gama de oportunidades e de aventuras a serem conhecidas e vividas. Estas situações de aprendizagem darão ritmo as aulas e ao mesmo tempo trarão maior significado a aprendizagem.

Quando a criança se identifica com os personagens das histórias, ela irá imaginar-se como parte daquele mundo, irá vibrar torcer, buscar ajudar o personagem e assim também se ajudar. O ato de contar uma história é sempre algo fantástico, seja fala sobre uma história da família, um conto de fadas, uma lenda local, contar histórias traz um momento interessante e cheio de aprendizado e significados.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

BUSATO, C. **A Arte de Contar Histórias no século XXI**. Petrópolis, RJ: 2006.

CANDIDO, A. "O direito à literatura". *In*: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COELHO, B. **Contar história suma arte sem idade**. 6. ed. São Paulo: Ática. 2002.

FERRARI, A. T. **Metodologia da Ciência.** 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: [S. n.], 2004.

HAMMEN, S. V. **A arte de contar histórias**: como levar a criança a se interessar por histórias. 2005. Disponível em: http://www.projeto.org.br/mapeo/ghi.htm. Acesso em: 30 mar. 2022.

MATOS, G. A.; SORSY, I. **O ofício do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROSING, T. M. K. **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

SANTOS, T. C. S. **Literatura na Hospitalização Infantil**: "Um Remédio Para Alma". Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal da Bahia. 2009. Disponível em http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/164/thialalivroinfantil.pdf. Acesso em: 25 abr. 2022.

SERRA, E. D'A. (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens**: algumas leituras. Campinas SP: Mercado de letras/Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVA, V. M. T. **Literatura infantil brasileira**: um guia para professores e promotores de leitura. 2. ed. Goiânia: Cânone Editorial, 2009.

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler**: A literatura infantil brasileira. Rio de Janeiro, 2014.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **Literatura Infantil Brasileira**: História e histórias. São Paulo: Ática, 1985.

editora FAMEN

Capítulo 5

JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA FORMA LÚDICA DE APRENDER

Lucitânia Salustriano de Lima
Evanilda de Brito Lopes

5
JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA FORMA LÚDICA DE APRENDER

Lucitânia Salustriano de Lima[13] **// Evanilda de Brito Lopes**[14]

INRODUÇÃO

Os jogos e brincadeiras são importantes metodologias utilizadas na educação infantil, visto que um dos pilares da educação infantil é o "brincar", torna-se valoroso a utilização de ferramentas lúdicas para proporcionar um aprendizado eficaz e completo às crianças.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar a contribuição dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento cognitivo da criança na educação infantil. Portanto buscou-se resposta para a seguinte problemática: Como os jogos e brincadeiras contribuem no desenvolvimento cognitivo da criança na educação infantil? De modo que as crianças passem por esse processo de desenvolvido cognitivo com o auxílio dos jogos e brincadeiras no espaço escolar.

Partindo deste princípio, é de suma importância que no âmbito da educação infantil, através do brincar, o professor possa conectar as brincadeiras aos conteúdos que devem ser aplicados, trazendo as vivências e conteúdo para sala de aula de uma maneira que seja atrativa para o aluno.

[13] Formanda Lucitânia Salustriano de Lima, Curso de Pedagogia pela Faculdade FMB. E-mail lucitania.lima@bol.com.br

[14] Orientadora: Mestre em Ciências da Educação pela /ULHT, Especialização em Políticas Públicas /FIP, Gestão Escolar e Psicopedagogia Institucional e Clinica. Graduada em PEDAGOGIA pela UFRN. Professora da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense/FAMEN. E-mail: evanilda@famen.edu.br.

Os jogos e brincadeiras podem contribuir tanto no desenvolvimento cognitivo, bem como na socialização das crianças, pois, é através das brincadeiras que elas interagem entre si e com o mundo ao seu redor. Os teóricos que embasam esse estudo são, Carvalho (1992), Moreira (2011), Vygotsky (1989), Kishimoto (2005), além de documentos oficiais para a Educação.

Logo, acredita-se que é possível que uma relação com diálogo e interação tornasse mais próxima e os estímulos passam a proporcionar um bom desenvolvimento nas crianças. Por meio dessas atividades lúdicas as crianças passam a desenvolver melhor seu aprendizado interagir melhor com os colegas da sala.

Por isso, esta pesquisa parte de um estudo de caráter bibliográfico, buscando associar teoria e como esta deve ser vivenciada pelas crianças em seu dia a dia no âmbito escolar. Por fim, nas seções a seguir apresentaremos um breve histórico da Educação Infantil no Brasil, os jogos e brincadeiras na educação infantil visando demonstrar como estes contribuem para o desenvolvimento educacional das crianças.

REVISÃO DA LITERATURA

A história da educação infantil no Brasil

No Brasil, até o ano de 1874 pouco se falava sobre educação infantil. A partir de então, surgiram diversos projetos de diferentes grupos particulares, mas foi somente no século XX que o tema passou a ter relevância nacional, através de fundações e criação de leis voltada para as crianças.

Em 1988, o atendimento em creches e pré-escolas passou a ser dever do estado, educação básica para crianças de zero a seis anos estava previsto na Constituição Federal. Este é um dos marcos históricos da educação infantil no Brasil. Art. 208. o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] IV atendimento em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade (BRASIL, 1988).

Em 1990, surge o Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, com a finalidade de garantir os direitos e deveres das crianças em relação ao estudo e ao lazer, visto que nessa época muito se discutia sobre o trabalho infantil. Em 13 de julho de 1990, surge o ECA como uma ferramenta para a erradicação do trabalho infantil no Brasil.

Embora a educação para crianças já fosse assegurada pela Constituição Federal de 1988 e na ECA em 1990, a inserção deste direito na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), sancionada em dezembro de 1996, representa um marco histórico para a educação infantil no Brasil.

> Art. 29: A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade; Art. 30: A educação infantil será oferecida em: I creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade. [Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013] (BRASIL, 1996).

Ao reconhecer a educação infantil como primeira etapa da educação básica, a LDB 9394/96, reafirma a importância da educação nos primeiros anos de vida das crianças.

A educação infantil hoje no Brasil é dividida em cinco grupos, estabelecidos pela faixa etária.

- Berçário I: 0 – 1 ano;

- Berçário II: 1 – 2 anos;

- Maternal I: 2 – 3 anos;

- Maternal II: 3 – 4 anos;

- Pré – escola: 4 – 5 anos.

O mais novo marco histórico para a educação no Brasil foi a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), divulgada em 2017, onde o documento estabelece referencias e diretrizes para as instituições de ensino, no que se refere à elaboração de currículos escolares e propostas pedagógicas para todos os níveis de ensino.

Os Jogos e as Brincadeiras na Educação Infantil

A criança em idade da educação infantil gosta de ser percebida por todos e mostra grande satisfação no que quer que realize. Sente-se orgulhosa de mostrar o que pode fazer a fim de ser retribuída com atenção e reconhecimento. Uma criança de cinco anos que desenha uma figura e traz para a mãe dizendo; é você! Ainda que a mãe não perceba suas características na figura, deve reconhecer a realização feita pela criança dando valor e atenção que ela espera.

Embora as brincadeiras, como desenhos, figuram de massa de modelar, suas historinhas sejam rudimentares, o valor de sua experiência é grande. A falta de reforço e estimulação reduzirá a produtividade da criança quanto a esse tipo de desenvolvimento. Sua busca de caminhos para o sucesso para manter seu ajustamento é bem amplo. Para o autor:

> Quando brinca, não está preocupada com seu desenvolvimento e sim que ela está participando de algo prazeroso que é brincar, mas ao mesmo tempo está

> descobrindo algo novo nas suas habilidades físicas e motoras, o universo lúdico traz está segurança para a educação infantil (SANTOS, 2009, p. 49).

Nesse contexto, o jogo vem sendo trabalhado na educação como o lúdico desde muitos anos atrás, para auxiliar nos princípios: moral, ético e conteúdo de matérias como geografia, história e várias outras. O Renascimento vê a brincadeira como uma conduta livre que ajuda favorecendo no desenvolvimento da inteligência que facilita a criança nos seus conhecimentos do estudo. Os educadores podem estar levando a ludicidade até as crianças de forma precisa de cada turma, que corresponde sua necessidade, com o mesmo objetivo de trabalhar a atividade lúdica com suas crianças com prazer para melhoria no desenvolvimento.

Portanto, o brinquedo vem há muitos anos, com o passar do tempo, o mesmo ganhou força na expansão da educação infantil. Este recurso vem em forma de ensinar, desenvolver e educar a criança de forma prazerosa, portanto, o objetivo de ter brinquedos educativos, jogos pedagógicos, quebra-cabeça o mesmo tem o intuito das crianças aprenderem cores, formas geométricas, nos brinquedos de tabuleiros ela trabalham os números, as operações de matemática.

Nesse sentido, a concepção exige um olhar do professor para o desenvolvimento infantil da função do pedagogo como os móbiles da sala que gera uma percepção visual, sonora ou motora, um ambiente diferente que se torna mais chamativo para a criança, carrinhos munidos de pinos que se encaixam para ajudar a desenvolver a coordenação motora da criança, parlendas para trabalhar a expressão de linguagem, brincadeiras envolvendo músicas, danças, expressão motora, gráfica e simbólica.

O uso de brinquedos e jogos na educação infantil de forma educativa com os fins pedagógicos leva os instrumentos até as crianças no sentido de

ensino-aprendizagem e o desenvolvimento infantil. O brinquedo desempenha um papel de grande importância para desenvolver a aprendizagem da criança, permitindo à ação, afetiva, a construção, representações mentais a manipulação com o brinquedo o desempenho de ações, e as trocas nas interações.

O jogo contempla inúmeras representações que a criança tem como opção de aprendizado que vem contribuir com o conhecimento e a desenvoltura da criança na sua educação lúdica infantil. A função lúdica na educação mostra que:

> O brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente a função educativa, o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. O brincar e jogar e dotado de natureza livre típica de uns processos educativos. Como reunir dentro da mesma situação o brincar e o educar. Essa e a especificidade do brinquedo educativo (KISHIMOTO, 2005, p. 37).

Para alguns teóricos o jogo e a brincadeira são vistos como inutilidade na sala de aula, como um passatempo na educação da criança. Para o professor, o lúdico vai muito além de um simples jogar e brincar tem todo um significado com referência no conteúdo trabalhado com a criança, um instrumento de estudo agradável para estar auxiliando a criança a obter conhecimentos de forma prazerosa onde ela mesma tem sua própria ação com as brincadeiras e jogos.

O que é o brincar para a criança da Educação Infantil?

As crianças precisam experimentar de tudo, cada brinquedo traz uma mensagem e vai despertar o interesse e a curiosidade de alguma forma. O interessante para a criança não é o brinquedo que ela utiliza, mas sim o brincar. É possível improvisar brinquedos como uma fruta, uma caixa de papelão vazia ou até imaginar.

Portanto, o brincar é um espaço de diversão de investigação e construção de conhecimento sobre si mesma e sobre o mundo. A criança se diverte e exercita a sua a imaginação. Imaginar é uma forma que permite às crianças relacionarem seus interesses e suas necessidades com a realidade de um mundo que pouco conhecesse.

Nesse sentido, para a criança é simplesmente deixar o mundo imaginário fluir, viajar com ele e sentir-se livre para brincar com terra, ar, água e criar. Conhecer o mundo dos adultos através de suas experiências e surpreender-se com elas, perder-se em castelos e contos de fadas sem qualquer responsabilidade do mundo real.

Para Vygotsky (1998) o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas, que são mediadas por ferramentas técnicas e semióticas. Deste modo, a interação com o meio é de suma importância no processo de construção dos saberes de cada criança, a criança interage com o meio e essa interação reflete em seu processo de aprendizagem. O professor deve procurar resgatar as relações existentes na realidade que possam criar condições alternativas, visando à compreensão e intervenção nesse contexto social onde o conhecimento é produzido (BROUGÈRE, 2010, p. 76).

Para as crianças, os jogos são apenas brincadeiras ao qual o professor lhes proporciona um momento de relaxamento, porém para os

profissionais em educação ele é uma importante ferramenta de aprendizado, que leva o aluno a aprender e compreender numa simples brincadeira o que se torna muitas vezes complexa e monótono.

> A ação do professor de educação infantil, como mediador das relações entre as crianças e os diversos universos sociais nos quais elas interagem, possibilita a criação de condições para que elas possam, gradativamente, desenvolver capacidades ligadas à tomada de decisões, à construção de regras, à cooperação, à solidariedade, ao diálogo, ao respeito a si mesmas e ao outro, assim como desenvolver sentimentos de justiça e ações de cuidado para consigo e para com os outros (BRASIL, 1998, p. 43).

Com essa ótica, o ato de brincar a na educação infantil acontece em determinados momentos do cotidiano infantil, nesse contexto, o brincar torna-se importante no desenvolvimento da criança, de modo que as brincadeiras e jogos que vão surgindo gradativamente na vida da criança, desde os mais funcionais até os de regras. Estes são elementos elaborados que proporcionam experiências, possibilitando a conquista e a formação de sua identidade.

Neste sentido, Carvalho (1992, p. 14) afirma que:

> O jogo e as brincadeiras na vida da criança são de fundamental importância, pois quando ela brinca, explora e manuseia tudo aquilo que está a sua volta, através de esforços físicos e mentais. E sem se sentir coagida pelo adulto começa ater sentido de liberdade, portanto, real valor das atividades vivenciadas naquele instante.

Com essa ótica os jogos devem ser criados e recriados, para que aconteça sempre uma nova descoberta, sempre se modifiquem para um novo jogo, em uma nova maneira de jogar. Quando uma criança brinca,

seu saber forma várias informações ao seu respeito, no entanto, o brincar pode ser de grande validade para estimular seu desenvolvimento integral, tanto no ambiente escolar como no ambiente familiar.

Kishimoto (2005, p. 91) enfatiza que "A criança brinca do que vive; extraí sua imaginação lúdica do seu dia a dia", quando as crianças encontram oportunidades para brincar, elas estão preparando-se emocionalmente para que no futuro possam controlar suas emoções dentro do contexto social em que vivem, dessa forma poderão obter melhores resultados gerais no desabrochar da sua vida.

Para Vygotisky (1998) defende a ideia que para analisar o nível de desenvolvimento da criança temos que ter como base pelos menos dois níveis de desenvolvimento, efetivo que se dá de testes que estabelecem a idade mental, ou seja, aquilo que a criança é capaz de realizar por si mesmo, o segundo nível se dá na área de desenvolvimento potencial, área que se refere a tudo aquilo que a criança é capaz de realizar, se obteve ajuda de outra, não importando como, por imitação, demonstração entre outros.

Segundo, Santos (2009, p. 90) relata que "(...) os jogos simbólicos, também chamados de brincadeiras simbólicas e o faz de conta, são jogos através dos quais a criança expressa à capacidade de representar dramaticamente".

Nesse contexto, o contexto, a criança experimenta uma variedade de papéis e funções sociais globalizadas, a partir do que observam do mundo adulto real, sendo a submissão ás regras de comportamento e normas sócias a razão do prazer que ela experimenta no ato de brincar, e a capacidade de representar um passo importante para o desenvolvimento do pensamento da criança, como já foi dito, brincando a criança aprimora as suas potencialidades e se desenvolve, pois existe todo um desafio, contidos nas situações lúdicas, que exercitam o pensamento e leva a criança

a alcançar níveis de desenvolvimento que só as ações por motivações conseguem.

Conforme Moreira (2011), "a aprendizagem significativa defende que as ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva (não-literal) com aquilo que o indivíduo já sabe, ou seja, essa interação não se dá com qualquer ideia prévia, mas com um conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do educando".

Nessa relação entre conhecimentos prévios e novos conhecimentos, os novos conhecimentos ganham significado e os conhecimentos prévios ganham maior estabilidade cognitiva, ou podem ser ressignificados, esse processo é denominado por Piaget de Assimilação, onde, os conhecimentos prévios das crianças passam por um desequilíbrio ao se deparar com o novo conhecimento, levando a criança a um processo de acomodação ou assimilação e, por conseguinte ao equilíbrio, que é quando o conhecimento prévio e o novo ganham sentido no cognitivo do educando.

> [...] uma integração à estruturas prévias, que podem permanecer invariáveis ou são mais ou menos modificadas por esta própria integração, mas sem descontinuidade com o estado precedente, isto é, sem serem destruídas, mas simplesmente acomodando-se à nova situação (PIAGET, 1996, p. 13).

Vygotsky (1998) acrescenta que os psicológicos associados às relações pessoais promovem as crianças estímulos que interligam a Zona de desenvolvimento proximal (ZDP) com os conteúdos a serem assimilados, ou seja, a ZDP define as funções que estão em processo de amadurecimento. Em outras palavras, o funcionamento psicológico

estrutura-se a partir das relações sociais estabelecidas entre a criança e o mundo exterior.

METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa é uma pesquisa bibliográfica, uma vez que analisaremos documentos oficiais, assim como pensadores relevantes para a compreensão da utilização dos jogos e brincadeiras na educação infantil e suas contribuições.

> A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2002, p. 44).

O estudo de natureza exploratória tem por objetivo uma abordagem qualitativa, com a perspectiva de fazer uma análise, estudo reflexivo sobre o tema abordado e como afeta os envolvidos no processo. Diante disso, Gil (2002) afirma que o planejamento das pesquisas exploratórias é bastante flexível "de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado".

A abordagem utilizada nesta pesquisa é qualitativa, esse tipo de abordagem não traz números, uma vez que viabiliza a relação com o objeto de estudo, conseguindo múltiplas compreensões de uma análise indutiva por parte do pesquisador (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20).

A análise foi feita mediante comparação entre as teorias dos pensadores que baseiam esse estudo, através da leitura e análise

comparativa com as vivências observadas em estágios que tornaram nossa percepção da presente problemático um tema relevante a ser abordado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na educação infantil, o ato de ensinar utilizando jogos e brincadeiras é por vezes comum e corriqueiramente aplicado pelos profissionais dessa modalidade de ensino, mas quais as contribuições que estas ferramentas trazem para o desenvolvimento infantil?

Os jogos e brincadeiras elevam a concentração das crianças, trabalhando assim suas funções cerebrais, como o lobo frontal, que é responsável pelo raciocínio desempenhado pelo aluno, neste contexto o cognitivo do educando é desenvolvido integralmente, portanto tornasse possível que através da ludicidade os conhecimentos sejam absorvidos pelas crianças com maior facilidade e deleite.

Partindo deste princípio, Piaget (1996) relata que "o jogo não pode não pode ser visto, apenas como divertimento, ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral". Tendo em vista que, é por intermédio dos jogos e brincadeiras que as crianças desenvolvem seus conhecimentos com maior facilidade.

> Finalmente, um aspecto relevante nos jogos é o desafio genuíno que eles provocam no aluno, que gera interesse e prazer. Por isso, é importante que os jogos façam parte da cultura escolar, cabendo ao professor analisar e avaliar a potencialidade educativa dos diferentes jogos e o aspecto curricular que se deseja desenvolver (BRASIL, 1997, p. 36).

As contribuições dos jogos em sala de aula tornam-se evidente, a partir de que, os alunos passam a demonstrar maior interesse e compreensão dos conteúdos expostos em sala de aula pelo professor de maneira prazerosa, auxiliando assim seu processo de aprendizagem.

> A educação lúdica esteve em todas as épocas, povos, contextos de inúmeros pesquisadores, formando, hoje, uma vasta rede de conhecimento ao só no campo da educação, da psicologia, fisiologia, como as demais áreas do conhecimento (KISHIMOTO, 2005, p. 31).

É notório que o papel do pedagogo é desenvolver o educando integralmente, ao valer-se de metodologias lúdicas, no qual o aluno desenvolve suas habilidades cognitivas e afetivas, pois, os jogos e brincadeiras não contribuem apenas para a assimilação de conteúdo, mas proporciona a interação do ser humano com o meio em que ele habita, propiciando trocas de conhecimentos e aquisição de novos saberes.

Contudo, ao utilizar jogos e brincadeiras em sala de aula, o professor deve estar preparado para aula, tendo em seu planejamento definido a maneira como irá avaliar esses alunos, pois, não é apenas colocar jogos e brincadeiras é observar também se as crianças compreenderam e assimilaram o conteúdo exposto.

> Recursos didáticos como jogos, livros, vídeos, calculadoras, computadores e outros materiais, têm um papel importante no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, eles precisam estar integrados a situações que levem ao exercício da análise e da reflexão, em última instância, a base da atividade matemática (BRASIL, 1997, p. 19).

Piaget (1966) relata que "o jogo não pode ser visto, apenas como divertimento, ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral", os jogos matemáticos levam as crianças a um alto nível de concentração trabalhando assim suas funções cerebrais, tais como o lobo frontal responsável pelo raciocínio desempenhado pelo alunado, neste contexto o cognitivo do educando é desenvolvimento integralmente sem receio, portanto são através das brincadeiras que os conhecimentos são absorvidos com maior facilidade e deleite pelas crianças.

> Finalmente, um aspecto relevante nos jogos é o desafio genuíno que eles provocam no aluno, que gera interesse e prazer. Por isso, é importante que os jogos façam parte da cultura escolar, cabendo ao professor analisar e avaliar a potencialidade educativa dos diferentes jogos e o aspecto curricular que se deseja desenvolver (BRASIL, 1997, p. 36).

O professor da educação infantil deve estar atento, pois quando se registra as atividades também se avalia o desenvolvimento das crianças, toda criança é um sujeito social e histórico, capaz de pensar o mundo de uma forma única e de compreendê-lo a partir das relações que constrói com a realidade, e com as pessoas com quem convive.

> No jogo, mediante a articulação entre o conhecido e o imaginado, desenvolve-se o autoconhecimento até onde se pode chegar e o conhecimento dos outros o que se pode esperar e em que circunstâncias. [...] Por meio dos jogos as crianças não apenas vivenciam situações que se repetem, mas aprendem a lidar com símbolos e a pensar por analogia (jogos simbólicos): os significados das coisas passam a ser imaginados por elas. Ao criarem essas analogias, tornam-se produtoras de linguagens, criadoras de convenções, capacitando-se para se submeterem a regras e dar explicações (BRASIL, 1997, p. 35).

Deve-se observar que, os planos de ensino devem estar atrelados tanto aos parâmetros da BNCC para que sejam desenvolvidas as competências necessárias nas crianças, assim como as necessidades observadas em sala de aula pelo professor. Visto que, as crianças aprendem brincando, torna-se inevitável a utilização de jogos e brincadeiras no âmbito da educação infantil. Freire (1996) enaltece que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção".

Logo, ao se deparar com dificuldades na aprendizagem em sala de aula, os professores podem e devem valer-se das metodologias ativas disponíveis na escola, planejando como serão feitas as dinâmicas, bem como as avaliações da aprendizagem, para que os jogos não passem a serem vistos apenas como brincadeiras e/ou momentos de relaxamento pelo alunado.

Costumeiramente, os profissionais da educação insistem em "passar conteúdos" para seus alunos de maneira tradicionalista, tornando o ensino desmotivador para os pequenos. Levando a uma prática denominada por Freire (1996) de educação bancária "Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os alunos são os depositários e o educador o depositante".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a utilização dos jogos e brincadeiras na educação infantil é de suma relevância, as crianças assimilam conteúdos, fazem interação com o meio social em que convivem, desenvolvem habilidades

cognitivas e afetivas, melhoram sua coordenação motora e estimulam o desenvolvimento da fala.

Toda via os jogos e brincadeiras não contribuem apenas para essas facilitações no meio educacional, é através deles que o professor pode auxiliar no melhoramento da aprendizagem de crianças com necessidades educacionais especiais, pois contribuem no desenvolvimento cognitivo da coordenação motora fina dependendo da metodologia utilizada.

Na educação infantil, os professores devem procurar desenvolver através da ludicidade uma aprendizagem eficaz e completa aos seus educandos, levando-os a uma compreensão dos conteúdos a serem ministrados, assim como a satisfação em aprender de maneira natural e livre.

Por fim, admite-se que a educação infantil necessita da utilização dos jogos e brincadeiras em suas práticas educativas para que os alunos tenham seu desenvolvimento pleno tanto no seu cognitivo, bem como afetivo e social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da república Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei 8069, 1990.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei Nº 9.394**. Planalto. Brasília, DF, 1996.

_____. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 13 de mar. 2022.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Matemática. Ensino Fundamental. Primeiro e segundo ciclo. Brasília, MEC/ SEF, 1997.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CARVALHO, A.M.C. et al. (Org.). **Brincadeira e cultura**: viajando pelo Brasil que brinca. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas: 2002.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeiras e a Educação**. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**: a teoria e textos complementares. São Paulo, SP: Editora Livraria da Física, 2011.

PIAGET, J. **Biologia e Conhecimento**. 2. ed. Vozes: Petrópolis, 1996.

SANTOS, S. M. P. **Brinquedo e infância**: um guia para pais e educadores em creche. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

editora FAMEN

Capítulo 6

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR DO PEDAGOGO

Maria Aparecida da Silva Lima
Evanilda de Brito Lopes

6

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR DO PEDAGOGO

Maria Aparecida da Silva Lima[15] **// Evanilda de Brito Lopes**[16]

INTRODUÇÃO

Fazer música é construir conhecimento, não nascemos lendo ou escrevendo, pelo menos não os sinais gráficos que existem em nosso meio social. Nascemos lendo o mundo e neste ato de ler o mundo, somos surpreendidos por uma série de sons, cores, sabores e significados diferentes. O aprender encontra-se justificado nesta mistura cotidiana que é o conhecer incluindo a música como facilitador da aprendizagem.

Visando os saberes trazidos pelos discentes, a importância da música na educação infantil, surge como instrumento de contribuição para o desenvolvimento da inteligência, percepção e aprendizagem significativa. Ouvir o aluno, é estabelecer uma linha que ao invés de separar o conhecimento do prazer, aproxima o aluno por diversos caminhos de expressão e construção do saber.

Segundo Caspurro (2011), advoga que: "Quando falamos também nos apropriamos da música de uma forma que nos permite expressar ideias," sem estarmos condicionados exclusivamente pelo que nos é revelado dizer através da memória ou da leitura das partituras.

[15] Formanda Maria Aparecida da Silva. Curso de Pedagogia pela Faculdade FMB. E-mail aparecidalima29@gmail.com.
[16] Orientadora: Mestre em Ciências da Educação pela /ULHT, Especialização em Políticas Públicas /FIP, Gestão Escolar e Psicopedagogia Institucional e Clinica. Graduada em PEDAGOGIA pela UFRN. Professora da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense/FAMEN. E-mail: evanilda@famen.edu.br.

O aluno que faz perguntas é o mesmo aluno que quer entender o que lhe é apresentado, que quer fazer sua música acontecer em sala de aula. A música por sua vez, mistura sons, versos, palavras, e por que não dizer cálculos? Para que exista uma aprendizagem significativa ela precisa antes de tudo ser desvendada, entendida, explorada, cantada ou seja: falada por quem conhece e construída com quem quer conhecer. A referida pesquisa elegeu como principais autores tais como Borges (2003), Ferreira, (2002), Chiarelli (2005), entre outros que estuda o assunto, cria-se em sala de aula um ambiente que envolve sentir, imitar, criar, recriar, refletir e experimentar.

Assim cantou o poeta: "Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo... Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel, num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu". É com um trecho de uma das músicas mais bonitas da nossa MPB, que reflito sobre a importância da música na educação. Tom Jobim em sua música aquarela fala de desenho e imaginação, do poder de criar e recriar tudo que se quer em uma de papel simples, e na escola não é diferente.

A aquarela é o conhecimento que possuímos e que recebemos à medida que aprendemos, porém, nos falta ainda a folha. Numa folha qualquer! Se a folha é qualquer então a diferença está na pessoa que cria, que imagina o sol amarelo, a gaivota que surge de um simples pingo de tinta. Permitir o primeiro pingo de tinta é o primeiro passo para criar a gaivota que irá voar. É nisto que consiste o olhar do pedagogo que motiva e incentiva o educando ao primeiro pingo de tinta.

A música aquarela é uma metáfora da escola, da vida e das experiências que o conhecimento nos proporciona. O aluno é convidado a aventurar-se em um conhecimento constantemente construído no espaço

escolar, a escola por sua vez, é desafiada a conhecer o aluno a ponto de envolvê-lo no processo de ensino/aprendizagem. Mas para utilizar a música em sala de aula, se faz necessário ficar atento a forma como isto será feito.

Para Jeandot (1990, apud GOMES, 2010, p. 15), diz que: "uma aprendizagem voltada apenas para os aspectos técnicos da música é inútil e até prejudicial, se ela não despertar o senso musical, não desenvolver a sensibilidade".

Nesse sentido, cabe ao educador enquanto mediador do conhecimento, buscar estabelecer em sala de aula um clima propicia para que o aluno se sinta confortável para expressar suas incertezas, inseguranças, seus conhecimentos e acima de tudo dar sua contribuição na construção do conhecimento que lhe é apresentado. O prazer e o interesse pelo conhecimento não é um dom, é um exercício. sendo assim, precisa ser estimulado e exercitado diariamente.

REVISÃO DE LITERATURA

Música e aprendizagem na educação infantil

Pensar a relação ensino e aprendizagem que acontece dentro e fora do ambiente escolar é também pensar a relação professor/aluno. Para isto, é importante percebermos que cada criança é única e com isso possui uma forma própria de aprender, de se expressar e de ver o mundo à medida que cresce e se desenvolve.

Vale refletir a cerca de como alcançar esta criança, como mostrar pra ela que aquele determinado conteúdo é importante e mais que isso, como fazer para que ela aprenda. São muitas as estratégias usadas pelos profissionais da educação, principalmente se tratando dos alunos da

educação infantil. Quando a atividade musical é conduzida de forma consciente em nível de mediar a aprendizagem e ao mesmo tempo deixar a criança livre para se mostrar, conseguimos educar de forma alegre e espontânea.

Como afirma Gainza (1988, p. 95), diz que:

> Em todo processo educativo confunde-se dois aspectos necessários e complementares: por um lado à noção de desenvolvimento e crescimento (o conceito atual de educação está intimamente ligado à ideia de desenvolvimento); por outro, a noção de alegria, de prazer, num sentido amplo. [...] Educar-se na música é crescer plenamente e com alegria. Desenvolver sem dar alegria não é suficiente. Dar alegria sem desenvolver, tampouco é educar.

Com essa visão, o professor da educação infantil precisa ser atrativo, chamar a atenção dos alunos para si e para aquilo que ele pretende trabalhar em sala de aula e a música é um grande aliado. Com crianças maiores fica mais fácil disciplinar e até mesmo conscientizá-los da importância de aprender os conteúdos, mas tratando-se dos pequenos é preciso refletir que sua aula e seu conteúdo devem ser tão atrativos quanto os brinquedos ou a vontade de ir para o parquinho da escola.

Portanto Ferreira (2002, p. 13), relata que:

> A principal vantagem que obtemos ao utilizar a música para nos auxiliar no ensino de uma determinada disciplina é a abertura, poderíamos dizer assim, de um segundo caminho comunicativo que não o verbal mais comumente utilizado. Com a música, é possível ainda despertar e desenvolver nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina alvo.

Independentemente da idade, as pessoas ouvem música, as pessoas não ouvem música porque têm que ouvir, elas o fazem porque gostam. Poder ter uma ferramenta tão poderosa a disposição fazer pedagógico é aproximar o ato de aprender com o prazer de cantar e/ou dançar ao som de uma canção que gostamos. Sendo assim, poder utilizar a música como instrumento de abertura de um caminho para acessar e motivar o aluno permite ao educador transformara sua aula em um ambiente de expressão livre e natural por parte dos alunos.

Segundo Beineke (2012, p. 56), diz que:

> A aprendizagem criativa em música pode indicar uma alternativa possível quando se deseja construir uma educação musical na escola básica que contribua com a formação de pessoas mais sensíveis, solidárias, críticas e transformadoras, quando a criação abre a possibilidade de pensar um mundo melhor.

Antes vista apenas como uma ferramenta de distração ou para passar o tempo, atualmente percebe-se que cada vez mais educadores investem em projetos com música e demais expressões artísticas a fim de tornar suas aulas mais atrativas. Na escola somos acompanhados pelo fazer musical desde nossos primeiros dias da jornada escolar. Música para acolher os alunos e desejar bom dia, o hino do colégio, música para aprender as vogais, música para organizar a filinha do lanche ou mesmo para lavar as mãos.

No olhar de Jourdain (1998, p. 335):

> As pessoas também são atraídas por gêneros de música que servem para uma função particular em suas vidas. Alguém se interessa pelo reggae porque gosta de dançar ao seu som. Alguém é louco por ópera por causa do culto à personalidade. Outra pessoa vai aos jazzes clubs para

> apreciar as travessuras do improviso não planejado. E ainda outra assiste a musicais por causa de uma inclinação pelo teatro. Há uma porção de atrações diferentes.

O uso da música na educação não é algo novo, no entanto o olhar para música como ferramenta de aprendizagem é algo que antes não acontecia. Além de contribuir para uma aula mais prazerosa, a música como instrumento do lúdico contribui para a expressividade das crianças, facilita e auxilia na comunicação e possibilita a construção do conhecimento de forma prazerosa. A música no ambiente escolar não é cantada por acaso, existe sempre uma intenção pedagógica no fazer musical dentro da escola.

Obviamente, na Educação Infantil a criança não saberá falar sobre ecossistema, mas ela saberá reconhecer os aspectos que compõe o lugar onde vive, os rios, as paisagens que encontra indo para escola, os diferentes ambientes onde vivem os animais e etc. É partindo que a criança já conhece que poderemos refletir sobre o que pretendemos que ela aprenda e escolher a música certa, o ritmo que melhor se encaixa e a melodia que despertará maior interesse na participação e execução da música.

O uso da música em sala de aula, permite antes de tudo alcançar a criança em sua afetividade, despertar nela sentimentos, sensações e emoções tornando o aprendizado mais leve e prazeroso, sendo a música é um canal para despertar emoções, então é a música no cotidiano de uma escola é a oportunidade de criar um cotidiano com situações de aprendizagens cheias de significados.

A musicalidade na vida da criança

Se observarmos os estudos mais recentes feitos sobre a vida humana e seu início, perceberemos que é ainda na barriga da mãe que a criança tem suas primeiras experiências musicais. A partir dos primeiros meses de vida já observamos as primeiras reações dos bebês quanto a música, as crianças se movimento de forma voluntária segundo o ritmo e aprender rapidamente as letras das músicas a medida que vão crescendo e se apropriando da linguagem.

Para Jourdain (1998, p. 92), relata que:

> Até um recém-nascido tem algum tipo de vida musical. A resposta inicial do bebê ao som musical é voltar-se defensivamente em direção a ele. Mas a criança com cerca de um mês já sabe distinguir tons de diferente frequência. (Este e outros fatos da psicologia infantil são deduzidos monitorando-se mudanças sutis das batidas do coração, quando uma criança reage às mudanças em seu meio ambiente).

A música alcança o emocional do sujeito despertando-lhe diferentes emoções, através de uma música é possível sentir sensações de alegria, amor, melancolia e etc. Encarar a intencionalidade musical em sala de aula apenas como distração é tirar da música todo o seu caráter cultural afetivo e educacional.

Ao ensinar, por exemplo, as vogais utilizando-se de uma música, de certo a criança memorizará muitos mais rápido do que se apenas pedíssemos que ele repetisse as vogais. A melodia e o ritmo tornam a internalizarão da informação mais rápida e eficaz.

> **Desenvolvimento cognitivo/ linguístico**: a fonte de conhecimento da criança são as situações que ela tem oportunidade de experimentar em seu dia a dia. Nesse sentido, as experiências rítmico musicais que permitem uma participação ativa favorecem o desenvolvimento dos sentidos das crianças[...] **Desenvolvimento psicomotor**: as atividades musicais oferecem inúmeras oportunidades para que a criança aprimore sua habilidade motora, aprenda a controlar seus músculos e mova-se com desenvoltura. [...] Desenvolvimento sócio afetivo: a criança aos poucos vai formando sua identidade, percebendo-se diferente dos outros e ao mesmo tempo buscando integrar-se com os outros. Através do desenvolvimento da autoestima ela aprende a se aceitar como é com suas capacidades e limitações. As atividades musicais coletivas favorecem o desenvolvimento da socialização, estimulando a compreensão, a participação e a cooperação [...] (CHIARELLI; BARRETO; SANTOS, 2005, p. 42).

Assim sendo, na etapa da educação infantil, a criança está ampliando seu vocabulário, costuma nessa fase repetir tudo que vê os adultos fazendo e falar também tudo que vê os adultos falando. Para então trazer esta curiosidade da criança para a sala de aula, usamos o lúdico como ferramenta. Contação de histórias, músicas, imagens, bonecos de fantoche, tudo que possa tornar a aula atrativa para então conseguir que a criança em sala de aula faça o que lhe é comum fazer: imitar, perguntar, criar, pensar e principalmente se expressar.

Musicalizar o que se pretende ensinar é valorizar o aspecto lúdico através da motivação da criatividade do aluno. É nos anos iniciais que a personalidade está sendo formada, cada experiência, a capacidade comunicativa e a desenvoltura nas relações vão sendo estimuladas cotidianamente em casa e na escola. Essas experiências ajudam diretamente na formação do caráter durante toda a vida.

Para as crianças tudo precisa ter um significado pois elas sempre estão prontas para perguntar: por que? A criança tem sede de aprender e de entender e a música facilita esta comunicação à medida que informa de forma descontraída ampliando a compreensão daquilo que foi ensinado. Trata-se de chamar a atenção da criança para o professor e a atividade e evitar assim que o mesmo se distraia ou comece a conversar de forma paralela.

Snyders (1997, p. 27), diz que:

> Os métodos modernos da pedagogia musical estão absolutamente corretos ao propor atividades de escuta ativa, não somente para evitar que os alunos, se não tiverem nada de preciso a fazer, conversem ou se evadam da aula através de devaneios, mas por que faz parte da natureza da obra musical despertar uma admiração ativa: o objetivo da escuta ativa não é chegar a uma espécie de êxtase teológico, mas despertar emoções controladas, que integrem a alegria ao conjunto da pessoa, tanto na sua sensibilidade quanto na sua compreensão.

Portanto, a música em sala de aula deve encantar primeiramente o educador, se o educador gosta dessa metodologia ele irá aplicá-la com prazer e isso é sentido pelos alunos, não adianta cantar porque tem que cantar. Deve ser do professor as satisfações primeiras em utilizar esta ferramenta e assim então os educandos vendo aquele exemplo se sentirão provocados e convidados a cantar também, a dançar também e a se expressarem também.

De início a criança vai imitando o professor, depois vai se apropriando do conhecimento e reproduzindo a sua própria maneira. Assim, o aprendizado vai sendo construído dentro do ambiente da sala de

aula. Na interação professor e aluno e entre os alunos as trocas de ideias, os questionamentos e a busca por respostas tomam forma.

Desafios e vantagens ao usar a música como instrumento lúdico

Utilizar a música como instrumento lúdico é sem dúvida uma ferramenta de aprendizagem que o professor pode fazer uso na sua pratica pedagógica, no entanto, é preciso saber controlar a turma para que a ludicidade musical não se torne brincadeira sem propósito e motivo de dispersão durante as aulas. Podemos dizer que, são inúmeros os desafios enfrentados por um professor, mas, de fato um dos mais complicados é tornar atrativo um conteúdo que por vezes a criança não quer aprender.

Segundo Craidy e Kaercher (2001, p. 130), diz que:

> Quando uma criança começa a frequentar a escola, o novo ambiente precisa tornar-se, o mais breve possível familiar e aconchegante. Além das novidades do ambiente físico, o mundo sonoro é completamente desconhecido. A música pode se tornar um espaço a partir do qual os primeiros vínculos são criados e mantidos. Além disso, as aprendizagens de forma de expressão que comunicam estados de ânimo são imediatamente empregadas para expressar alegria e satisfação.

Com essa visão, tratando-se da educação infantil, o normal da criança é interessar-se por coisas dos adultos, imitar os adultos ou mesmo se comportarem como adultos, no entanto, nesta faixa etária as crianças têm por natureza o impulso de brincar. As crianças querem brincar, mas também querem se movimentar, não querem ficar paradas. Atividades que envolvam movimento, interação com o outro estão entre as preferidas de uma criança.

Partindo disto, a musicalidade na sala de aula responde a questões quanto a movimentos rítmicos e programados, transmite informações de maneira natural e de fácil aprendizado devido ao uso de melodia, a música pode acalmar ou acelerar a atividade de acordo com o tempo rítmico que for escolhido. Falar do dia da água por exemplo, se torna muito mais fácil quando se utiliza da música "Planeta Água de Guilherme Arantes" Os alunos certamente aprenderam a letra mais fácil, mais rápido e mais prazerosamente do que decorariam um texto.

Para Rosa (1990, p. 22-23), diz que:

> A linguagem musical deve estar presente nas atividades [...] de expressão física, através de exercícios ginásticos, rítmicos, jogos, brinquedos e roda cantadas, em que se desenvolve na criança a linguagem corporal, numa organização temporal, espacial e energética. A criança comunica-se principalmente através do corpo e, cantando, ela é ela mesma, ela é seu próprio instrumento.

Assim, ao utilizar-se da música enquanto situação de aprendizagem e ferramenta pedagógica é desenvolver na criança fatores e habilidades como: Informação, movimento, comunicação, sons e escuta, silêncio e sensibilidade, expressão e arte. Além disto, musica auxilia e motiva a valorização cultural, as expressões individuais e também trabalhadas em grupo estimulam das competências artísticas entre outros pontos. O fazer musical no ambiente escolar deve ser sempre utilizado com uma intenção mesmo que ela seja a de apenas proporcionar momentos de alegria, já será um grande ganho.

METODOLOGIA

Para a produção deste artigo cientifico foi utilizado a metodologia bibliográfica e qualitativa, dando suporte ao estudo. "Sabendo que trabalhar a música em sala de aula na educação infantil, pode proporcionar uma melhor assimilação e significação do conteúdo, este artigo busca alicerce em estudos de Rosa (1990, p. 38) diz que entre outros pensadores que contribuíram com seus trabalhos e estudos pertinentes ao tema abordado". Pretende-se evidenciar que a música quando utilizada como ferramenta pedagógica com caráter criativo e educacional trará como resultado um aprendizado significativo.

O estudo relata a importância da música no ambiente escolar com alunos da educação infantil. A música deve fazer parte do cotidiano escolar como um dos elementos formadores do indivíduo. Portanto, o professor precisa saber observar quais são as necessidades de seus alunos e conhecer o desenvolvimento cognitivo de cada idade e suas potencialidades para que possa escolher atividades que venham de encontro com seus objetivos e realizar um trabalho interdisciplinar.

Sendo que a música possui um papel importante na educação das crianças, ela contribui para o desenvolvimento psicomotor, social afetivo, cognitivo e linguístico; favorece a criatividade do senso rítmico, do prazer de ouvir e da concentração da imaginação da criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa identificou que a música na educação infantil, não deve ser usada apenas como experiência estética, mas como instrumento facilitador do processo de aprendizagem, como ferramenta para tornar a

escola um lugar mais alegre e receptivo, possibilitando a ampliação do conhecimento musical do aluno, afinal a música é um bem cultural e seu conhecimento não deve ser privilégio de poucos

Com base nos teóricos é possível constatar o quanto é significativo o desenvolvimento das crianças através da música, pois contribui em vários aspectos, desde a socialização com as outras crianças como também a apreensão de conhecimentos por meio da musicalização. Até mesmo o respeito às diferenças se torna realidade, onde a música é parte principal utilizada durante o processo de ensino-aprendizagem, o que possibilita a aquisição de novos conhecimentos e de maior desenvolvimento das crianças.

A música na educação infantil é de extrema importância principalmente nas primeiras fases de aprendizado onde a criança está escolhendo suas vontades e seus gostos musicais.

Desta forma, a música como uma atividade lúdica, os alunos aprendem com mais facilidade, pois vivenciam situações satisfatórias, reutilizam, criam, tornando-se indivíduos instigantes. A relevância que este recurso pedagógico traz para o processo de conhecimento é indispensável, pois melhora o raciocínio lógico dos aprendizes contribuindo com a sistematização do conhecimento. Sendo assim o jogo promove a interação dos discentes e facilita a aprendizagem deste público.

A importância da linguagem musical e da arte na sociedade contemporânea é justificada pelo fato de promover o desenvolvimento do ser humano, conforme estudos já realizados por diferentes autores como Borges (2003, p. 86) afirma que "Muitas instituições de educação infantil ainda trabalham a música, tendo como objetivo apenas formar hábitos, atitudes e comportamentos, fazendo uso da música para trabalhar a fixação de conteúdos, como datas comemorativas, letras ou números". Não

podemos encarar a música como algo pronto ou como proposta de reprodução, mas como uma linguagem cujo conhecimento se constrói.

De acordo com os Referencias Curriculares Nacionais,

> O trabalho com música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquelas que apresentam necessidades especiais. A linguagem musical é excelente meio para desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social (BRASIL, 1998, p. 49).

Nesse sentido, a educação musical é uma excelente ferramenta para o desenvolvimento de habilidades verbais, físicas, sociais, mentais e emocionais. A liberdade de criar e adaptar são uma das características próprias da Educação Musical, através da qual as atividades tornam-se atraentes para as crianças que buscam a cada instantes novos descobertas que lhes satisfaçam a curiosidade

A música, ao ser produzido ou reproduzido, é influenciada diretamente pela organização sociocultural e econômica local, contando ainda com as características climáticas e o acesso tecnológico que envolve toda a relação com a linguagem musical. A música possui a capacidade estética de traduzir os sentimentos, atitudes e valores culturais de um povo ou nação.

Portanto, música está associada a educação infantil devido a importância que representa em seu desenvolvimento psicomotor, sócio afetivo, cognitivo e linguístico, além de ser uma ferramenta na qual facilita o processo de aprendizagem. A mesma trabalhada de forma correta no estilo de educar proporciona diversos benefícios para as crianças; a musicalização nesse período dos primeiros anos de vida é uma importante

fonte de equilíbrio e felicidade, cantando ou dançando ela proporciona um excelente desenvolvimento no âmbito da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que a música na educação infantil está presente no dia-a-dia das crianças, na rotina dos anos iniciais e não somente nessas etapas. Música para a merenda, música para a fila, música para aprender as vogais, música de ninar, música para dançar, música para várias datas comemorativa ou mesmo para início e termino da aula.

Entende-se por fim que a importância da música como instrumento pedagógico, auxilia no trabalho desenvolvido em sala de aula em vários aspectos diferentes o professor ponderar experimentar diversas formas de apresentar o conteúdo, olhar o conhecimento por um angulo diferente e inovador e o aluno por sua vez, ponderar interagir individual e grupalmente como sujeito de direito e conhecimento, exercitando sua capacidade de criar, recriar, errar e recomeçar.

A relação ensino/aprendizagem está diretamente ligada com a relação professor/aluno, cada criança é única e o educador por sua vez, busca meios para conhecer a cada um. Porém, nem sempre os alunos estão abertos a princípio para facilitar esse processo de conhecimento pessoal. A sondagem nos primeiros dias de aula nem sempre é tão eficaz e os resultados colhidos pelo professor nem sempre são satisfatórios.

A relação ensino e aprendizagem estão diretamente ligadas com a relação professor/aluno, cada criança é única e o educador por sua vez, busca meios para conhecer a cada um. Porém, nem sempre os alunos estão abertos a princípio para facilitar esse processo de conhecimento pessoal. A

sondagem nos primeiros dias de aula nem sempre é tão eficaz e os resultados colhidos pelo professor nem sempre são satisfatórios.

O ato de aprender se torna mais prazeroso quando o aluno se sente confiante pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. Somente conquistando o aluno será conquistado o sucesso no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC,1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BORGES, T. M. M. **A criança em idade pré-escolar, desenvolvimento e educação**. 3. ed. Rio de Janeiro, 2003.

BEINEKE, V. Aprendizagem criativa e educação musical: trajetórias de pesquisa e perspectivas educacionais. **Educação, Santa Maria**, v. 37, n. 1, p. 45-60, jan./abr. 2012.

CASPURRO, H. **Audição e Audiação**: o contributo epistemológico de Edwin Gordon para a história da pedagogia da escuta. Disponível em: http://www.helenacaspurro.pt/downloads/DocenciaInvestigacao/Audicao_e_audiacao-APEM.pdf. Acesso em: 18 abr. 2022.

CHIARELLI, L. K. M.; BARRETO, S. DE J. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser**. Revista Recre@rte**, n. 3, 2005.

CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. **Educação infantil**: Pra que te quero?. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRA, M. **Como usar a música na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

GAINZA, V. H. **Estudos de pedagogia musical**. São Paulo: Summus, 1988.

JEANDOT, N. **Explorando o Universo da Música**. São Paulo: Spcione, 1990.

GOMES, D. S. **A Importância da Música no Processo de Aprendizagem da Criança na Educação Infantil**: Uma Análise da Literatura. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.

JOURDAIN, R. **Música, cérebro e êxtase**: como a música captura nossa imaginação. Rio de janeiro: Objetiva, 1998.

ROSA, N. S. S. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Ática, 1990.

SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

editora FAMEN

Capítulo 7

O BRINCAR COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Rosilene Barbosa da Silva
Evanilda de Brito Lopes

7
O BRINCAR COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Rosilene Barbosa da Silva[17] **// Evanilda de Brito Lopes**[18]

INTRODUÇÃO

O presente artigo discute sobre o tema: O Brincar como ferramenta de aprendizagem na educação infantil, e tem como objetivo discutir e analisar a importância da brincadeira no desenvolvimento cognitivo e das múltiplas aprendizagens das crianças.

Tendo em vista que as ações perpassam os momentos de interação e ludicidade tendem a gerar nas crianças prazer, interesse, concentração e disponibilidade para o desenvolvimento das competências e habilidades.

O brincar é uma das formas mais comuns do comportamento humano principalmente durante a infância. Infelizmente, até pouco tempo, o brincar era desvalorizado, destituído de valor a nível educativo, mas com o passar dos tempos, houve uma mudança na forma como se compreende o brincar e a sua importância no processo de desenvolvimento da criança (GOMES, 2008).

Assim, ao se referir a cultura do brincar é preciso refletir sobre de que maneira podemos incluir no âmbito escolar e como essas ferramentas irão ajudar no desenvolvimento das crianças, para que estas ações não se

[17] Formanda Maria Rosilene Barbosa da Silva, Curso de Pedagogia pela Faculdade FMB. E-mail lene102010@hotmail.com.
[18] Orientadora: Mestre em Ciências da Educação pela /ULHT, Especialização em Políticas Públicas /FIP, Gestão Escolar e Psicopedagogia Institucional e Clinica. Graduada em PEDAGOGIA pela UFRN. Professora da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense/FAMEN. E-mail: evanilda@famen.edu.br.

distanciem dos estudos já existentes, e que não haja dissociação entre a teoria e a pratica.

Ao pesquisar sobre as ferramentas de aprendizagem com o ato brincar na educação infantil, onde muitas vezes os adultos incluindo pais e professores usam como segundo plano, Quando se praticam experiências lúdicas em grupo o conhecimento se engrandece, já que a sociabilidade é agregada à vida da criança, surgindo assim os primeiros sentimentos morais e a consciência de grupo, isso significa que quando a criança tem acesso ao lúdico ela é favorecida na composição da sua personalidade e das suas faculdades mentais intelectuais.

Dessa maneira, considerando o brincar como peça fundamental para o desenvolvimento as competências e habilidades, o artigo traz um olhar analítico para as mediações das atividades lúdicas, e os elementos desta construção. A referida pesquisa fez uso da metodologia bibliográfica e qualitativa, elegendo como principais teóricos: Almeida, (2017), Miranda (2008), Oliveira (2012), Kishimoto (2005). Entre outros pesquisadores do assunto.

Dessa forma com a criatividade no âmbito escolar também possibilita a criança conhecer diversas maneiras de aprender, é um estimulo e desenvolve aspectos afetivos e sociais, na modalidade de ensino de educação infantil na aprendizagem da criança Além de ser o melhor remédio para descarregar energia, o brinquedo influencia positivamente na aprendizagem, sendo este o seu interesse.

O presente estudo foi dividido em introdução, revisão da literatura, também discute sobre o brincar como ferramenta de aprendizagens na educação infantil, O brincar na facilitação da aprendizagem. A BNCC e a experiência educacional do brincara referida pesquisa aponta a

metodologia trabalhada e os resultados e discussão, por fim as considerações finais.

REVISÃO DE LITERATURA

O brincar como ferramenta pedagógica de aprendizagens na educação infantil

A criança como objeto deste trabalho precisa ser reconhecida como tendo importância, sendo elas sujeitos singulares em direitos, práticas sociais e culturais diferenciadas. Segundo a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), em seu artigo 1º: considera-se como criança todo ser humano com menos de 18 anos de idade, salvo quando, em conformidade com a lei aplicável à criança, a maioridade seja alcançada antes. E em seu artigo 3º diz que se deve considerar primordialmente o melhor interesse da criança.

Sendo assim, o brincar constitui uma das características da infância, que faz parte das necessidades da criança através de suas brincadeiras. Através disso, a criança expressa suas atitudes, alegrias e satisfação. Pela brincadeira o aprendizado acontece de forma concreta, estimulando sentidos fundamentais, bem como função sensorial, função motora e até mesmo demonstrar o emocional.

Segundo Brasil (2017, p. 25), diz que:

> Na primeira etapa da Educação Básica e de acordo com os eixos estruturantes da Educação Infantil interações e brincadeira, devem ser assegurados seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver:

> Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se.

Para Silva e Madrid (2022), o brincar e o movimentar-se representam uma das mais importantes características das crianças e se constituem em elementos importantes que contribuem no desenvolvimento e aquisição de habilidades motoras e sócio afetivas.

Nanni (1998), diz que a Educação Infantil é o primeiro e decisivo passo para se atingir a continuidade no ensino com produção e eficiência desejáveis, tendo como objetivo o desenvolvimento da atividade, facilitando a escolaridade da criança e incorporando-se diretamente em outras faces do desenvolvimento ao longo da vida. A instituição escolar deve sistematizar e ampliar conhecimentos, não se esquecendo das características e necessidades de cuidado/educação corporais que constituem cada idade da infância.

Segundo Miranda (2008), aprender a mover-se, envolve atividades como tentar praticar, pensar, tomar decisões, avaliar, ousar e persistir. Para o autor, a aprendizagem através do movimento implica em usar movimentos por meio, para se chegar a um fim. Esse fim, não necessita ser necessariamente o aperfeiçoamento das habilidades da criança, em se mover efetivamente, mas pode ser um meio pelo qual a criança aprende mais sobre si mesma, sobre seu ambiente e sobre o mundo que o cerca.

Para Moreira (1995, p. 85):

> A criança é movimento em tudo o que faz, pensa e sente. O seu corpo presente é ativo em todas as situações e em todos os momentos. Ele, o corpo, dialoga com todo o tempo com todos que o cercam. Desde uma brincadeira como pega-pega, até as formações em roda ou em colunas, posso notar que o corpo, por meio dos movimentos, denota sentimentos e emoções.

A perspectiva do corpo em movimento desempenha um importante papel na vida das crianças, pois contribui para o desenvolvimento total da criança. Os movimentos expressam o que sentimos nossos pensamentos e atitudes que muitas vezes ficam arquivadas em nosso inconsciente. Por isso é tão importante o movimento e a expressão corporal para a educação infantil. O corpo é o espaço de vida e comunicação do ser humano, considerando-o como abrigo da história de um sujeito, pois o ser humano é um complexo de emoções e ações, um ser vivo desejante e atuante no meio em que vive, e deve ser considerado em sua totalidade (SILVA; MADRID, 2022, p. 10).

Assim, a valorização da brincadeira e da ludicidade para a criança, são promotoras de aprendizagens, de constituição sociocultural, de sentimento de pertencimento ao ambiente em que vive e convive. O desenvolvimento cognitivo e motor são desenvolvidos com as brincadeiras, contribuindo assim para seu desenvolvimento.

Almeida (2017, p. 45), fala que:

> As diferentes mediações educativas realizadas pelo educador, a organização dos espaços e tempos da escola e dos jogos, brincadeiras, brinquedos e materiais lúdicos que se encontram ao alcance das crianças durante o ato lúdico, são atitudes que podem fazer a diferença no brincar da escola e na ampliação do repertório lúdico delas.

O brincar como ferramenta de aprendizagem na educação infantil, também passa pela mediação do educador, que possibilitará a criança mais ou menos estímulos para seu progresso, associado a um ambiente lúdico e apropriado para todos.

Na visão de Almeida (2017, p. 43-44), relata que:

> O brincar pode ou não produzir uma construção mais humana e completa. Isso dependerá da atitude do sujeito envolvido na ação lúdica. No brincar a criança pode aprender e se desenvolver em sua linguagem, no seu conhecimento, em seus valores e na sua subjetividade. A não obrigatoriedade com a produção (o resultado) é o que difere profundamente do trabalho produtivo no qual busca um resultado.

Os jogos, os brinquedos e as brincadeiras fazem parte de um repertório de culturas, realizados na infância e que estimulam inúmeras experiências e contribuem na construção de um olhar mais sensível sobre o brincar. O ato de brincar está intrínseco de informações, pois, nesse processo a criança insere seu conhecimento de mundo, sua realidade e aprende novos aspectos.

Almeida (2017, p. 50-51), relata que:

> É no brincar espontâneo e livre, e especialmente em espaços da escola, que a criança vivencia os conflitos, atos de solidariedade, de inclusão, de amizade e rompimento, dominação, autoridade e transgressão nas relações com os seus pares lúdicos. As crianças buscam entender e significar a ordem social dos adultos, representando seu mundo por meio do brincar.

Desta forma, o brincar como ferramenta de aprendizagem na educação infantil, segue um modelo pré-estabelecido pelas normativas brasileiras, associadas à criatividade do professor e a estrutura oferecida pela escola. Unidos, estes três aspectos, possibilitarão ao aluno uma vivência mais leve associada à aprendizagem. Onde o docente sondará seus alunos através de brincadeiras, observando-os e obtendo informações que o auxilie no desenvolvimento de competências e habilidades de que as crianças necessitem.

Segundo Almeida (2017, p. 46), diz que:

> Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar a consciência de si mesma, do outro e da sociedade. É aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É oferecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar.

Portanto, o brincar não pode ser relativizado ou desprezado. É uma ferramenta extremamente importante na construção da aula, bem como incorpora valores, aprendizagem e é através dela que se pode ver a essência do aluno. Suas fragilidades e possibilidades.

O brincar na facilitação da aprendizagem

A criança enquanto individuo complexo, tem intrínseco em si vivências e cultura. Diante disso, para potencializar o desenvolvimento da criança é necessário entender o meio em que se encontra interação com a família e comunidade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, definem a criança como:

> Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Usar as brincadeiras para extrair da criança seu melhor, bem como embutir aprendizado, faz parte da arte de brincar. Dar oportunidade para

construir sua identidade lhe dar autonomia, a partir da convivência e relacionamento com as crianças e adultos da escola e possibilitar a integração das crianças através das atividades coletivas, promovendo a socialização permitindo que se desenvolvam através das interações com o meio, é o papel das brincadeiras na sala de aula.

Segundo Brasil (2017, p. 37), diz que:

> A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções.

Existem brincadeiras que estimulam cada fase do desenvolvimento infantil, sendo possível trabalhar diversos estágios, como o cuidado consigo e com o outro, resolução de problemas, com isso desenvolve-se na criança a socialização e cidadania e até a inclusão de crianças com deficiência na brincadeira.

De acordo com Brasil (2017, p. 37):

> Na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.

Portanto, o brincar não só é um direito da criança, como também proporciona a ela a experiência de crescer em estatura e sabedoria. Através da mediação do professor, o discente tem capacidades a serem exploradas

e desenvolvidas ao longo de sua trajetória na Educação Infantil e nos demais anos do ensino fundamental.

A BNCC e a experiência educacional do brincar

A Carta Magma brasileira, instituída em 1988, fala em seu artigo 15, que toda criança e adolescente têm direito à liberdade, respeito, à dignidade como pessoas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos por lei. Ainda no artigo 227 diz: "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1988, p. 59).

Promover o desenvolvimento pleno é um objetivo claro desta lei. E forma um novo olhar sobre a criança, que passa a ser um sujeito de direitos e fonte de acolhimento e aprendizado. Diante disso, a educação infantil no Brasil passou por diversas mudanças ao longo dos anos para atingir o modelo que conhecemos hoje.

Porém, apenas com a Lei de Diretrizes e Bases da educação de 1996, é que a Educação Infantil é marcada em sua história, pois, reconhece a educação infantil como a primeira etapa da educação básica.

Em 2010, houve a busca para disseminação das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, através da Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. E que posteriormente tornar-se-á a base textual para a Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

Segundo Brasil (2017, p. 7), diz que:

> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE).

O Brincar é uma das práticas pedagógicas que está intrínseca na educação infantil, e pensar em crianças, é pensar em brincadeiras. E para assegurar o bom desenvolvimento das crianças, as diretrizes curriculares de 2010, buscaram ofertar proposições para reger de forma ordenada o brincar nas escolas.

Brasil (2009, p.18), diz que:

> A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

A BNCC estabelece referências e diretrizes para as instituições de ensino no que diz respeito à elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para todos os ciclos da educação básica. Para tanto estabelece na Educação Infantil diretrizes de aprendizagem e desenvolvimento e campos de experiências.

Segundo Brasil (2017, p. 25), relata que:

> Devem ser assegurados seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver: Conviver,

> Brincar, Participar, Explorar, Expressar, Conhecer-se. Considerando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, a BNCC estabelece cinco campos de experiências, nos quais as crianças podem aprender e se desenvolver: O eu, o outro e o nós, Corpo, gestos e movimentos, Traços, sons, cores e formas, Escuta, fala, pensamento e imaginação, Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

O brincar é um direito de aprendizagem que pode estar inserido nos demais, onde poderá estar em diferentes momentos e espaços, de forma a somar nas produções. Para Oliveira (2018), as crianças devem participar ativamente das atividades, valorizando suas contribuições culturais, conhecimentos, imaginação, criatividade, experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. Na educação infantil, cada faixa etária possui campos de experiência diferentes." Os campos de experiências precisam ser trabalhados com intencionalidade pedagógica. Realizadas com hora marcada. Elas devem fazer parte de todos os momentos da jornada na Educação Infantil (OLIVEIRA, 2018, p. 12).

Os cinco campos de experiência permitirão ao professor programar a aula como desejar, incorporando os campos de experiência proporcionando momentos interessantes do acolhimento até a despedida do aluno.

A criança tem em sua natureza a curiosidade, precisamos considerar que na Educação Infantil os saberes asseguram-lhe direitos e condições de conviver e aprender. Portando, ainda segundo a BNCC (2017), o professor precisa usar os eixos estruturantes, a saber: interações e a brincadeira, para assegurar-lhes o direito a conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se.

METODOLOGIA

A metodologia qualitativa e bibliográfica utilizada neste trabalho vai se basear no estudo e análise do brincar como ferramenta de aprendizagens na educação infantil para que o desenvolvimento da criança de forma semelhante facilitando sua aprendizagem, pois dessa forma, é impossível pensar em criança e não se lembrar das brincadeiras e o tempo que ela permanece em uma instituição.

Com a pesquisa e leituras dos autores sobre o brincar, sendo eles assim, estes momentos tendem a ser desafiador, prazerosos, significativos e com trocas de descobertas e conhecimentos, e tudo isso é possível através de uma metodologia lúdica. Levando assim, além do brincar uma reflexão sobre o ato valorizado, prevendo uma utilização adequada, prazerosa e que levem ao desenvolvimento das múltiplas aprendizagens.

As crianças pequenas tem um forte interesse por se expressar através de movimentos como o brincar e suas ferramentas, neste contexto, é importante que os instrumentos e brinquedos, estejam ao seu alcance.

Nesse caso, ao invés de definir a "amostra de sujeitos", utiliza-se mais frequentemente o termo "sujeitos incluídos na pesquisa ou grupo de estudo". Uma pergunta importante neste item é: quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado? A boa seleção dos sujeitos ou casos a serem incluídos no estudo é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões (MINAYO, 2006).

Ressalto neste artigo, ferramentas de aprendizagem lúdica para a criança nas atividades com o objetivo de aprender com o ato de brincar, cito aqui a amarelinha, uma das brincadeiras que possibilita e desenvolve habilidade, equilíbrio corporal e conhecimentos numéricos.

Assim e considerada e resgatada a cultura popular, no processo de aprendizagem da criança com o brincar na educação infantil dando novos significados nos momentos de lazer e que podem facilitar a aprendizagem da criança na educação infantil.

Foi introduzido na metodologia com os estudos e pesquisas entre alguns autores e professores, nos fez ver a importância de o conhecimento sobre aprendizagem dentro brincar, para a pratica de um professor.

Fazendo-me entender cada fase importante na vida de uma criança, e na sua construção perante a sociedade.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O objetivo mostrado neste artigo foi realizado a partir das atividades e pesquisas, desenvolvidas através das experiências vivenciadas no cotidiano e prática pedagógica, sendo em educação infantil e livros e alguns referenciais teóricos, os resultados no estudo tendo pontos positivos e os mesmos observados e analisados de forma online e presencial e PDF, mais de muita significância.

Ainda abordando resultados da pesquisa de estudos na sequência da pratica e regência como estagiaria e bolsista, tive experiências boas e ruins, mais sempre pesquisando, organizando e realizando um trabalho relacionado ao brincar, fui abrilhantando e arrumando o tema escolhido para a conclusão do artigo. mesmo assim foram momentos desafiadores, tiver uma certa dificuldade na pesquisar sobre os autores que usei no embasamento teórico, foi preciso realizar muita leitura para abrilhantar o resultado alcançado no trabalho com tema rico o brincar como ferramenta de aprendizagem na educação infantil.

No brincar a criança aprende de uma forma prazerosa, e afetiva mostrando sua capacidade.

Segundo Oliver (2012), brincar é criar, imaginar, interagir com o outro. A brincadeira não só desenvolve o lado motor da criança, como promove processos de socialização e descoberta do mundo. Brincar é um direito das crianças, através das atividades lúdicas elas exploram o seu mundo interior, imitam aspectos da vida adulta para compreendê-la. E ainda, o brincar tem funções lúdicas e educativas ambos com valor pedagógico.

Essa autora relata que a brincadeira pode ser livre ou dirigida, mas é importante que o educador participe das funções para que aconteça o aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve a finalidade de analisar o brincar como ferramenta de aprendizagem na educação infantil. Agora com mais conhecimento adquirido durante todo estudo e pesquisa, sei o quanto é indispensável o ato de brincar, não apenas como uma diversão, mais sim uma forma de educar, socializar, aprender e desenvolver suas aprendizagens com ferramentas facilitadoras nas brincadeiras no âmbito escolar.

E para a realização e sucesso desse tema, o brincar como ferramenta de aprendizagem na educação infantil tendo como linha de pesquisa, os estudos e livros de alguns autores citado nas referências desse trabalho, ainda contando com minha experiência e aprendizagem na pratica pedagógica, adquirida nas vivencias de trabalho em escola municipal.

Então tendo em vista como é prazeroso buscar ferramentas de aprendizagem e desenvolvimento afetivo e cognitivo dos alunos. Sabemos da importância do brinquedo e da brincadeira na educação infantil, como principal objetivo do trabalho, nós como educadores precisamos ter conhecimento, saber e os benefícios que o brincar os proporciona.

Devemos valorizar o brincar nas práticas pedagógicas e oferecer espaços e atividades que o aluno tenha o desenvolvimento de aprendizagem na escola no espaço de recreação, essa é uma atitude do professor que escolhe essa profissão.

Pois, segundo Kishimoto (2005 apud SILVA, 2010, p. 52): "O brincar infantil não é apenas uma brincadeira superficial desprezível, pois no verdadeiro e profundo brincar, acordam e avivam forças da fantasia, que, por sua vez, chegam a ter uma ação plasmadora sobre o cérebro".

Vale salientar que a conclusão deste artigo sendo ele um referencial bibliográfico cientifico e qualitativo dentro do contexto, dará suporte pedagógico aos professores, instituição e proponho aos educadores a fazer uma comparação e analise do embasamento teórico dos autores que utilizei na revisão de literatura, levando-os a refletir e criar ferramentas de aprendizagem para o ato de brincar na educação infantil. Assim dando importância ao desenvolvimento e aprendizado de seus alunos.

Portanto, construí conhecimentos, realizar sonhos, investir em algo, superar desafios onde pais de alunos pensa que o brincar na escola e apenas um passar do tempo, é um dos desafios que me leva a continuar pesquisando e inovando os estudos nas ferramentas de aprendizagem sejam elas crianças com especialidade ou não.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA. M. T. O brincar, a criança e o espaço escolar. *In*: SCHLINDWEIN, L. M.; LATERMAN, I.; PETERS, L. (Org.). **A criança e o brincar nos tempos e espaços da escola**. Florianópolis: NUP, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. acesso em: 12 abr. 2022.

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16 abr. 2022.

BRASIL. **Convenção sobre os direitos da criança**. 1989. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca. Acesso em: 11 abr. 2022.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI)**. Resolução CNE/CEB nº 5/2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf Acesso em: 14 abr. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 199**6. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 16 abr. 2022.

GOMES, B. P. **A importância do brincar no desenvolvimento da criança**. 2008. Disponível: http://aconversacompais.blogspot.com.br/2008/03/importncia-do-brincar-no.html. Acesso em 10 abr. 2022.

KISHIMOTO, T. M. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MIRANDA, M. J. **Estudo dos aspectos ambientais, socioeconômicos e do desempenho motor de crianças residentes nas proximidades do Ribeirão Anicuns, Goiânia – GO**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde) - Universidade Católica de Goiás. Goiânia – GO, 2008.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Abrasco; São Paulo: Hucitec, 2006.

MOREIRA, W. W. (Org.). **Corpo presente**. Campinas: Papirus, 1995.

NANNI, D. **Dança educação, princípios métodos e técnicas**. 2.ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de. **Campos de Experiências**: Efetivando Direitos e Aprendizagens na Educação Infantil. Ministério da Educação. 2018. Disponível em: https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2019/04/Campos-de-Experi%C3%AAncias-PDF-interativo-2.pdf. Acesso em: 16 abr. 2022.

OLIVER, G. C. **A importância do brincar na Educação Infantil**. Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Pedagogia, da Universidade Veiga de Almeida, orientada pelo professor José Luiz de Paiva Bello. Rio de Janeiro – 2012.

SILVIA, I. C. de A.; MADRID, C. de O. **Corpo em movimento na educação infantil**: análise da prática pedagógica. Na rede municipal de ensino de ponta grossa. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26566_13287.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

editora FAMEN

Capítulo 8

A CONTRIBUIÇÃO DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neuma Correia de Siqueira
Evanilda de Brito Lopes
Valdete Batista do Nascimento

8

A CONTRIBUIÇÃO DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neuma Correia de Siqueira[19] **// Evanilda de Brito Lopes**[20]

Valdete Batista do Nascimento[21]

INTRODUÇÃO

As contribuições dos jogos e brincadeiras no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil. O interesse em investigar a importância das contribuições dessas ferramentas advém da necessidade de compreender, conhecer e reconhecer a especificidade das crianças, isto é, a forma como são e estão no mundo e que deve ser o grande desafio da educação de hoje.

A utilização do brincar como ferramenta pedagógica vem sendo objeto de constantes pesquisas e estudos. Nesta perspectiva, este artigo, refere-se a uma análise dessa temática destacando a importância do lúdico no processo de ensino e aprendizagem.

No entanto os jogos e brincadeiras são uma forma de descobrir o mundo que as cerca e estão presentes no cotidiano das crianças, seja em

[19] Formanda Neuma Correia de Siqueira, Curso de Pedagogia pela Faculdade FMB. E-mail: nelmamluna@gmail.com.

[20] Orientadora: Mestre em Ciências da Educação pela /ULHT, Especialização em Políticas Públicas /FIP, Gestão Escolar e Psicopedagogia Institucional e Clinica. Graduada em PEDAGOGIA pela UFRN. Professora da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense/FAMEN. E-mail: evanilda@famen.edu.br.

[21] Mestra em Ciências da Educação, área de especialização em Educação de Adultos, pela UMINHOPT. E-mail: valdetenascimento2060@gmail.com.

creches, escolas, em suas próprias casas, enfim, acontece em qualquer lugar em que a mesma esteja inserida.

Contudo através das atividades lúdicas, as crianças desenvolvem uma linguagem oral, a atenção, o raciocínio, a imaginação, a espontaneidade, a criatividade e a habilidade do manuseio de matérias diversas, além de resgatar suas potencialidades e seus conhecimentos. O uso contínuo de brincadeiras com fins pedagógicos remete-nos para a relevância desse instrumento em situações de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

Nesta visão o presente artigo buscou como objetivo geral analizar a importância e as contribuições que os jogos e brincadeiras proporcionam para as crianças aprenderem de forma prazerosa.

Assim, através do brincar as crianças interagem umas com as outras, desenvolvendo suas habilidades e ampliando seu intelecto, sem ter a "obrigação" de aprender; tudo acontece de forma espontânea, pois os jogos e brincadeiras auxiliam a criança no processo de pensar, imaginar, criar e se relacionar comos demais, e como objetivos específicos mostrar a importância do brincar no processo de ensino e aprendizagem, reconhecer o brincar e o jogar como as principais metodologias da Educação Infantil e como um instrumento para que a criança aprenda a viver no meio social, identificar o brincar como direito da criança e analizar a atuação do educador na utilização das brincadeiras como ferramenta de aprendizagem.

REVISÃO DE LITERATURA

As brincadeiras são extremamente importantes no aprendizado das crianças, pois são atividades que reúnem, interessam e exigem

concentração das crianças. A partir de jogos, brinquedos e brincadeiras, a criança consegue criar, imaginar, fazer de conta, experimentar, medir, enfim aprender.

Define-se brincadeira como "ação de brincar ou de se divertir" (BRINCADEIRA, 2022). Entretanto os alunos da educação infantil estão em uma fase lúdica, na qual brincar é um direito legitimo e uma maneira de desenvolver-se amplamente.

Kishimoto (2010, p. 37) afirma que:

> O brincar é a atividade principal do dia a dia para as crianças. Pois neste momento a criança toma decisões, expressa sentimentos, valores, conheci a si, os outros e o mundo, repete ações prazerosas, partilhar brincadeiras com o outro, expressa sua individualidade e identidade, explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo, usar o corpo, os sentidos, os movimentos, as várias linguagens para experimentar situações que lhe chamam a atenção, solucionar problemas e criar. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados.

Porém sobre os aspectos de Vygosky (1984, apud WAJSKOP, 2007), afirma que: "é na brincadeira que a criança consegue vencer seus limites e passa a vivenciar experiências que vão além de sua idade e realidade, fazendo com que ela desenvolva sua consciência ".

No entanto por outro lado os jogos e brincadeiras são um excelente recurso pedagógico em que o professor deve utilizá-los na sala de aula, esses recursos devem ser usados não apenas como diversão, mas também como meio para a construção de conhecimentos em situações formais de aprendizagem.

Ainda em relação ao jogo e aprendizagem Kishimoto (2011, p. 41) afirma que:

> Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surgem a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para o brincar, o educador está potencializado as situações de aprendizagem.

Assim, a dimensão educativa surge quando o professor utiliza as atividades lúdicas de forma intencional, com objetivos estabelecidos, tendo em vista, desenvolver aprendizagens dos alunos. Nesse sentido, os jogos podem ser utilizados como um dos instrumentos pedagógicos para ensinar conteúdos na educação. Pois quando se joga está sendo praticado, direta e profundamente, um exercício de coexistência e de reconexão com a essência da vida.

Para Lopes (2005, p. 35), "o jogo para criança é o exercício, e a preparação para a vida adulto". De acordo com as ideias da autora, a criança aprende brincando, ela afirma que o jogo para a criança é o exercício que a faz desenvolver suas potencialidades. A autora ainda nos diz que enquanto a criança está simplesmente brincando incorpora valores, conceitos e conteúdo.

Portanto, os jogos e as brincadeiras são situações privilegiadas de aprendizagens, onde o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos, exatamente pela possibilidade de interação entre os pares em uma situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdo, a partir do lúdico criam-se espaços para a ação simbólica e a linguagem podendo ser trabalhado com limites e regras entre a imaginação e o real.

Piaget (1998) diz que, a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança sendo por isso, indispensável à prática educativa.

Já Queiroz (2009, p. 389) "destaca que a atividade lúdica é essencial para a criança porque estimula a inteligência, a imaginação, a criatividade, ajuda o exercício de concentração e atenção, favorecendo a formação da motricidade infantil".

Portanto pode-se afirmar que o brincar e o jogar, são de extrema importância na vida de qualquer criança, especialmente na primeira infância, pois através dos mesmos a criança entra em contato com situações diversas, desenvolve e estimula a linguagem, além de favorecer o desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor, social e moral.

Além disso o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil RCNEI, Brasil (1998) afirma que, por ser tão importante para o desenvolvimento das crianças o lúdico é um assunto de interesse para os profissionais da educação.

> O jogo tornou-se objeto de interesse de psicólogos, educadores e pesquisadores como decorrência da sua importância para a criança e da ideia de que é uma prática que auxilia o desenvolvimento infantil, a construção ou potencialização de conhecimento (BRASIL, 1998, p. 2010).

Diante do exposto, o lúdico favorece a aprendizagem na educação infantil. Sendo especificado que os jogos e brincadeiras contribuem para o ensino educativo das crianças. Sabemos que é quase impossível imaginar uma criança que não goste de brincar, que não se deixa envolver pela imaginação, e é por isso que nesse processo, criança e brincadeira fazem uma combinação perfeita.

Nesse sentido Teixeira (2010) afirma que, para que o brincar aconteça, é necessário que os professores tenham consciência do valor das brincadeiras e do jogo para a criança, o que indica de estes profissionais conheçam as implicações nos diversos tipos de brincadeiras, bem como saber usá-las e orienta-las.

Portanto vale ressaltar que este profissional deve saber usar e utilizar os jogos e as brincadeiras nas aulas como recurso pedagógico. O mesmo ao utilizá-los deve planejar a sua aplicação. Pois Maluf (2009) nos diz que o educador antes de aplicar uma atividade lúdica, deve saber criar, organizar, agir, mostrar, ajudar e avaliar a atividade proposta.

Então, o professor, como mediador da aprendizagem, deve fazer uso de novas metodologias, procurando sempre incluir na sua prática as brincadeiras, pois seu objetivo é formar educandos atuantes, reflexivos, participativos, autônomos, críticos, dinâmicos e capazes de enfrentar desafios.

A História do Lúdico na Educação Infantil no Brasil

A palavra lúdica se origina do latim *ludus* que significa brincar. Em relação à origem das atividades lúdicas, há registros antecedentes a milhares de anos atrás e suas primeiras referências são de aproximadamente 3.000 a.C.

O autor Kishimoto (2014, p. 88) afirma que:

> As brincadeiras e os brinquedos não nasceram como tais. Surgem de práticas de adultos, de rituais religiosos, astrológicos, relações com a magia, representações sobre a natureza, os espíritos, a vida e a morte, e parte de romances, poemas e narrativas. Muitos se preservam até os tempos atuais e parece em diversas situações, como

> par lendas de invocações à Lua praticadas antigamente no Egito em Babilônia que aparecem nos textos religiosos por volta de 3.000 anos a.c. Nos dias atuais, elas são encontradas entre os índios da América, negros da África, primitivos da Austrália e da polinésia, indígenas da Ásia e no Brasil.

Na história antiga há relatos de que o ato de brincar era desenvolvido por toda a família, até quando os pais ensinavam os ofícios para seus filhos. Uma atividade lúdica é uma atividade de entretenimento, que dá prazer e diverte as pessoas envolvidas.

No entanto os índios, os portugueses e os negros foram os precursores dos atuais modelos e maneiras de desenvolvimento do lúdico que mantemos até hoje, no Brasil. Nos últimos séculos, houve no Brasil, uma grande mistura de povos e raças, cada qual com suas culturas, crenças, educação. Umas diferentes das outras e também com sua forma de desenvolvimento da ludicidade entre seus pares; todavia essa herança torna nosso país ainda mais rico do ponto de vista cultural e educacional.

Porém é na fase da Educação Infantil que o lúdico é bastante significativo para todos os envolvidos com o processo de desenvolvimento e aprendizagem. Sobretudo a ludicidade perpassa toda nossa vida, facilitando o desenvolvimento e a aprendizagem justamente por ser um espaço psicológico de criação, como temporalidade própria e promotora de relaxamento com relação à realidade.

A fase da Educação Infantil é o processo em que se exige a maior atenção, neste período de desenvolvimento da personalidade infantil, não existem maneiras de isolar o brincar ou jogar, a ludicidade está sendo estudada como um processo essencial no desenvolvimento humano, por isso é bom que o educador tenha um olhar mais atento e cuidadoso. Hofmann (2009), diz que: "brincadeira se aprende, porque o prazer e a

descoberta estão envolvidos nessa relação (visceral). Quem brinca age, coloca-se, vivencia situações que lhe expõe a conflitos, a evoluções, ou a conservação de valores".

Na educação infantil o lúdico é uma forma de aprendizagem que permita que a criança aprenda socialmente, além de serem umas das ferramentas mais bem sucedidas para estimular o cognitivo e o desenvolvimento, ajudando na concentração, memória e todos os aspectos básicos do aprendizado.

Além disso, os jogos e brincadeiras fazem parte da infância, pois é no brincar que as crianças desenvolvem a imaginação, aprendendo que existe um mundo real e um mundo de imaginário.

Jogos e Brincadeiras ao Longo da História uma prática de aprendizagem

Ultimamente muitos projetos e trabalhos acadêmicos têm enfatizado que o lúdico no universo infantil tem a função importante de formação da criança. E pesquisadores como Kishimoto, Piaget, Vygotsky, entre outros estudiosos, reafirmam essa função do lúdico para o ensino aprendizagem das crianças. Mas, na antiguidade, conforme explica Kishimoto (2005, p. 29), "[...] muitos jogos tradicionais infantis são atestados pela obra do Rei de Castille Aliponse X que, em 1283, redigiu o primeiro livro sobre os jogos na literatura europeia".

Ao longo da história, foram surgindo ideias divergentes em relação aos jogos: para uns, representavam a possibilidade de fazer a criança gastar mais energias e dar um pouco de tranquilidade; para outros, representava a possibilidade de preparar a criança para a vida, despertando o ponto de equilíbrio. Porém não era cristã, em relação aos jogos, era imposta uma

educação disciplinadora, não havendo condições para a expansão dos jogos, considerados maléficos pela sociedade cristã.

No entanto já não era renascentista, os jogos e brincadeiras retomam seu espaço. Final do século XIX e começo do século XX foram enfatizados a necessidade de se preservarem os costumes infantis e as coleções lúdicas era tratada como relíquias. Ao se socializar, a criança entra em contato com outros amigos, habitua-se a considerar o ponto de vista de outras crianças e isso estimula o pensamento, havendo uma troca leve na construção do desenvolvimento.

Porém na década de 1920 à década de 1960, o jogo era usado como contexto para a pesquisa de outras atividades. Já nas décadas de 1950 a 1970 ressaltam-se a importância da comunicação no jogo, distinguindo mensagens, regras, normas, respeito às mesmas e à conscientização da importância da ordem. O jogo é o brincar em um contexto de regras e com objetivo predefinido.

Para Almeida (2000, p. 22), "o ato consiste em uma atividade livre, conscientemente tomada como não séria e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total".

Sendo assim acredita-se que através do uso dos jogos, possa-se difundir e estimular nos educandos, o seu desenvolvimento lógico e interesse no conteúdo ao qual estão estudando.

Entretanto além desses critérios, o professor deve estar atento também à idade e auxiliar a criança na utilização do brinquedo até que esteja apta a brincar sozinha. O professor deve participar das brincadeiras, demonstrando prazer e estimulando-as a participar. No jogo a criança se sente livre e se expressa facilmente.

Portanto a brincadeira foi introduzida no cotidiano da criança, inibidamente, despertando suas capacidades próprias diante de impulsos e

de estímulos. Com os jogos e brincadeiras, adultos e crianças têm objetivos em comum de unir laços de amizade.

A contribuição dos Jogos e Brincadeiras como instrumento pedagógico

Os jogos e brincadeiras utilizadas de forma adequada como recurso pedagógico poderão contribuir para o processo de aprendizagem das crianças na escola, especialmente na educação infantil, pois estes recursos neste contexto retêm o interesse da criança possibilitando assim, o seu desenvolvimento global de habilidades necessárias para processo educativo.

Diante do exposto, é importante relatar que as contribuições dos jogos e brincadeiras como recurso pedagógico, desperta na criança o interesse pelo aprender através de vivências prazerosas. Acreditamos que brincando a criança aprende, se socializa, assimila regras, integra-se ao grupo, aprende a dividir, a competir, a cumprir regras. Sabendo disso a escola pode valer-se do uso de materiais concretos e de jogos e brincadeiras para facilitar a aprendizagem e tornar as aulas mais agradáveis e eficazes.

De acordo com Teixeira (2010, p. 44), "brincar é fonte de lazer, mas é, simultaneamente, fonte de conhecimento; é esta dupla natureza que nos leva a considerar o brincar como parte integrante da atividade educativa". Nesse sentido, podemos perceber que o brincar assume duas concepções diferentes, pois, por meio dessa atividade, ao mesmo tempo em que a criança está se divertindo ela está produzindo conhecimentos.

No entanto os jogos e brincadeiras são excelentes recursos pedagógicos, e que os professores devem utilizá-los na sala de aula, esses recursos devem ser usados não apenas como diversão, mas como meio para a construção de conhecimentos em situações formais de aprendizagens.

Assim, esses recursos são muito importantes para o ensino aprendizagem, e devem ser utilizados como facilitador do desenvolvimento dessa aprendizagem.

Almeida (2017), assinala que jogos e brincadeiras são ótimas ferramentas educativas, portanto, é preciso que os professores os adotem como práticas cotidianas no processo de ensino aprendizagem. É importante que os/as professores/as refletissem e adotassem novas metodologias, utilizando jogos e brincadeiras como facilitadores da aprendizagem, porque possibilita as crianças aprenderem de forma prazerosa e significativa.

Portanto compreendemos a importância do lúdico no processo de ensino aprendizagem na educação infantil, sendo indispensável para a construção e compreensão dos conhecimentos e, também, para o desenvolvimento da criança. Afinal o uso de jogos e brincadeiras no processo ensino aprendizagem torna a aprendizagem mais atraente, pois as crianças aprendem brincando e o professor também é envolvido nesse processo. Enfim o uso dessas ferramentas como recursos pedagógicos devem estar inseridos no contexto escolar.

METODOLOGIA

Os estudos realizados têm caráter bibliográfico e qualitativo, que é um processo sistemático para a construção do conhecimento humano através de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos periódicos e materiais disponíveis na internet.

A pesquisa bibliográfica, conforme Andrade (2010, p. 1), [...] "é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em

que se baseará o trabalho". Consistem no levantamento, seleção, e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa.

Segundo Macedo (1994, p. 13), a pesquisa bibliográfica: "Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação".

Desta forma para Lakatos e Marconi (2003, p. 183): "[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras".

O principal foco nesses estudos é analisar os dados que foram encontrados durante a pesquisa, de forma que os estudos especifiquem ainda mais os critérios encontrados, baseando-se nos autores que afirmam a importância de se trabalhar com jogos e brincadeiras na educação infantil. Sendo que a pesquisa mostra a importância do lúdico no processo de socialização das crianças, como também a contribuição no processo de ensino aprendizagem, através dos jogos, dos brinquedos e das brincadeiras.

É de suma importância fazer desse assunto um fator primordial a ser trabalhado por todos os pedagogos, professores, comunidade, escola e familiares que tenham a intenção de educar, sabendo que isto não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, mas sim ajudar a criança a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O referido estudo está estruturado mediante pesquisas, utilizando o método qualitativo sobre o tema em estudo. Mediante pesquisas foi constatado que se deve oferecer uma aprendizagem significativa às crianças na educação infantil. Sendo os jogos e brincadeiras instrumentos

pedagógicos altamente importantes, mais do que entretenimentos são um auxilio indispensável para o processo dessa aprendizagem.

Sabemos que o brincar é uma atividade natural da criança, dessa maneira, o educador deve aliar a atividade de brincar com atividades de ensino, pois aprender para as crianças através desses instrumentos pedagógicos se torna uma aprendizagem mais envolvente, estimuladora e significativa.

Nesse sentido, o jogo e a brincadeira são importantes para que a criança se integre ao grupo, forme pares com quem tem mais afinidades, desenvolva o raciocínio-lógico dentre outras conquistas. Sendo que a fundamentação de Maluf (2009, p. 41), diz que "Durante as atividades lúdicas, os educadores podem perceber traços de personalidade do educando, de seu comportamento individual e coletivo e o ritmo de seu desenvolvimento".

A ideia dessa autora ressalta que por meio da brincadeira o professor conhece a criança e influencia no processo de aprendizagem. Além disso, a afetividade dos professores com seus alunos conta muito, é preciso dar mais do que uma simples aula, deve-se dar também, carinho, atenção e afeto, tudo isso ajuda muito para que a criança se sinta protegida e tenha um bom desenvolvimento.

Por fim, podemos afirmar que a ludicidade na escola pode ser vista como um instrumento capaz de estimular a criança a situações favoráveis de aprendizagem. Pode ser entendida também, como forma geral de expressão de domínios espontâneos através de jogos, brincadeiras e brinquedos, e assuntos corriqueiros na vida de crianças em idade pré-escolar.

Constatou-se, portanto, que a brincadeira é uma necessidade inerente ao ser humano em qualquer idade e não deve ser vista apenas

como diversão e sim como um processo facilitador na construção do saber e inserção do real no mundo da criança.

Portanto o brincar na educação infantil, tem sido objeto de estudo, sendo sempre levada em conta a grande importância que há nos momentos em que as crianças brincam e assim tem o seu desenvolvimento cognitivo cada vez mais ampliado.

A atividade em que a brincadeira está presente torna o ambiente da aprendizagem bem mais enriquecedor, pois, o ato de educar não está restrito simplesmente a um quadro de escrever e uma carteira onde o aluno fica sentado, vai além da transmissão de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao termino dessa pesquisa concluiu-se que as atividades lúdicas influenciam de forma significativa no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da criança infantil. Sendo que ficou evidente à importante contribuição do uso de jogos e brincadeiras como instrumento pedagógico no processo de ensino aprendizagem dos alunos, sendo reconhecido como um elemento facilitador desse processo na ação do educador em sala de aula, tornando assim a aprendizagem em algo prazeroso e envolvente.

Pode-se constatar ainda que o lúdico proporcione também o crescimento da criança, não sendo somente um recurso didático benéfico para o aprendizado, já que os jogos e brincadeiras atuam em áreas do progresso infantil, como: mobilidade, inteligência, civilidade, afetividade e criatividade. Por meio dos jogos e brincadeiras o educando evolui sua personalidade executa informações, trabalha o processo cognitivo, motor e organiza suas emoções.

Diante das brincadeiras as crianças têm a capacidade de desenvolver as funções psicológicas, como: memória, controle de conduta e etc. Nesse processo a criança libera suas energias e as transformam em realidade, conclui-se que a compreensão sobre a importância da ludicidade é bastante significativa, pois auxilia tanto na saúde física, quanto na saúde mental do ser humano.

Portanto, percebemos a importância da ludicidade no planejamento pedagógico, proporcionando conquistar um espaço em que jogos e brincadeiras se façam presentes no cotidiano escolar, como instrumento pedagógico para o ensino. Na qual, a contribuição das atividades lúdicas para a aprendizagem seja em a criança aprender de maneira agradável e significativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. N. **Educação Lúdica**. São Paulo: Loyola, 2000.

ALMEIDA, M. T. P. de. O brincar, a criança, o espaço escolar. *In*: SCHLINDWEIN, M. L.; LATERMAN, Il.; PETERS, L.(orgs.). **A criança e o brincar nos tempos e espaços da escola**. Florianópolis: NUP, 2017.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de
trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

BRINCADEIRA. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2022. Disponível em: https://www.dicio.com.br/brincadeira/. Acesso em: 11 abr. 2022.

HOFMANN, A. A. *et al*. **O lúdico na prática pedagógica**. Curitiba: Universidade Laterana do Brasil (Ulbra), 2009.

KISHIMOTO, T. M. (org). **Jogos, brinquedos, brincadeira e a educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KISHIMOTO, T. M. (org). **O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KISHIMOTO, T. M. (org.). **O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, M. da G. **Jogos na educação**: criar, fazer, jogar. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

MALUF, A. C. M. **Atividades lúdicas para a educação infantil**: conceitos, orientações e práticas. 2. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2009.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para a

fundamentação do trabalho de pesquisa. São Paulo, SP: Edições Loyola,1994.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

QUEIROZ, M. M. A. **Educação infantil e ludicidade**. Terezinha: Edufpi, 2009.

TEIXEIRA, S. R. de O. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca**: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Wark, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

editora FAMEN

Capítulo 9

A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ENTRE FAMILIA E ESCOLA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM

Patrícia Alves do Nascimento
Evanilda de Brito Lopes

9
A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ENTRE FAMILIA E ESCOLA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM

Patrícia Alves do Nascimento[22] **// Evanilda de Brito Lopes**[23]

INTRODUÇÃO

A família por ser o primeiro ambiente social, simboliza tambem o principal espaço que leva os indivíduos a viver em sociedade, tendo assim a responsabilidade de assegurar que os individuos cresçam e se desenvolvam de forma plena. É no campo familiar que os indivíduos recebem as primeiras orientações, dão os primeiros passos, falam as primeiras palavras e tambem é na família onde o sujeito começa a conhecer os seus direitos e deveres.

Portanto, a família introduz a criança na sociedade, e deve acompanhar o desenvolver desse sujeito afim de mostrar-lhe situações e experiências e inspirações responsáveis por ensinar os valores éticos e as normas ligadas a sociedade como um todo.

Nesse processo de desenvolvimento e educação do sujeito, a família tem por parceira a escola. Ou seja, a escola não é a única responsável no processo de educar, visto que cabe a instituição escolar o envolver do processo formativo mas a educação já deve começar desde a convivencia familiar. Costuma-se dizer "que a família educa e a escola ensina", ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida

[22] Formanda Patrícia Alves do Nascimento. Curso de Pedagogia pela Faculdade FMB. E-mail: pathynhafelix6@gmail.com
[23] Orientadora: Mestre em Ciências da Educação pela /ULHT, Especialização em Políticas Públicas /FIP, Gestão Escolar e Psicopedagogia Institucional e Clinica. Graduada em PEDAGOGIA pela UFRN. Professora da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense/FAMEN. E-mail: evanilda@famen.edu.br.

em sociedade e à escola instruí-los, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência (OSÓRIO, 1996, p. 82).

A escola é um campo responsável por garantir o aprendizado atraves da mediação de conhecimentos, tornando-se um lugar de formação de condutas, construção do pensamento e promoção da criatividade. Neste caso, faz-se primordial a integração da escola com a família, levando em consideração que os princípios morais que são doutrinados no espaço familiar serão levados para o ambiente escolar, do mesmo modoque o quê se é instruído na escola será inserido no espaço familiar.

Portanto, a referida pesquisa elegeu como principais autores como, Freddo (2004), Weber (2007) Nogueira (2006), entre outros norteiam esta reflexão com base nos estudos desenvolvidos sobre o processo educativos distintos, é o mesmo processo que deve ser continuado nos dois ambientes, família e escola devem interagir e se ajudar no processo de formação e desenvolvimento do sujeito. A escola e a família são fundamentais para transmissões dos conhecimentos, desta forma não é responsabilidade apenas da escola a formação do carater da criança, mas complementar o papel da família.

É muito provável que se de certa continuidade entre o apego, "o estilo educativo e as estruturas que caracterizam as respectivas famílias. Isso quer dizer que o modo como se configuram as estruturas familiares possivelmente depende do estilo de apego existente entre pais e filhos e do modo como a criança e o adulto se relacionam" (FREDDO, 2004, p. 56).

No âmbito Educacional há muitos desafios para estabelecerem uma relação produtiva entre ambas as partes família eescola, havendo assim uma carência de encontrar meios que auxiliem para que ambas as instituições atuem de forma cooperativa, ou seja, em regime de

colaboração, tornando-se eixos essenciais no desenvolvimento do ser humano.

Percebe-se que a família é instituída emblematicamentedas relações sociais como um todo, pois o início de toda a vida tem origem numa família. E que com isso pode se disser que não há ninguém no planeta que não descenda da geração anterior ou quesejaparente, mesmo que distante de determinada família. Por isso é de fundamental importância para a vida dos indivíduos.

Assim, a educação como parte integrante e formadora da sociedade tem atribuições claras nas ações e atividades desenvolvidas pelo o aluno. A transição da família como unidade econômica para uma compreensão igualitária se deu em decorrência dos avanços da humanidade, que se transforma de acordo com os valores e ideais predominantes em cada momento histórico.

Na família a educação é intencional, deliberada, carregada de valores, não é organizada, planejada e controlada, mas também faz parte do processo educativo do indivíduo. Toda informação quando assimilada pelo educando interfere na sua concepção de mundo o apego, família e educação constituem os pilares sobre os quais a criança configura sua estrutura emocional, bem como características e peculiaridades importantes de sua personalidade e de seu modo pessoal de estar no mundo.

REVISÃO DE LITERATURA

A família no processo educacional

A família é a primeira instituição na qual o sujeito é inserido, no seio familiar acontecem às primeiras experiências, as primeiras alegrias, os primeiros aprendizados e também a apresentação dos primeiros limites, direitos e deveres. É na família que está o alicerce para todas as outras experiencias que virão a seguir. Pensar uma proposta educacional de sucesso é pensar uma proposta educacional que contemple a família dentro do processo educativo do sujeito.

A família é o ambiente primeiro do cuidado e do educar. Sobre isto, Osório (1996, p. 24) define família como:

> A família é uma instituição cujas origens remontam aos ancestrais da espécie humana e confundem-se com a própria trajetória da evolução. - A organização familiar não é exclusiva do homem, vamos encontrá-las em outras espécies animais quer entre os vertebrados, como também, entre os invertebrados. Assim como na espécie humana, também entre os animais se encontram distintas formas de organização familiar. Há famílias nas quais após o acasalamento a prole fica aos cuidados de um só dos genitores, geralmente a fêmea; mas também poderá ser o macho quem se encarrega dos cuidados com os descendentes, como em certas espécies de peixe.

As crianças crescem sendo educadas pelo exemplo que recebem dos adultos com quem convivem, costumam imitá-los nos gestos e nas ações. Assim aprendem a falar, andar, comer da maneira correta, tomar banho e etc. São os estímulos, as repetições, os exemplos recebidos em casa, que primeiro ensinam as crianças a estarem na sociedade.

Perceber os limites do que é tarefa da escola e do que compete a família é importante para manter uma relação saudável. A pessoa responsável pela criança é tão ensinante quanto o professor ou professora em sala de aula, todos estão diretamente ligados ao processo de desenvolvimento e aprendizagem da mesma.

Fernandes (2001, p. 42) nos afirma que:

> (...) a família também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes e as atitudes destes frente às emergências de autoria, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos.

Não é função primeira da escola educar em termos de limites e de valores, mas dar continuidade e apoio a estes limites e valores que são aprendidos em casa juntos aos pais ou responsáveis. A escola está no processo formativo da criança e não se pode pensar este processo separadamente da educação recebida em casa. São os pais que ensinam conscientemente ou não seus filhos, é ali no cotidiano familiar que vai sendo construídas as primeiras situações de aprendizagem. As primeiras frustrações e os primeiros sucessos ao desenvolver algo.

De acordo com Durkheim, (1978, p, 41):

> A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial que a criança particularmente se destine.

Portanto, acreditar e trabalhar dentro da perspectiva de uma boa relação família e escola é dar à criança a oportunidade de se preparar para a vida. É pensar o sujeito como um todo, em todas as suas particularidades e mediando um crescimento e desenvolvimento saudável. Quando a escola abre as portas para a família e a família entende o fazer da escola, a educação ganha um olhar diferenciado por todos os envolvidos neste processo. Sobre a parceria família e escola.

Segundo Mittler, (2003, p. 213):

> Uma verdadeira parceria, como em qualquer relação próxima, implica respeito mútuo baseado em uma vontade para aprender com o outro, uma sensação de propósito comum, um compartilhamento de sentimentos. Esses princípios e valores são relevantes para serem trabalhados com todos os pais e mães, mas eles representam somente a pedra fundamental de uma relação de trabalho com as famílias, as quais são diferentes entre si e têm necessidades distintas.

Nesse sentido, é notória a melhora nos resultados escolares quando a família está inserida no processo. Na teoria quanto as atividades escritas e o desenvolvimento nos conteúdos ensinados ou na prática da convivência com o professor e colegas de sala, fica claro que quanto maior o envolvimento e participação dos pais na vida escolar das crianças também maiores serão os resultados na vida educacional e pessoal das mesmas.

Na ótica de Carvalho, (2000, p. 144):

> A família que está por trás do sucesso escolar, salvo exceções, ou conta com uma mãe em tempo integral ou uma supermãe, no caso daquelas que trabalham muitas horas exercendo o papel de professora dos filhos em casa, ou contratando professoras particulares para as chamadas aulas de reforço escolar e até mesmo psicólogas nos casos mais difíceis.

O apoio familiar não só deve existir como é parte importante na aprendizagem e para a aprendizagem do sujeito. A criança sente quando esta parceria família e escola estão acontecendo, sente quando está indo mal e sente quando não acontece. Desde o auxílio em uma atividade passada para casa até uma ida ao colégio para se informar quanto ao desempenho da criança nas atividades de sala ou o relacionamento com os demais coleguinhas. Nisto, os pais ou responsáveis vão tomando posturas diferentes quando os resultados sejam eles positivos ou negativos vão começando a aparecer.

Na Idade Média Ariès (1978, p. 95) as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, tanto na forma de se vestir, como na participação em eventos, se relacionavam com a criança da mesma forma que o faziam com outro adulto, sem discriminação, falando vulgaridades e brincadeiras grosseiras, e até mesmo com brincadeiras sexuais. Isso ocorria porque não acreditavam na inocência da criança e não percebiam que tinham características diferentes das do adulto; assim, as crianças eram percebidas como adultos em tamanho reduzido.

A comunicação entre o professor e os responsáveis

Alguns pais se posicionam como acompanhantes do processo, mas de forma a fiscalizar, não se envolvem de fato, apenas fiscalizam de forma rígida o que está sendo feito, outros não acompanham e não se envolvem a não ser no fim do ano buscando o resultado esperado, há ainda pais que aceitam que a criança se comporte como bem entender, não acompanha as tarefas e não se informa quanto os resultados. No entanto, há também aqueles pais e responsáveis que de fato acompanham, se envolvem e

participam de forma ativa deste processo que acontece de casa para a escola e da escola para casa.

Segundo Weber (2007, p. 21):

> O estilo autoritário, o estilo permissivo, o estilo negligente, e o estilo participativo. O estilo autoritário se caracteriza por pais altamente exigentes, impõem regras e limites rígidos e inflexíveis, com o objetivo de conseguirem obediência e controle. Os negligentes são aqueles que permitem tudo a seus filhos, mas não possuem papel de educadores, estabelecem poucos limites e oferece pouco afeto e com seus filhos desenvolvem baixo desempenho, e uma maior probabilidade de depressão, pessimismo, baixa - e estresse. Por fim, o estilo mais adequado que é o participativo, que se caracteriza por pais com alto nível de exigência, porém, estão sempre acessíveis para conversas e trocas. Este estilo de pais impõe bastantes limites, contudo, compensam com muito afeto.

Somos apresentados a quatro estilos diferentes de responsáveis no processo de ensino. Os que impõem regras, mas que porem somente a fim de conseguir controle e obediência, não há uma flexibilidade voltada para o desenvolvimento da afetividade. De contra partida temos os que permitem tudo, não há limites assim como também não há afetividade. Não há erro em ser exigente assim como não há erro em ser flexível, no entanto é preciso haver um equilibro.

Para Nogueira (2006, p. 161):

> Os pais tornam-se, assim, os responsáveis pelos êxitos e fracassos (escolares, profissionais) dos filhos, tomando para si a tarefa de instalá-los da melhor forma possível na sociedade. Para isso, mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, sobretudo face ao sistema escolar o qual, por sua vez, ganha importância

> crescente como instância de legitimação individual e de definição dos destinos ocupacionais.

São os pais que devem guiar as crianças em sua jornada na vida. A criança não é capaz de discernir sozinha entre o certo e o errado se não for anteriormente orientada por um adulto. As ações deste adulto são copiadas e tidas como certa pela criança que está aprendendo e interagindo com tudo a sua volta à medida que lida com seu próprio corpo, desenvolvimento e crescimento. A importância deste contato próximo com os pais é imprescindível para uma boa formação.

Quanto ao professor por sua vez, há dois pontos principais que devem ser levados em consideração, a família não está presente para avaliar sua pratica pedagógica e nem deve o fazer, visto que o profissional que está em sala de aula é capacitado para desenvolver as atividades junto aos alunos e assim deve encontrar na família.

No entanto, ao professor foram atribuídas ao longo dos anos muitas outras funções além de ensinar os conteúdos. Exige-se atualmente uma gama de habilidade que vão além de ministrar uma aula ou de identificar as ferramentas necessários para a aprendizagem acontecer em sala de aula. À medida que são exigidas diversas competências do educador, a valorização do profissional não segue o mesmo ritmo.

Segundo Esteve (1995, p. 100), afirma que:

> No momento atual o professor não pode afirmar que a sua tarefa se reduz apenas ao domínio cognitivo. Para além de saber a matéria que leciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho em grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual etc.: a tudo isso pode somar-se a atenção aos alunos especiais integrados na turma.

Ensinar não é apenas saber um conteúdo de uma disciplina, não é apenas criar as atividades a serem desenvolvidas com a classe. Em meio a uma sala de aula existem diversos alunos e cada um deles aprende e se expressa de maneira singular e particular. Conseguir olhar cada aluno individualmente e também os considerar dentro de um grupo é algo que exige tempo, dedicação e estudo.

Entendendo a parceria família/escola

As ações para uma educação bem sucedida vão desde o reconhecimento da importância do fazer família ao fazer pedagógico por parte do professor e por parte da família. A educação surge como um processo parte de um projeto pra vida daquele sujeito, uns processos continuam que trará significados que ficarão por muito tempo e até mesmo para sempre na vida de cada indivíduo.

Falar de parceria no fazer educacional é falar sobre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, contemplar isto é entender que neste processo está um sujeito que precisa de afeto, orientação e cuidados. Pensar a relação da escola junto a família como uma parceria, diz muito sobre o que se deseja nesta relação.

Nisto, é preciso pensar como a escola permite a entrada da família, como conversam e se estão em sintonia no que esperam desta parceria. A família também deve por sua vez se responsabilizar pelo sucesso desta parceria agindo de forma responsável e presente no acompanhamento da criança. Neste sentido, Piaget afirma que:

Piaget (1984, p. 50) nos esclarece que:

> Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades.

Na parceria família e escola, se faz necessário que o processo de formação aconteça antes do ambiente escolar, proporcionando assim que haja um desenvolvimento da ligação afetiva entre os responsáveis e seus filhos. Quando acontece isto, o resultado é uma aprendizagem leve, satisfatória e significativa para o aluno, a família e a escola. O bom desenvolvimento da relação da criança com sua família permite à escola desenvolver seu trabalho com maior confiança e segurança.

Paro (1997, p. 30) nos mostra que:

> A escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar umas formações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometida com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano.

A escola precisa ser um ambiente acolhedor, um lugar onde a família possa dar continuidade a tudo que envolve a educação de seus filhos. Aos pais por sua vez, é preciso participar, estar inserido e incluso no fazer educacional. Não dá pra matricular a criança e não acompanhar, não dá pra exigir algo da escola e não dar continuidade em casa, a criança não pode ser submetida a exemplos e estímulos completamente diferentes nestes dois

ambientes. Se faz necessário uma comunhão entre o que é vivenciado na família e no ambiente escolar.

Por vezes a escola sente-se ameaçada quando a família busca adentrar o espaço escolar e por outro lado, a família por vezes acredita que quando a escola procura a família é para responsabilizá-la pelo comportamento inadequado da criança. Família e escola não devem ter receio de conversar, quando dialogam conseguem romper barreiras e alcançar resultados incríveis.

Para Osório (1996, p. 82):

> Talvez essa seja uma concepção por demais simplista para equacionar as relações entre a família e a escola em nossos dias, mas qualquer avanço na discussão de até aonde vai o papel da família e onde começa o da escola nos conduziria a outro patamar de considerações que extrapolam os limites da contestação à pergunta formulada.

A escola não está para fiscalizar o trabalho da família ou vice-versa, ao contrário disto, ambas podem se ajudarem de forma mutua e conseguir assim que o processo de aprendizagem aconteça de forma natural e prazerosa nos dois ambientes. Por fim, nota-se que esta parceria quando realizada da maneira correta tende a trazer bons resultados e uma aprendizagem de qualidade.

METODOLOGIA

A metodologia apresentada neste trabalho foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica e qualitativa, através da investigação científica de obras já publicadas de uma pesquisa descritiva em busca de dados que possam contribuir para a reflexo acerca do tema escolhido. Espera-se

refletir sobre a importância dos pais no meio escolar e a influência da relação família e escola no aprendizado dos alunos. Bem como, ressaltar que a escola tem a missão colaborar junto à família na formação do aluno.

A instituição família, bem como a instituição escolar, são ferramentas primordiais no desenvolvimento social, emocional, cultural e cognitivo do indivíduo, ao mesmo tempo em que são transmissoras do conhecimento e dos valores éticos culturais.

A metodologia da pesquisa bibliográfica que busca selecionar os trabalhos e teóricos que tratam do tema procedendo à revisão da literatura no contexto atual, ao passo que possibilita o surgimento de novas percepções sobre o papel da família no processo de ensino-aprendizagem

Como descrito por Polonia, (2005, p. 22), relata que: "Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino e aprendizagem" Já na família, os métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social. Entretanto, a família não é o único contexto em que a criança tem oportunidade de experiência e ampliar seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento.

A família é o berço da formação de regras, princípios e valores, outras instituições assim como a escola, possuem também o papel muito importante nesta formação moral. A escola se organizando de forma democrática, oportunizando uma vivência cidadã dessa forma, promove o nascimento e crescimento do respeito mútuo e o desenvolvimento da autonomia, ingrediente para formação moral.

Contudo pensar na escola como um espaço físico destinado ao ensino e único lugar onde acontece a educação é um erro, a educação ocorre em tempos e espaços distintos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo dessa pesquisa muitas famílias vivem em dificuldades, como por exemplo, as dificuldades de as famílias terem acesso as decisões que a escola tem em relações aos alunos como as graves, distúrbios mentais, atividades contra a lei, envolvimento com drogas. Também contestamos que existem modelos de famílias que convivem no mesmo teto filhos, pais, avós e dividem a renda familiar.

A escola deve incluir e considerar a participação dos pais nas atividades, uma vez que o aluno ao sair da escola é responsabilidade dos pais auxiliar seus filhos nesses deveres para que a aprendizagem.

Assim é responsabilidade da família e instituições de ensino assumir e desempenhar a sua função, sempre uma completando a outra, não permitindo lacunas, assim teremos uma educação de qualidade, lembrando que a criança é um ser ativo, que depende dessa integração para seu desenvolvimento.

Corroborando Caetano (2009), a instituição escolar moderna deve conceber seu trabalho educativo em conexão com as vivências trazidas de casa pelo educando. Assim a escola buscará contribuir para uma continuidade entre a educação familiar e escolar.

Observou-se, porém, que a estrutura familiar hoje cada vez mais complexa tem dificultado nessa relação. Todavia, não se pretende aqui esgotar o assunto, mas apenas apontar mais alguns caminhos que a nós nos parecem relevantes para o enfrentamento das dificuldades encontradas nesse processo, ou seja, dificuldade de relacionamento entre a família e a escola. Portanto, no momento em que escola e família alcançarem uma parceria na maneira como irão favorecer a educação de seus filhos, muitas desordens hoje analisadas em sala de aula, serão aos poucos excedidas.

Portanto, é óbvio pensar numa proposta institucional em que todos os saberes sejam canalizados para fornecer a criança o conhecimento necessário a uma formação digna que está em concordância com as demandas em cada sociedade e que possam surtir efeito positivo na formação ética e moral da criança, fornecendo os elementos culturais necessários a tomada de decisões viáveis e significativas, do ponto de vista da socialização e da organização mental que precisa para atuar frente aos eventos que ocorrem na família e na comunidade onde se insere.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola não tem a possibilidade sozinha de levar adiante a responsabilidade de educar e ensinar, tendo em vista que são muitos os desafios atuais que envolvem o processo educacional. Em suma, a escola tem responsabilidade de ensinar os conteúdos e a família de educar a criança. Da mesma forma que a escola procure estratégias para que possibilite a ligação mostrando para família o real valor da sua participação na vida acadêmica dos seus filhos.

Conclui-se que a temática investigada e apresentada no desenvolvimento desta pesquisa é uma análise que nos leva a refletir sobre a importância da parceria da família e escola como ferramenta facilitadora na aprendizagem dos alunos. Para isto, refletiu-se acerca do papel da família e sua atuação junto a escola.

Portanto, esta abordagem serviu para despertar, na pessoa do pedagogo, assim como, em todos os outros profissionais que lidam com o processo de organização de ensino e aprendizagem.

É de extrema importância que haja uma boa relação família/escola no processo de ensino e aprendizagem do aluno ao longo de sua vida

educacional e o quanto essa interação entre as partes aqui citadas concretiza-se quando ambas estão unidas em um único objetivo que é a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno.

O trabalho também permitiu que curiosidades a sobre escola e família fossem manifestadas, o que não significa dizer que todas as dúvidas foram esclarecidas, sendo um tema instigador que procurou abordar as instâncias educacionais pelas quais o indivíduo caminha; família, escola e sociedade, com esse estudo, identificaram que as dificuldades existentes na relação família e escola é uma realidade apresentada na maioria das instituições de ensino.

Concluímos que a educação não é uma tarefa que a escola possa realizar sozinha sem a cooperação da família. Sendo assim, levamos em consideração que a família e a escola buscam atingir os mesmos objetivos, devem elas interagir juntas, para superar dificuldades e conflitos que diariamente angustiam os profissionais da escola e também os próprios alunos e suas famílias.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1978.

CARVALHO, M. E. P. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**. São Paulo: Cad. Pesqui, 2000.

CAETANO, L. M. **Dinâmicas para reunião de pais**: Construindo a parceria na relação escola e família. São Paulo: Paulinas, 2009.

DURKHEIM, É. **Educação e sociologia**. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. *In*: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto, 1995.

FERNANDES, A. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREDDO, T. M. **O ingresso do filho na escola**: o polimento dos espelhos dos pais. Passo Fundo: UPF, 2004.

MITTLER, P. **Educação Inclusiva**: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

NOGUEIRA, M. A. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação&Realidade**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 155-169, jul/dez, 2006.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PARO, V. H. **Qualidade do ensino**: a contribuição dos pais. 1997.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

POLONIA, A. da C.; DESSEN, M. A. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola**: Psicologia Escolar educacional. 2005.

editora FAMEN

Capítulo 10

A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA FORMA LÚDICA DE APRENDIZAGEM

Rozangela Souza da Silva
Evanilda de Brito Lopes

10

A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA FORMA LÚDICA DE APRENDIZAGEM

Rozangela Souza da Silva[24] **// Evanilda de Brito Lopes**[25]

INTRODUÇÃO

O presente artigo discute sobre: A importância das brincadeiras na educação infantil uma forma lúdica de aprendizagem. Dessa forma, vendo a importância de uma educação de qualidade no âmbito escolar, realizou-se um trabalho de pesquisa com um enfoque na aprendizagem do docente da educação infantil cujo tema foi: o brincar no desenvolvimento da educação infantil. Objetivando sensibilizar que o brincar e uma ferramenta que contribui para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança, haja vista que, quando as crianças estão mais preparadas para atuar com a brincadeira na educação infantil o desenvolvimento do mesmo é bem mais satisfatório.

Para a criança se desenvolver bem, precisa de uma base que contribua com o êxito do processo de ensino e aprendizagem, sendo necessária uma nova postura dos professores perante a aprendizagem e o desenvolvimento de seus alunos, avaliando a contribuição das brincadeiras para o desenvolvimento e formação das crianças.

[24] Formanda Rozangela Souza da Silva, Curso de Pedagogia pela Faculdade FMB. E-mail: Rozangelasouza23@gmail.com.
[25] Orientadora: Mestre em Ciências da Educação pela /ULHT, Especialização em Políticas Públicas /FIP, Gestão Escolar e Psicopedagogia Institucional e Clinica. Graduada em PEDAGOGIA pela UFRN. Professora da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense/FAMEN. E-mail: evanilda@famen.edu.br.

Espera-se que o trabalho auxilie na relação de professores e alunos, já que, o desenvolvimento do mesmo através da brincadeira proporcionou um novo olhar para as brincadeiras em salas de aula da educação infantil. Portanto o brincar cada vez mais faça parte no processo de aprendizagem, e que proporciona aos alunos situações em que os mesmos possam raciocinar descobrir, persistir e perseverar.

Dessa forma, o lúdico se faz uma ferramenta rica, pois ao brincar o aluno mostra suas ideias e pensamentos sobre o mundo que o rodeia. Portanto, para a construção acadêmica buscou-se como fundamento teórico os autores que desempenham pesquisas sobre a importância do brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil: Vygotsky (1984; 2003), Piaget (1976), Oliveira (2000), Kishimoto, (2009), entre outros de renome.

O brincar é algo falado e trabalhado com muita frequência entre os professores da educação infantil e que determina como os mesmos reconhecem o valor atribuído ao ato de brincar, levando em conta a relevância para a aquisição do aprendizado da criança em sala de aula.

Segundo Piaget (1976), a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança. Ela não é apenas uma forma de desafogo ou algum entretenimento para gastar energia das crianças; constitui um meio que enriquece e contribui para o desenvolvimento intelectual.

Sabemos que o professor não necessita ensinar a criança a brincar, pois é uma atitude advinda da criança espontaneamente, mas o mesmo deve estar preparado para mediar determinadas atividades lúdicas, fazendo o uso de novas metodologias, procurando sempre incluir na sua prática as brincadeiras, cabendo também a ele oferecer um espaço favorável, onde a criança possa se sentir feliz e prouver no ato de brincar como ferramenta de aprendizagem.

Como diz Borba (2007, p. 46) "se incorporarmos, de forma efetiva, a ludicidade das nossas práticas, estará potencializando as possibilidades de aprender e o investimento e o prazer das crianças no processo de conhecer".

Assim, os professores são peças fundamentais para uma educação de qualidade de cada criança na educação infantil, ou seja, são aqueles que devem orientar seus alunos, para que sejam atuantes, reflexivos, participativos, críticos, dinâmicos e autônomos, capazes de superar obstáculos.

São inúmeros casos mostram que o despreparo de alguns professores, comprometem o momento de reinar de seus alunos em sala de aula, entendendo que é desnecessária a execução de atividades recreativas, acreditando que as mesmas não favorecem ao aprendizado significativo, pois são vistas como algo para à hora do recreio e não atribuições para serem aplicada em sala de aula. Um dos fatores que impossibilita o brincar dentro do âmbito escolar, é a resistência dos professores em não utilizar novas ferramentas de aprendizagem.

Nesse contexto, o professor precisar levantar o questionamento; o porquê das brincadeiras para as crianças no contexto escolar? Precisamos entender que a crianças hoje são vistas como cidadãos com direitos ao brinquedo e a brincadeira, essa é a concepção de criança e infância nos dias atuais.

Se os brinquedos, os jogos e as brincadeiras são direitos das crianças, precisamos compreender o porquê é um direito da mesma e qual a sua importância, a criança precisa ter tempo e espaço para brincar, é a brincar que aprende o que ninguém lhe pode ensinar.

Assim, é muito importante que os professores da educação infantil, comecem a entender que seus alunos têm no brincar não apenas uma forma de recreação, mas também é a forma mais completa que a criança tem de

comunicar consigo mesma e com o mundo. Verificamos que as escolas têm recebido alunos dos mais variados tipos de cultura, onde os alunos exteriorizam seus comportamentos que foram construídos nas suas bases familiares.

O referido artigo está dividido em introdução, revisão literatura, a necessidade de a criança brincar na educação infantil, o brincar inserido no contexto da educação infantil e as brincadeiras e a escola um espaço de aprendizagem para a criança. Também discutimos sobre a metodologia, os resultados e discussão por fim as considerações e as referências.

REVISÃO DE LITERATURA

A necessidade do brinca na educação infantil

As brincadeiras acontecem em determinados momentos no universo cotidiano das crianças, neste contexto, Oliveira (2000) aponta o ato de brincar, como sendo um processo de humanização, no qual a criança aprende a conciliar a brincadeira de forma efetiva, criando vínculos mais duradouros. Assim, as crianças desenvolvem sua capacidade de raciocinar, de julgar, de argumentar, de como chegar a um consenso, reconhecendo o quanto isto é importante para dar início à atividade em si e em vivencia grupal.

O brincar se torna importante no desenvolvimento da criança de maneira que as brincadeiras vão surgindo gradativamente na vida da criança desde os mais funcionais até as de regras.

Ainda de acordo com Carvalho (1992, p. 28) acrescenta, mais adiante:

> Assim o ensino absorvido de maneira lúdica, passa a adquirir um aspecto significativo e afetivo no curso do desenvolvimento da inteligência da criança, já que ela se modifica de ato puramente transmissor a ato transformador em ludicidade, denotando-se, portanto, em jogo.

Nesse sentido, as brincadeiras são elementos elaborados que proporcionarão experiências, possibilitando a conquista e a formação da sua identidade como um ser pensante crítico reflexivo como podemos perceber, os brinquedos e as brincadeiras são fontes inesgotáveis de interação lúdica e afetiva, portanto para uma aprendizagem eficaz é preciso que o aluno construa o conhecimento e assimile os conteúdos. O jogo e as brincadeiras são excelentes recursos para facilitar a aprendizagem.

Neste sentido, Carvalho (1992, p. 14) afirma que:

> Desde muito cedo o jogo e as brincadeiras na vida da criança é de fundamental importância, pois quando ela brinca, explora e manuseia tudo aquilo que está a sua volta, através de esforços físicos se mentais e sem se sentir coagida pelo adulto, começa a ter sentimentos de liberdade, portanto, real valor e atenção as atividades vivenciadas naquele instante.

Com isso, a inserção das brincadeiras na educação Infantil, e de suma importância para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, e com todas as tecnologias hoje inseridas nos brinquedos das mesmas, vem à necessidade de se resgatar as brincadeiras tradicionais que hoje parecem pouco utilizadas.

O brincar inserido no contexto da educação infantil

Para a educação infantil, o ato de brincar está presente na vida da criança em todo o seu processo de desenvolvimento, sendo responsável, também, pelas diferentes formas de modificação do comportamento, na formação de personalidade, nas motivações, necessidades, emoções, valores, interação criança/família e criança/sociedade. É através da utilização do brinquedo que a criança explora o mundo, que conhece formas de agir, que aprende a se socializar, que incorpora diversos tipos de comportamentos.

Para Marinho (2007 p. 70), "a utilização da brincadeira durante o processo de ensino-aprendizagem é de extrema importância", sendo assim, a criança acaba ficando cada vez mais motivada a aprender, pois acaba sentindo prazer durante o aprendizado, que é sempre acompanhado de um novo desafio, é através desse desafio que a criança acaba desenvolvendo sua criatividade, espontaneidade e aprendendo a aceitar regras.

Na visão de Vygotsky (1989), na situação de brincadeira a criança se projeta nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores. Ela começa a adquirir a motivação, as habilidades e as atitudes necessárias para sua participação social, que só pode ser completamente atingida com a interação dos companheiros da mesma idade.

Nesse sentido, as brincadeiras usadas na situação escolar podem criar condições para a criança avançar no seu desenvolvimento cognitivo, porém elas precisam ser cuidadosamente planejadas pelo professor. As generalizações e os significados que a criança retira na situação de brincar precisam ser discutidos e trabalhados pelos adultos para que possam tornar-se um conceito específico (CÓRIA; LUCENA, 2005). Vê-se, portanto, que para as autoras, o brincar é mais do que mero entretenimento infantil.

Portanto, o desenvolvimento cognitivo na situação escolar é auxiliado pela brincadeira, se bem coordenada e planejada pelo professor. Além disso, as autoras ressaltam ainda o desenvolvimento das habilidades e atitudes na vida social da criança, quando interagem e brincam com outras.

Assim, a crianças desenvolvem jogos simbólicos, criam regras quando começam a se socializar ou até mesmo em brincadeiras isoladas. Além disso, pode-se dizer que a brincadeira auxilia no desenvolvimento emocional e afetivo da criança, bem como algumas áreas do domínio cognitivo.

Para Marinho (2007, p. 197) diz que "a criança desenvolve sua capacidade de criar através da brincadeira, e que nem sempre o significado das ações que a criança desenvolve, durante essa atividade", são os que aparentam ser, o que é mais fácil de entender quando ele relata que O brincar pode ser entendido como capacidade de criar da criança e está relacionado com suas vivências.

Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente experimentada. No ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e têm um significado diferente daquele que aparentam ter Marinho (2007, p. 84). É através das brincadeiras, que as crianças iniciam e desenvolvem a sua interação social, aprendendo a conviver com outras pessoas e encontram a capacidade de resolver problemas enfrentados durante a vida.

Partindo dos estudos realizados sobre desenvolvimento e aprendizado na teoria de Vygotsky, se fez necessário realizar uma abordagem da importância dos brinquedos e das brincadeiras, buscando demonstrar qual a visão que o autor Vygotsky tem a respeito da utilização de brinquedos e brincadeiras no ato educacional. Sobre os brinquedos,

Vygotsky (2003), frisa que este não deve ser definido como um objeto que dá somente prazer à criança, pois outras atividades além do brinquedo são prazerosas, mesmo existindo jogos que só irão ocasionar prazer se o resultado for favorável à mesma.

Além disso, na idade final da pré-escola, a criança só considera o brinquedo interessante quando ela vence um jogo esportivo ou quando ela consegue obter um resultado que julga ser interessante. Ainda que o brinquedo não somente proporcione prazer para a criança, Vygotsky (2003, p. 122). Afirma-nos que é indispensável sua utilização, pois através dele a criança completa seu desenvolvimento. A maturação das necessidades é um tópico predominante nessa discussão, pois é impossível ignorar que a criança satisfaz certas necessidades no brinquedo. Se não entendermos o caráter especial dessas necessidades, não podemos entender a singularidade do brinquedo como forma de atividade.

Desse modo, é possível afirmar que desde muito cedo as crianças mantém relações de aprendizado e desenvolvimento através de suas interações com outros indivíduos. Para Vygotsky (2003), essas interações com o tempo vão se fortalecendo e influenciando de modo afetivo no processo de maturação e passam a ser representadas através do ato de brincar, de modo que a criança cria um mundo próprio, "imaginário".

Esse mundo ilusório ou imaginário em que a criança se envolve para satisfazer seus desejos não realizáveis é o que Vygotsky (2003), denomina brinquedo. É através da imaginação que a criança desenvolve o brinquedo, que ela cria coisas inatingíveis e momentâneas para satisfazer suas vontades de forma fantasiosa.

As brincadeiras e a escola um espaço de aprendizagem para a criança

A brincadeira está associada à criança há séculos. Mas foi através de uma ruptura de pensamento que a brincadeira passou a ser percebida e valorizada no espaço educacional das crianças menores. No passado, o que se via era o brincar apenas como forma de fuga ou distração, não lhe sendo conferida o caráter educativo. O brincar tem a função sociais e integradora. A sociedade moderna cada vez mais tem sofrido transformações em relação ao brincar e ao espaço que se tem para brincar, os pais e os filhos têm pouco tempo para ficarem juntos e brincar.

A escola acaba sendo a única fonte transmissora de cultura, onde ainda existem espaços para as crianças brincarem, tendo os profissionais de educação a incumbência de ensinar e resgatar as brincadeiras populares, mas não só isso, como também o jogo deve fazer parte do cotidiano das crianças, e seria usado como uma nova forma de transmitir conhecimento, pois a atividade lúdica é benéfica ao aprendizado.

De acordo com Almeida (2005, p. 5):

> A brincadeira se caracteriza por alguma estruturação e pela utilização de regras. A brincadeira é uma atividade que pode ser tanto coletiva quanto individual. Na brincadeira a existência das regras não limita a ação lúdica, a criança pode modificá-la, ausentar-se quando desejar, incluir novos membros, modificar as próprias regras, enfim existe maior liberdade de ação para as crianças.

Assim, a prática da brincadeira na escola promove aspectos diversos na criança que serão de suma importância para o seu desenvolvimento biopsicossocial, sendo imprescindível para uma formação sólida e completa. Segundo Wajskop (2007, p. 25), "A criança desenvolve-se pela

experiência social nas interações que estabelece, desde cedo, com a experiência sócia histórica dos adultos e do mundo por eles criado". Dessa forma, a brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se um modo de assimilar e recriar a experiência sociocultural dos alunos.

Portanto, o brincar vai desde a sua prática livre até uma atividade dirigida, com regras e normas. Os jogos são ótimos para desenvolver o raciocínio lógico, e também para o desenvolvimento físico, motor, social e cognitivo, e atualmente a aplicação desta nova maneira de transmissão de conhecimento é até mais fácil pelos recursos e metodologias disponíveis para o professor.

Para a criança o brincar é uma forma de se expressar que acontece em qualquer momento, e na escola é uma ótima oportunidade de criar ocasiões que potencializarão todo o aprendizado e desenvolvimento através das brincadeiras. Por tudo isso e muito mais, brincar também é coisa para se fazer na escola a equipe pedagógica da Educação infantil tem se debruçado nesse universo tão conhecido e muitas vezes pouco fundamentado do brinca.

A partir de estudos e reflexões, novas propostas vêm sendo planejadas no dia a dia dos alunos, a fim de ampliar cada vez mais os espaços da escola, como os pátios e o parque, são modificados e reorganizados semanalmente pela comissão de professores, engajados em ampliar as possibilidades do brincar no decorrer da rotina.

Assim, os Jogos e brinquedos são selecionados com o objetivo de instigá-las a novos desafios. Durante muito tempo, a sociedade considera a escolinha e a creche como os lugares em que as crianças iram para brincar, por não terem idades e maturidade para entender certas coisas, enquanto que a escola nas séries iniciais seria o lugar de estudar, não tendo espaço

para jogos e/ou brincadeiras. Porém, estudos demonstraram a função do lúdico como instrumento, metodologia e ferramenta facilitadora da aprendizagem, sendo, portanto, incorporado e contextualizado nas diversas disciplinas

Para Kishimoto (2009, p. 54):

> Deve-se ficar atento quando a utilização do lúdico, tendo em vista que a utilização da atividade na escola tem uma concepção diferente da utilizada na casa, ao se utilizar da ferramenta do jogo na área educacional tem como objetivo o desenvolvimento da aprendizagem e da formação integral do educando, enquanto que em casa nas brincadeiras diárias o objetivo é o entretenimento.

Com essa ótica a implementação do lúdico como caráter recreativo e didático se faz presente na maioria das escolas, mostrando que os educadores reconhecem a importância do lúdico no desenvolvimento dos educandos, e o seu papel na construção da individualidade e das relações interpessoais (KISHIMOTO, 2009). Sendo portando necessária sua valorização no âmbito escolar mediante a construção de jogos, brinquedos e o resgate das brincadeiras.

METODOLOGIA

O referido artigo cientifico fez uso da pesquisa bibliográfica e qualitativa que é uma modalidade de estudo científico tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos. Como característica diferenciadora ela pontua que é um tipo de estudo direto em fontes científicas, sem precisar recorrer diretamente aos fatos e fenômenos da realidade empírica.

Nesse sentido, as instituições de Educação Infantil mostraram-se indispensável que elas busquem a expansão dos aspectos biológicos, físico, motores, cognitivo, afetivo e emocional das crianças na fase pré-operacional, bem como estimulem as percepções visuais, auditivas, sinestésico corporal, olfativas, gustativas e táteis cabe ao professor da Educação Infantil usar metodologias que possibilitem um ensino aprendizagem de qualidade.

Os educadores quando agem como mediadores em brincadeiras e jogos possibilitam a troca pedagógica de conhecimentos. É essencial ao professor da educação infantil por meio de planejamento, comprometimento e dedicação exercer sua profissão com compromisso, responsabilidade e amor, pois além da função de mediar o aprendizado e a construção do conhecimento, eles são modelos pessoais, precisam transmitir segurança, confiança e acolher a criança compreendendo suas necessidades e desejos implícitos.

RESULTADO E DISCUSSÃO

A escola deve considerar que a necessidade de brincar para aprender mais rápido é indispensável, sobretudo na infância a ocupação do tempo livre das crianças com a construção das brincadeiras na educação infantil com atividades prazerosas e desejastes. Principalmente, neste processo de urbanização, em que se vive hoje, em que à criança é levada ao consumismo e à alienação no seu modo de vida.

Para Barros (2002, p. 12) Assim, "a importância do lúdico, bem como os brinquedos e brincadeiras residem como importantes instrumentos que as escolas devem adotar de forma interdisciplinar para o desenvolvimento e para a aprendizagem," pois as atividades lúdicas por se tratarem de ações

que visam o prazer fazem com que os indivíduos aprendam da criança, pois não é exercida uma pressão para que tal conteúdo seja aprendido, apenas é aprendido na medida em que vão se divertindo.

Nessa perspectiva cara que o professor atue na educação infantil é necessário que desenvolva uma série de habilidades e competências necessárias à sua prática pedagógica, uma vez que as crianças são mais dependentes, necessitam de um cuidar, brincar e educar. É fundamental que o professor construa vínculos a partir da interação com a criança, através do diálogo, respeitando a forma de manifestar-se dessa criança, percebendo-a como um ser competente.

Kishimoto (2009, p. 125) esclarece que:

> Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. É aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É oferecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher, entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. Educar é preparar para a vida.

Para que isso ocorra, é necessária uma abertura por parte do professor para as múltiplas linguagens das crianças e para o lúdico, características da cultura infantil que permeiam todas as suas manifestações.

O professor de a Educação Infantil levar em conta as características das crianças e reconhecer as necessidades infantis e seus direitos. Pode-se afirmar que o papel do educador frente ao desenvolvimento infantil é de uma importância ímpar, pois permite que sejam proporcionadas experiências diversificadas e enriquecedoras, que venham desenvolver na

criança as suas capacidades cognitivas, despertando a confiança em si, sentindo-se amada e respeitada.

Nesse sentido. o desenvolvimento de tais competências na criança é bastante significativo, uma vez que, se o professor mantém a relação com a criança pautada na afetividade, esse processo se torna mais seguro. Fica patente a ideia de Aquino (1996, p. 50) quando afirma que:

> Os laços afetivos que constituem a interação professor-aluno são necessários à aprendizagem e independência da definição social do papel escolar, ou mesmo um maior abrigo das teorias pedagógicas, tendo como base o coração da interação professor-aluno, isto é, os vínculos cotidianos.

Porém tudo isso é um processo longo, que deve ser feito de forma contínua e dinâmica, daí a importância de se ter em mente o objetivo que se pretende alcançar na escola. Não se pode deixar de citar outro aspecto referente ao cotidiano das escolas: o profissional deve tratar a todos com igualdade, portanto, não tecer elogios e fazer comparações entre as crianças, para que não se sintam rejeitadas; todas, sem exceções, devem receber o mesmo tratamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluído o nosso raciocínio poderíamos dizer que os estudos e as atividades através das brincadeiras fazem parte da formação humana e são imprescindíveis ao desenvolvimento geral do indivíduo, pois funcionam como linguagem, meio de expressão e comunicação, instrumento de alegria, diversão, práticas de emoções e construção do conhecimento.

Constatou-se que o direito de brincar é previsto em lei, e contribui para o aperfeiçoamento e aquisição de habilidades e competências indispensáveis, pois é uma transição pelas etapas do desenvolvimento de suas potencialidades e melhora as aptidões físicas e cognitivas, estimula a imaginação, expressão, levando as crianças a estabelecerem relações e buscarem soluções para conflitos sociais e pessoais. Sabe-se que as brincadeiras promovem interação interpessoal, estimula o aprendizado da negociação de regras de convivência, promove a possibilidade de a criança aprender a levantar hipóteses, solucionar problemas e por consequência ter acesso a um mundo mais amplo.

Com base nessas concepções a ação de brincar deve ser propagada em suas diferentes formas, ora pela atividade espontânea, ora pela dirigida, ora pela individual ou em grupos, com interação ou sem a integração de outras crianças ou adultos, pois o mais importante é saber que através da função imaginária ou jogo simbólico o afeto, memória e criatividade, motricidade, linguagem, percepção e representação são aperfeiçoados causando uma maturação individual.

Conclui-se que, é essencial aprimorar as metodologias aplicadas no cotidiano da educação infantil, expondo a importância do brincar. Cabendo às escolas o papel de promover conhecimento aos pais e educadores através de palestras e encontros, a fim de informar e esclarecer dúvidas sobre como auxiliar na formação do aluno e qual a importância que as brincadeiras possuem, compondo um relacionamento de parceria entre comunidade escolar e família, a fim de uma educação voltada à formação integral e humana das crianças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. **Ludicidade como instrumento pedagógico**. 2009. Disponível em: http://www.cdof.com.br/recrea22.htm.

ALMEIDA, M. T. P. O Brincar na Educação Infantil. **Revista Virtual E F Artigos**, Natal/RN, vol. 03, n. 01, maio, 2005.

AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

BRASIL. MEC. SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** (RCNEI). Brasília: MEC, 1998.

BARROS, J. L. da C. **A valorização da ludicidade enquanto elemento construtivo do modo de vida das crianças em nossos dias**. 2002.

BORBA, Â. M. A brincadeira como experiência de cultura na educação infantil. **Revista Criança do professor de educação infantil**, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

CARVALHO, A. M. C. *et al*. (Org.). **Brincadeira e cultura**: viajando pelo Brasil que brinca. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

CÓRIA-SABINI, M. A.; LUCENA, R. F. **Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2005.

MARINHO, H. R. B. **Pedagogia do movimento universo lúdico e psicomotricidade**. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2007.

KISHIMOTO, T. M. Educação Infantil no Brasil e no Japão: acelerar o ensino ou preservar o brincar? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógico**s. Brasília, v. 90, n. 225, p. 449-467, maio/ago. 2009.

OLIVEIRA, V. B. (org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1976.

VYGOTSKY, L.S. **A formação Social da mente**. São Paulo: Martins Cortez, 1984.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. 6. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
https://educacao.estadao.com.br/blogs/escola-eduque/o-espaco-do-brincar-na-escola/. acesso em: 01 mar. 2022.

WAJSKOP, G. **Brincar na pré-escola**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Posfácio

Profa. Ms. Valdete Batista do Nascimento
Diretora Geral da Faculdade FAMEN

POSFÁCIO

Os resultados das narrativas presentes nos capítulos, de forma geral, apontam para uma dupla constatação: 1) a proposta institucional do curso de Pedagogia EaD da Faculdade FMB consiste em uma experiência de aproximação dos licenciandos com o paradigma emancipador da formação docente ampliando a profissionalidade criativa e crítica dos futuros professores; e que 2) a Graduação EaD da Faculdade FMB possibilita a ampliação do profissionalismo dos egressos por meio de ações de formação desenvolvidas tanto em ambientes escolares como em diferentes contextos educativos de atuação do pedagogo.

O e-book revela que a graduação em Pedagogia da Faculdade FMB no formato EaD possibilitou aos acadêmicos o desenvolvimento de contundente postura profissional, uma vez que nas suas experiências formativas, seja teórica ou prática, puderam ir além das expectativas, exercitando, com autonomia, práticas reflexivas de intervenção pedagógica, que conduziram para abundante desenvolvimento e aprendizagem.

A proposta da graduação em Pedagogia da FMB, por um lado, privilegia a ampliação de espaços e tempos pedagógicos voltados para a aquisição de conceitos, procedimentos e atitudes, exaltando os princípios e valores da formação profissional transformadora e, por outro, articula o curso de formação inicial dos futuros pedagogos com práxis em ambientes educativos para conduzir à formação humana integral dos estudantes.

O rico currículo de formação articulado de forma dinâmica possibilitaram aos graduandos a interação entre teoria e prática nos contextos escolares, entre formação inicial e continuada nos espaços reflexivos, possibilitando oportunidades investigativas para intervenção, no

sentido de que a pesquisa como prática pedagógica deve partir e retornar aos contextos educativos, suscitando discussões sobre as práxis apoiadas em reflexão sobre o trabalho na educação, sobre os estudos de educação e sobre as ciências que colaboram com o pensamento da educação.

Enfim, entendemos que a Graduação EaD da Faculdade FMB em Pedagogia, assegurou aos egressos saberes, competências e habilidades que lhes permitem realizar *práxis* transformadoras em diferentes contextos educacionais. A experiência dos autores deste e-book ressalta a colaboração do curso de Pedagogia da FMB para o pensar crítico dos seus pedagogos concluintes.

Profa. Ms. Valdete Batista do Nascimento

Diretora Geral da Faculdade FAMEN (2019-atual)

A **Faculdade Metropolina Norte Riograndense (FAMEN)** é credenciada pela **Portaria nº 665/MEC, publicada no Diário Oficial da União em 22 de março de 2019**. Entre as atividades vinculadas ao ensino superior, a Faculdade oferece serviços acadêmicos da **EDITORA FAMEN** que objetiva a difusão de conhecimento por meio de e-books, livros impressos, periódicos (revista científica e jornal eletrônico), anais de eventos e repositório institucional, sendo vinculada à Diretoria de Pesquisa da Faculdade.

A **EDITORA FAMEN** é especializada em publicar conhecimentos relacionados ao campo da educação e a áreas afins por meio de plataforma on-line, como também em formato impresso. O endereço eletrônico para acessar as suas publicações e demais serviços acadêmicos é o www. editorafamen.com.br.

A **EDITORA FAMEN** realiza edição, difusão e distribuição de produções editoriais seguindo uma Política Editorial qualificada e baseada nas seguintes linhas: acadêmica, técnico-científica, produção didático-pedagógico, produção artístico-literária e cultura popular.

Formato: E-book/PDF
Tipologia:

Natal/Rio Grande do Norte
2023

Não encontrando nossos títulos na rede de livros conveniados e informados em nosso site contactar a Editora Faculdade FAMEN: Tel: (84) 3653-6770 www.editorafamen.com.br editora@famen.edu.br

O manuscrito eletrônico intitulado "Por uma Pedagogia do Desenvolvimento Humano", vinculado ao curso de Pedagogia da Faculdade do Maciço de Baturité (FMB), por meio da Educação à Distância (EaD), na cidade de Ielmo Marinho no estado do Rio Grande do Norte (RN). O livro online tem como foco contribuir para a divulgação de resultados de pesquisas científicas na área das ciências da educação.

Sistematizado para socializar pesquisas realizadas no intervalo entre 2021 e 2022, possui caráter interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, ao receber contribuições de diversas áreas e campos de saberes. O manuscrito disponibiliza por meio de versão eletrônica acesso internacional e gratuito para as ideias relacionadas ao campo da educação. O livro "Por uma Pedagogia do Desenvolvimento Humano" possui 10 (dez) capítulos que abordam diversos temas em torno da Pedagogia.